

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em Educação

Tese

Ensaio sobre a dor na docência
Uma escrita antro-po-fenomenológica

Deonir Luís Kurek

Pelotas, 2009

Deonir Luís Kurek

Ensaio sobre a dor na docência
Uma escrita antro-po-fenomenológica

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Dra. Lúcia Maria Vaz Peres

Pelotas, 2009

Banca examinadora:

Dra. Lúcia Maria Vaz Peres (Orientadora)

Dra. Eliane Teresinha Peres (UFPEL/RS)

Dr. Jarbas dos Santos Vieira (UFPEL/RS)

Dra. Marie-Christine Josso (Genebra/Suíça)

Dra. Margarete May Berkenbrock Rosito (UNICID/SP)

Dra. Valeska Fortes de Oliveira (UFSM/RS)

Resumo

KUREK, Deonir Luís. **Ensaio sobre a dor na docência: uma escrita antropológico-fenomenológica**. 2009. (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

O que fundamentou este trabalho foi a possibilidade de realizar uma reflexão sobre a dor na docência, sob a perspectiva da antropologia do imaginário, procurando, por meio da escrita apoiada em suportes teóricos, literários, intimações do vivido e da memória do autor, contribuir com as discussões sobre os sentidos das dores vivenciadas na profissão docente. O texto caracteriza-se como ensaio e tem como base teórica principal dois autores: Gilbert Durand e Gaston Bachelard. Tomando a fenomenologia sob a ótica do primeiro e a antropologia sob a do segundo, o texto demonstra o caminho de reflexão do autor. Caminho onde escrita e reflexão se construíram concomitantemente, sendo esta uma característica do que, neste trabalho, se quer definir como *escrita antropológico-fenomenológica*. Este caminho teve como fontes, além dos teóricos já mencionados, outros autores da filosofia e também da literatura e da poesia. Dado que a intenção foi de trabalhar a possibilidade de falar sobre dores que são vividas em solidão: dores vividas, mas não facilmente narradas, buscou-se uma aproximação via imagens literárias. Dessa forma, utilizou-se imagens literárias na composição da reflexão, principalmente as da casa, por se acreditar na possibilidade de que, na aproximação com tais imagens, possa-se construir saberes para o entendimento sobre as referidas dores. Visando possibilidades de convergências com outros professores, possíveis leitores do trabalho, defende-se a tese de que trabalhando com estes suportes, uma leitura poética da dor na docência pode constituir-se em possibilidade para produção de sentidos que implique em valorizações de imagens belas e de ações para preservá-las e não o sucumbir numa gravidade irreversível.

Palavras-chave: Dor. Docência. Poesia. Memória. Imaginário.

Abstract

KUREK, Deonir Luís. **Essay on pain in teaching: an anthropo-phenomenological writing**. 2009. (Doctoral Program) – Postgraduate Education Program. Federal University of Pelotas, Pelotas.

This paper was based on the possibility to accomplish a reflection on pain in teaching, under the perspective of the anthropology of imaginary, through a theoretical and literary writing also supported by the author's life intimations and memory, in order to contribute with discussions about the meanings of pain experienced in teaching. The text is characterized as an essay and lies on two authors' theories: Gilbert Durand and Gaston Bachelard. Taking phenomenology in the first one's view and anthropology under the second one's, the text demonstrates the author's pathway of reflection. A pathway where writing and reflection have been simultaneously built, which is a characteristic named *anthropo-phenomenological writing* in this paper. This pathway used as fonts, other Philosophy, Literature and Poetry authors, besides the previously mentioned ones. Since the intention was to develop the possibility to talk about pains which are lived in solitude: lived pains, not easily reported, an approximation with literary images has been tried. Literary images have been used in the composition of the reflection, especially images of home, due to the belief on the possibility to build knowledge for the understanding on the referred pains through the approximation with such images. Aiming at possibilities of convergence with other teachers, probable readers of this paper, it is defended the thesis that, when working with such supports, a poetic reading of pain in teaching may consist in a possibility for the production of meanings which implicate the appreciation of beautiful images and the actions to preserve them and not succumb to an irreversible severity.

Keywords: Pain. Teaching. Poetry. Memory. Imaginary.

Dedico esta escrita a três mulheres:

Enedy da Rosa Vivian,
por fazer leões andarem de bicicleta;

Leonina Fortes de Oliveira,
por combinar o gesto de por
a mão sobre o peito alheio
com a expressão
“vai dar tudo certo”;

&

Helena Kurek,
por me ensinar que é possível acreditar em Deus
só de olhar para as flores.

E a três homens:

Magno Rodrigues Vivian,
por dominar a mecânica do tempo;

Mário de Oliveira,
pelo silêncio acolhedor;

&

Gabriel Kurek (em memória),
pelos sapatos de algodão.

*Decidi não mais jogar fora
Algumas coisas que compõem
A minha história
Cartas recebidas, fotografias...
Aqueles coisas enfim que
Precisamos pensar se
Devem ir para o lixo ou não
Principalmente escritos perturbados*

*Estou guardando tudo num baú
E quando chegar a hora
Que ninguém sabe quando...
Vou tirar tudo do baú
E nele me trancarei por dentro*

*Os meus guardados serão então
Interpretados
Aqueles que o fizerem
Terão a certeza, no entanto
Que de mim estarão falando
Como, se já não existirei?*

Sumário

A parte da frente	10
Primeira parte: primícias	15
1. Dos começos	16
2. Dos propósitos	16
3. Dos meus queridos professores de ontem, de hoje e de amanhã	17
4. Do estilo da escrita	19
5. Do sonhador de palavras	20
6. De como este tema, a dor, chegou até mim e como pretendo tratá-lo	22
7. Um nó de marinheiro holandês: segunda resposta sobre como a temática “dor” chegou até mim	26
8. Da síntese do problema	29
9. Dos meus cadernos: um recurso metodológico	31
10. Do uso de imagens poéticas no exercício de reflexão sobre a dor	32
11. Das falas da casa material	38
12. Dos suportes teóricos para uma escrita antro-po-fenomenológica	40
13. Do sentir-se “emparedado”: constatação de dores na docência	45
14. Da dor no cotidiano: não desistimos de buscar a felicidade	51
15. Das principais questões	57
Segunda parte: expedição	63
1. O branco	64
2. Sob o signo de Áries	70
3. Sou como todo mundo	71
4. Um professor escrevendo sobre a dor - sem cortes	72
5. Palavras cruzadas	74
6. Tomando a casa	77
7. Tenho planos para hoje, projetos para esse ano, objetivos para a vida inteira e sonhos para qualquer tempo!!!!	82
8. Prólogo para o capítulo 9	88

9. Uma frase que sintetiza a sensação de estar só e sem saber o que fazer diante de uma situação angustiante	89
10. Olhos de dentro	89
11. “Não entre tão depressa nessa noite escura”	93
12. Morar no ar	94
13. Quando falta o chão	96
14. Casa de pedra	102
15. As palavras casadas comigo	105
16. No quintal da Professora Severina	106
17. Na parede da memória	109
18. Meu lar é onde estão meus sapatos	112
19. A casa de Alice.....	116
20. Casa de palavras.....	120
21. A poesia <i>tá na cara</i>	123
22. Uma olhadela para trás antes de partir	127
23. O que eu disse até aqui é verdade, nada além da verdade, mas não toda a verdade	129
Apêndice	131
Nota de orientação	132
13 martes	134
Referências	165

A parte da frente

Quando se quer vender uma casa, convém fixar em frente a ela uma tabuleta dizendo “vende-se”. Quando é preciso alertar quanto a possíveis perigos do espaço, também é bom prevenir indicando, por exemplo, “cuidado com o cão”. Se se quiser que ninguém adentre, tranca-se tudo com fortes cadeados e instala-se cercas elétricas por cima dos muros já bem altos. Querendo ser amável, vai bem uma frase como “sejam bem vindos!”

Quando se constrói um texto, semelhantes medidas podem ser tomadas. Mais ainda se o texto, como é o caso deste, tomar como base em sua construção as imagens da casa. Foi o que pensei ao chegar ao final da escrita: preciso pôr uns avisos na parte da frente! Desde já, então, sabe o leitor que o início do texto foi escrito no fim. São paradoxais esses afazeres: fim e começo se confundem.

O primeiro aviso aos recém chegados é o de que este texto encerra uma cumplicidade. Tudo que se encontra nele, da base ao telhado, passando pelas divisões das peças e sustentação das paredes, aberturas e acabamentos, foi produzido sob a orientação da Professora Lúcia Maria Vaz Peres. Se fosse uma casa, este texto reservaria a esta educadora, o lugar de “pedra fundamental”. Mas, gostaria que essas palavras figurassem também como outra pedra, como aquela que se põe junto à construção para homenagear os que devem ser para sempre lembrados como responsáveis por dar forma a um sonho. Ganha, assim, na sua simbologia, o lugar de “pedra preciosa”.

Talvez, numa segunda placa, eu devesse escrever “cuidado, piso escorregadio”. Digo isso porque durante o processo de escrita deste trabalho tive uma preocupação que se transformou em princípio para escrevê-lo. A preocupação consistia em definir características para a escrita. Teriam de ser características que deixassem transparecer uma verdade sobre o autor, pensei eu, que não negassem minhas origens. E quais são as minhas origens? Eu sou descendente de colonos poloneses. Meus avós eram agricultores. Sou um dentre oito filhos de uma dona de casa e de um

sapateiro. Como devem ser tuas palavras observando esta origem?, perguntei a mim mesmo. A resposta apresentou-se caleidoscópica: palavras violentas como arado, mas necessárias para preparar a terra para o plantio; palavras escolhidas como as melhores sementes para que se tenha uma boa colheita; palavras massa de pão fermentando, prenúncio de saciar os apetites da saudade com aromas de infância; palavras afiadas como a faca (estilete) que corta o couro deslizando em torno do molde; palavras passadas a ferro; palavras costureiras de idéias e palavras cola; palavras que satisfaçam como comida na mesa; alvas como roupas quaradas no varal e outras como roupas sujas de levar xingão da mãe; açucaradas como melancia compartilhada em tardes de domingo; palavras insanas como brigas entre irmãos; angustiadas como olhar o céu claro-escuro prenunciando tempestades; palavras silenciosas como anoitecer no campo; incômodas como poeira das estradas de chão; palavras refrescantes como goles d'água recém tirada do poço; palavras móveis que com paciência mudam de casa e recriam ambientes familiares em lugares diversos...

Terei encontrado tais palavras? Sou suspeito para responder. Mas, ao tomar essas qualidades como princípio da escrita, inscrevi-me numa incerteza, porque a minha construção estaria impregnada de fantasmas. Daí, minha ressalva em anunciar, ao leitor, a possibilidade de escorregões, porque o visitante pode estar acostumado com outras arquiteturas textuais, onde tudo é límpido, seguro, e precisará, então, exercitar o olhar para perceber que numa casa revestida de memórias e imaginação a falta de uma tábua no chão pode ser mais que indício de perigo, pode ser uma marca necessária, um jeito de dizer calando, um modo de revelar ocultando.

Uma nota se faz necessária em relação ao título. Com o termo *ensaio*, quero anunciar que minha escrita é algo menos formal e mais flexível que a de um tratado científico, e tem características de literatura na exposição de minhas idéias, críticas e reflexões a respeito de meu tema: a dor na docência. Ainda, produzir um ensaio, para mim, significa dar ao autor a prerrogativa de revelar uma opinião que se construiu na confluência de suas vivências. Não há a expectativa de buscar distanciamento, o que resultaria em suposta neutralidade, e sim, pelo contrário, busco revelar que minha escrita é marcada por minha trajetória de vida e tudo o que me rodeia: o que eu sou está presente na escrita que produzo. Por isso a decisão de não realizar pesquisa de campo. Minhas fontes foram: teóricos do imaginário; escritos literários e poéticos de

autores variados, intimações do vivido e minhas memórias. E, nesse último quesito, tive o suporte de cadernos de notas que me acompanham nos últimos vinte anos.

Ainda, a escrita, em minha proposta, ocupa lugar de destaque, o principal talvez, porque trabalhei com a premissa de que ela deveria ser uma reflexão sobre a dor na docência e, ao mesmo tempo, ser um documento do trajeto de tal reflexão. Dessa forma, a escrita se configura em elemento primeiro no processo de reflexão. Ou, ao menos, é um elemento colado à reflexão, pois quis que a escrita revelasse um “durante”. Ou seja, no ato de escrever é que se construiria a reflexão. Esta biunivocidade (escrever-refletir) é um traço fundamental do que estou chamando de “escrita antro-po-fenomenológica”.

E este complemento do título - uma escrita antro-po-fenomenológica - além de ser um qualificativo da escrita que pretendi, também expressa os fundamentos teóricos a que me filio: a antropologia sob a perspectiva de Gilbert Durand e a fenomenologia na ótica de Gaston Bachelard. Para simplificar, tomar a antropologia com base em Durand é entendê-la como o conjunto de ciências que estudam o *homo sapiens*, é segundo as palavras deste autor, colocar-se num ponto de vista “para o qual ‘nada de humano deve ser estranho’” (2002, p. 40). Fundamentar-se em tal pensamento num ensaio sobre a dor na docência significa ter a perspectiva de não fechar as portas para o que está em torno, para tudo o que afeta e se presentifica no desenvolvimento da escrita.

Quanto à fenomenologia, é sabido que em tal conceito está impressa a visão de que uma leitura do mundo se dá sempre sobre um determinado ponto de vista. A fenomenologia, como proposta de produção filosófica, ensina-nos que o conhecimento do mundo está ancorado na perspectiva do observador. Que não podemos conhecer a coisa em si, mas apenas aquilo que a capacidade humana é capaz de captar dela. Em poucas palavras: o fenômeno é dependente do sentido que lhe atribuímos. Bachelard, quando se detém a ler os poetas, faz da fenomenologia a possibilidade de capturar a força criadora subsumida nas imagens poéticas. E, pelo fato de minha escrita também buscar na poesia imagens que possam expressar sentidos da dor, vejo-me em consonância com a abordagem deste autor.

Enfim, trata-se de uma escrita impregnada do imaginário de quem escreve. Procurei deixar a marca em todo o texto de uma reflexão sendo construída ao mesmo tempo que a escrita flui. Assim, considereirei o meu viver e tudo que me cerca no tempo presente da escrita; considereirei o que sou no momento de escrever, de forma que meu

olhar sobre o objeto “a dor na docência” reflete as possibilidades e os limites contextuais.

Não menos importante é dizer: “apreciem as *imagens literárias*”. Elas aparecem durante todo o texto dando fundamentação às cogitações que desenvolvi. Cogitações, no entanto, lembram o trabalho da filosofia. Devo dizer então que, se esta escrita-casa tiver ares de filosofia, é de uma filosofia literaturificada, porque os aportes da poesia e da literatura estão muitas vezes no lugar das explicações filosóficas, dando, no meu entender, a possibilidade de entendimento singular, posto que a *imagem literária*, como escreveu Bachelard (2003, p. 135), “tem o privilégio de agir ao mesmo tempo como imagem e como idéia. Implica o íntimo e o objetivo.”

A estruturação do texto constitui-se de três partes. Na primeira – *Primícias* – aparecem as inquietações de alguém que se aventura a escrever sobre a dor na docência com as referências já mencionadas. Ali se encontram as intenções e balizamentos teóricos de uma possível construção. O texto é, praticamente, o mesmo que foi apresentado como *projeto de qualificação*. Sofreu alterações que não chamarei de insignificantes, porque se fossem não as teria realizado; contudo, foram muito pequenas: apenas uma dúzia de palavras, eu diria, foram substituídas com o intuito de ajustar sentidos. As *primícias* aparecem aqui, na composição do texto final, por serem a representação documental de uma parte do trajeto realizado, portanto, qualifica o texto, em sua integralidade, por revelar os primeiros *movimentos* de uma escrita reflexiva.

A segunda parte – *Expedição* – mostra um segundo momento do caminho percorrido. Segue a mesma perspectiva, a de revelar uma implicação autoral numa escrita sobre a dor na docência. Ali aparecem diversas alusões à dor, à solidão, e aos conflitos vivenciados no próprio ato de escrever-pensar, sempre balizados por imagens literárias, principalmente, as da casa. É, contudo, um trajeto que oscila entre cuidados com as exigências da cultura acadêmica e o ceder lugar aos devaneios a partir de lembranças e imagens que elas evocam.

Também aparecem nessa segunda parte imagens de outra ordem: desenhos. Se é que se pode chamar de desenhos os rabiscos realizados quando uma mão vagueia desatenta sobre papel. Extraí os desenhos dos meus cadernos de notas que foram utilizados como fontes de memória. Porém, os desenhos não são ilustrativos da escrita. Aconteceu que, ao rever meus cadernos, percebi que aqueles desenhos eram representativos de momentos de desligamento, de silêncios, de pausas no pensar

objetivo. Eram representações de algo que se faz sem pensar. Então, escolhi alguns que foram dispostos aleatoriamente com intenção apenas de mostrá-los como o que eles são. Talvez, ao leitor, eles possam dizer mais. Mas, daí, vale o dizer de Durand (2003, p. 427): “Cada um é livre de escolher o seu estilo de verdade.”

A terceira parte é um apêndice. Se o texto fosse uma casa, este apêndice que chamei de *13 Martes* seria a despensa. Aí se encontra uma escrita pretensamente despreocupada com julgamentos acadêmicos. Compreende a transcrição integral de uma escrita a amigos. Ela passou a integrar este trabalho pelas possibilidades de ser um documento contextual revelador de vivências e preocupações que afetam a vida de um professor que está pensando sobre a dor na docência: um emaranhado de descrições e pensamentos que se assemelha à confusão quase sempre encontrada nas despensas das casas. Mas, ao mesmo tempo, a aparente confusão pode ser metaforicamente mais próxima da realidade de nossas vidas, ao contrário de escritas bem comportadas como salas de jantar. De forma que, acredito, outros professores possam ver ali elementos para pensar sobre os afetos vividos na docência e fora dela.

Enfim, esta é uma escrita de solidão para ser lida em solidão. Quiçá um dia seja ela discutida em salas de aulas, nalgum curso de formação de professores, quem sabe. Mas eu acredito que ela terá mais fertilidade quando o leitor estiver só. Na leitura secreta é que se deixará levar para caminhos insuspeitados, dos quais dificilmente se fala, porque a forma racional reflexiva do discurso não traduz tais sensações. A exigência de comunicar a alguém já destrói as imagens que surgem para o leitor durante a leitura. É como quando se conta um sonho. Portanto, agrada-me mais pensar num leitor solitário. Solitário, não sozinho!

Convido-os a entrar e apreciar cada canto e seus possíveis encantamentos, com o desejo de que se sintam, desde já, em casa.

- Primeira parte -

Primícias

Aos meus queridos professores... de ontem, de hoje e de amanhã...

1. Dos começos

Há várias formas para se começar um texto. Muitos inícios de textos já fazem parte de nossas vidas de leitores. Há os que vão direto ao assunto, começam com “este texto traz, é, procura, quer alguma coisa”. São textos objetivos, diriam alguns. Há os inícios de textos da literatura não acadêmica, com neologismos requintados; da ficcional, muito esmerados em capturar o leitor; e, também, das histórias de infância que começam com “era uma vez”. Enfim, nossa vida é cheia desses e de outros exemplos de textos e seus começos. E eu poderia usar aqui uma dessas formas de iniciar. Penso que talvez só não iniciasse usando a palavra “inelutável”. Estive pensando sobre esta palavra. Ela apareceu no meio de uma página, um dia desses. Causou-me certa imobilidade em relação à continuidade da leitura. Aquela palavra parecia uma adjetivação muito forte para a questão exposta pelo autor. E acabou se tornando uma barreira para que eu seguisse lendo. Parei de estudar e comecei a pensar que não escreveria tal palavra para iniciar a apresentação de meu texto, de mim e de meu ponto de vista. Nem um destes elementos é “inelutável”. Mas agora a questão de como começar já se tornou obsoleta, posto que já começamos!

2. Dos propósitos

Tendo começado, seguimos a conversa, quem sabe ela possa ser proveitosa para ambos os lados: o teu, leitor professor, e o meu, professor que agora escreve. Pois bem, o que aqui se encontra é uma escrita revestida de dois propósitos ao mesmo tempo: ser uma reflexão ensaística sobre a dor na docência e ser um documento de tal reflexão. Explico: a escrita de textos acadêmicos ganhou um lugar posterior no processo de pesquisa. É comum vermos metodologias com procedimentos de coleta e análise de dados precedendo à escrita. As escritas de dissertações e teses configuram-se, não todas, mas as que atendem a uma determinada tradição científica, como um trabalho posterior à análise de dados. São realizadas, portanto, na etapa final do trajeto de qualificação. Nessa categoria de

pesquisa, a escrita revela um *depois*. Ao contrário, a proposição deste trabalho é a de que a escrita deverá revelar um *durante*. Ou seja, enquanto eu escrevo estou refletindo. Esta é uma das principais características do que estou chamando de escrita *antropo-fenomenológica*.

3. Dos meus queridos professores de ontem, de hoje e de amanhã

Não quero que minha dedicatória acima figure apenas como um elemento retórico. Não. Aquela frase é mais do que isso. É realmente o anúncio de para quem escrevo: aos professores que fizeram, fazem e farão parte de minha vida. Perdoem-me a falta de jeito, pois digo “professores” querendo dizer: professoras e professores.

Hoje estamos vivendo sob um novo ritmo, imersos nas novas tecnologias. Estamos nelas. Domingo é dia de atualizar o “orkut”, “Nos falamos no *msn*” é um enunciado comum aos nossos ouvidos. O uso de “*e.mail*” já figura como coisa do passado. A velocidade ganha ares de filosofia de vida, é mais do que uma qualidade tecnológica de época. E, nesse contexto, temos a impressão de que tudo é fugidio, passageiro. Mas acredito que haja, mesmo nos tempos de liquidez descrito por Bauman (2001), um sentimento desejando encontrar algo que permaneça. Algo que nos devolva a sensação de pertencer a uma história e que essa história seja bela. E é na memória e na imaginação que a encontro.

Assim, escrevo para os meus professores do passado, vocês que de alguma forma ainda estão em mim, são lembrados por seus feitos na minha educação. Tive-os em diferentes níveis de ensino, não fiz apenas o “pré”. A vocês, eu deveria dizer, “vocês são cúmplices disso tudo que faço agora”, pois de várias formas fui impulsionado, por vocês, a seguir em frente. Muitas lembranças de amor à educação eu guardo, porque os vi atuando. Lembranças de aprendizagens! Por isso, escrevo a vocês com um gesto de reconhecimento e como forma de devolver-lhes, com gratidão, por meio de palavras, um pouco do trabalho que recebi no contato consigo.

A vocês, meus professores do presente, também endereço e endereçarei minhas linhas. São professores do Programa de Pós Graduação, professores colegas e amigos participantes do GEPIEM – Grupo de estudos e pesquisa em imaginário, educação e memória - professores amigos e colegas de outros espaços de estudo e, até, professores transeuntes, que compartilham comigo reflexões sobre a vida e sobre

a educação, encorajam-me com conselhos, dividem aflições. Na relação com vocês aprendo, transformo-me, afeto e sou afetado. Movimentos de vida que quero reconhecer enquanto escrevo, por isso escrevo para vocês, também.

Os professores de amanhã são aqueles que ainda vou conhecer. Agora vocês não passam talvez de virtualidade. Mas é aprazível a idéia de que serei aprendiz ainda, que os conhecerei amanhã. Uma alegria se apossa de mim ao perceber que minha vida futura será preenchida por coisas que ainda não vivi! Uma obviedade para a ciência, uma verdade para o poeta. Enfim, escrevo para vocês, os professores de amanhã, como quem põe na entrada da casa um tapete com dizeres de boas-vindas. Ele não sabe quem virá, mas espera que venham e os desejos de boas vindas são para o possível.

Mas há uma categoria de professores, aos quais também dedico estas palavras, que perpassam os tempos. Estão em meu passado, em meu presente, e estarão, certamente, no futuro: são os escritores, filósofos, poetas, etc. que chegam até mim por meio dos livros. Não vejo como não tratá-los por professores. Eles me ensinam. Eles respondem, explicam, instigam, provocam emoções - as mais variadas. São características de professores. Os escritores de livros me ensinam sem estarem presentes em carne e osso. Essa educação mereceria o nome de “educação à distância”! Por todas as aprendizagens possibilitadas por meio da leitura é que registro, em cada letra que escrevo, minha estima por todos os que escrevem. Citá-los é, também, uma forma de homenageá-los.

Destaco, a seguir, parte de uma canção de Nelson Coelho de Castro. Ouvia muito essa canção no tempo em que eu morava na Casa do Estudante, durante a graduação em Santa Maria. Hoje percebo que a vida de alguém que lida com conhecimento, com educação, talvez seja uma eterna e terna “casa de estudante”. Bem, a canção fala de memória e de compromissos para com o fazer, é assim...

Eu não posso me esquecer de nada do que está acontecendo agora, nesse momento, nesta cidade, neste Estado, neste País, neste Planeta. Do que estamos fazendo – e o que estamos – para a narrativa da história. Eu quero ver se consigo trazer isto tudo sempre acordado dentro de mim: este êxtase, esta fotografia, esta música, este cinema, este agora, recém parido. Porque é saber isto tudo agora e será saber isto tudo – em outro agora – a minha única e verdadeira arma. Isto me excita.¹

¹ Parte da canção “Legislativo” de Nelson Coelho de Castro, In. Trilhas. Porto Alegre: Estúdio Isaec, 1983.

Com este poema de trilha sonora eu seguirei minhas reflexões. Espero fazer jus à confiança que tenho recebido. Mas sei, como o disse Bachelard (2003, p. 26), “nunca somos verdadeiros historiadores; somos sempre um pouco poetas, e nossa emoção talvez não expresse mais que a poesia perdida”.

4. Do estilo da escrita

É difícil desvencilhar-se da idéia de que toda escrita tem um passado. Aprendemos a pensar antes, e a escrever depois. A escrita como princípio da pesquisa é uma questão posta por Mário Osório Marques (1998). A ele devo a ousadia de experimentar esta possibilidade: a de escrever pensando.

À diferença da conversa falada, nos ensinaram a escrever e na lamentável forma de uma mecânica que supunha texto prévio, mensagem já elaborada. Escrevia-se o que antes se pensara. Agora entendo o contrário: escrever para pensar, uma outra forma de conversar. (p. 13).

À Educação muitas faltas são apontadas e, entre tantas, ainda sinto falta de uma escrita que “fale olhando nos olhos”. Se soar estranho dar esta qualidade à escrita, justifico: acredito que ao ler um texto somos convocados a “ver” coisas. Dependendo da escrita, não conseguimos sentir alguém de carne e osso do outro lado. Mas, se ela trazer outra característica, se ela falar de nós, então pensamos que aquele alguém e aquela escrita falam conosco e, quem sabe, olhando-nos nos olhos. Talvez, nesses momentos, vejamos a nós mesmos, porque sentimo-nos naquele texto. É como se re-nascêssemos nesse ato contemplativo de ler. Quando Bachelard (2001, p. 26) se refere a essa questão, cita um verso de Alain Bosquet, o qual resume minha divagação: “No fundo de cada palavra, assisto ao meu nascimento”. Então, pensei que, em minha escrita, eu deveria forçar-me a presentificar as idéias que defendo. Por isso, esta, que é uma escrita realizada para fins acadêmicos, terá a tonalidade das cartas, hoje já pouco usuais, com as “novas tecnologias”. Mas, mesmo no contexto da velocidade de comunicação via *internet*, *scrap*s, um sentimento nostálgico – animador das cartas - ainda persiste fundamentado por uma busca de contato, de encontro, com os outros e consigo mesmo. Aos amigos que fazem as vezes de “psicólogo”, a esses escrevemos cartas, mesmo que não seja mais utilizando pena e tinteiro. Talvez a imaginação possa nos trazer a imagem da vela que ilumina o labor

concentrado de um escrevedor de cartas; que esta imagem tenha o poder de nos fazer compreender sentidos tidos como perdidos! Contudo, ao tomar a carta como referência para a escrita de minhas reflexões, não busco expressar um conservadorismo ou saudosismo de certas tradições, mas sim a nostalgia presente na carta, que a faz símbolo de amizade, bem querer, troca. Ela é impulsionadora de lembranças e marca de ser lembrado. E possui uma “pessoalidade” impressa no conjunto de palavras que encerra. Na carta falamos de nós mesmos, nós mesmos no mundo. A carta, assim, nos dá a sensação de pertencer. E isto tudo penso serem características de um texto que “olha nos olhos” do leitor. O principal motivo, enfim, é estabelecer contato, tocar. A educação não pode prescindir disso. Quantos homens lutam, quantos lutaram por esta causa? Assim, de dentro da *educação*, como campo de pesquisa acadêmica, busco solidariedade com esta causa. E gostaria de efetivar minha ação por meio da escrita. Assim sonhei minha escrita. Portanto, pretendo escrever capítulos curtos e com muito bom humor. Se não atingir este objetivo, é somente devido às minhas limitações. É bem verdade o que diz Bachelard (2001, p. 62): “é sempre duro mister, esse de escrever um livro. Somos sempre tentados a limitar-nos a sonhar.”

5. Do sonhador de palavras

Sou, com efeito, um sonhador de palavras, um sonhador de palavras escritas. Acredito estar lendo. Uma palavra me interrompe. Abandono a página. As sílabas da palavra começam a se agitar. Acentos tônicos começam a inverter-se. A palavra abandona seu sentido, como uma sobrecarga demasiado pesada que impede o sonhar. As palavras assumem então outros significados, como se tivessem o direito de ser jovens. E as palavras se vão, buscando, nas brenhas do vocabulário, novas companhias, más companhias. Quantos conflitos menores não é necessário resolver quando se passa do devaneio erradio ao vocabulário racional! (BACHELARD, 2001, p. 17)

Quando se trata de escrever, não basta o sonhar. É preciso que tornemos o sonho realidade, por meio de nosso trabalho. Meu trabalho, neste caso, resume-se a pressionar teclas. É certo que há um labor que se estende a leituras prévias, anotações, conversas, discussões, comparações, etc. Mas, ao escrever é que tudo isso se faz presente e chega à dimensão de palavra escrita. E eu, que estou imerso em leituras de teóricos do imaginário e poetas, deixo-me levar e sonho que, enquanto estou teclando, invento mundos: tenho vários tipos de medos dos mundos na ponta dos meus dedos!

Bachelard, devaneando sobre a escrita, comenta a idéia de que existe uma ligação entre nós, o ato de escrever e os instrumentos que utilizamos; em outro tempo, ele parece ser um precursor da percepção dos gestuais ligados à escrita: “Um autor, não lembro quem,” escreveu ele, “dizia que o bico da pena era órgão do cérebro.” E conclui, “tenho certeza disso: quando minha pena borra, estou pensando atravessado” (2001, p. 6).

Com estas referências, estou querendo reforçar - e isto certamente será recorrente no transcorrer deste texto - o sentido que a escrita possui para mim. E, com isso, quero também justificar minha escolha por um trabalho teórico de reflexão, eximindo-me de realização de pesquisa de campo. De modo sintético, tenho como compromisso: escrever uma tese sobre a dor na docência. Minha opção por escrever um ensaio tem a ver com o fato de compreender que minha experiência de reflexão, posto que sou um professor, possa ser compartilhada, no futuro, por outros professores, a eles cabendo fazer as abstrações ou adaptações necessárias. Depois de muitas discussões sobre metodologia, esta opção me pareceu mais acertada, pois diluiu a imagem que não gostava de eu mesmo dizendo a (supostos sujeitos da pesquisa) professores: “digam-me como sofrem e eu lhes direi quem são.”

Assim, imagino, ousar acreditar, que eu possa com uma escrita cuidadosa realizar uma reflexão sobre problemas vividos por muitas pessoas, não somente na profissão docente. Problemas esses que não são explicitados, porque, acredito, são experiências de solidão. daquelas solidões às quais Nietzsche se refere: *quando se fala de si para si*. Na voz de Zarathustra, Nietzsche expressou: “a dois, em tais circunstâncias, estamos realmente mais sós do que sozinhos” (s/d. p. 165). Para refletir sobre essas dores silenciadas, concluí que seria necessário um tipo de linguagem que tocasse sem ferir. E assim se deu a escolha por uma escrita pintalgada de literatura, porque, talvez, seja necessário experimentar escritas sentimentais quando se escreve sobre sentimentos. Nesta escrita, então, é explícita a intenção de jogar com possibilidades de compartilhar que estão contidas no ato de escrever e ler.

Todo leitor um pouco apaixonado pela leitura alimenta e recalca, pela leitura, um desejo de ser escritor. Quando a página lida é demasiadamente bela, a modéstia recalca esse desejo. Mas ele renasce. Seja como for, todo leitor que relê uma obra que ama sabe que as páginas amadas lhe *dizem respeito*. (BACHELARD, 2003, p. 10)

Esta escolha, por certo, não é uma escolha fácil. Muito trabalho será necessário para chegar aos meus objetivos de problematização e, com isso, tocar e, quem sabe, contribuir com aqueles para quem e por quem escrevo. Por estas razões me disponho a este investimento de, sonhando com palavras, envolver os que tiverem contato com minha escrita.

6. De como este tema, a dor, chegou até mim e como pretendo tratá-lo

Algumas palavras de Chesterton figuram como epígrafe no livro “Coraline”, de Neil Gaiman (2003): “Contos de fadas são a pura verdade: não porque nos contam que os dragões existem, mas porque nos contam que eles podem ser vencidos.” Guarde-as, leitor, pois agora preciso falar sobre em que sentido estou “tratando” a dor.

Já há algum tempo quando me perguntam o que eu estudo, respondo: a dor; depois completo: a dor na docência. “Mas que tipo de dor?” é a pergunta seguinte. E eu já dei muitas explicações. Noto que elas mudaram com o tempo, com novos aportes teóricos e percussões de experiências pessoais. Agora, penso numa nova resposta. Uma resposta que será escrita pela primeira vez. E digo, sinteticamente: a dor que estudo é a dor humana.

Comecei a focar meus interesses nesta temática no ano de 2000, quando, com outros colegas, criamos o GRECO – Grupo de Estudos sobre Corporeidade.² Trabalhávamos em projeto que discutia as diversas contribuições de diferentes disciplinas sobre o corpo e suas significações. Em tais discussões, começamos a perceber a recorrência ao sofrimento. Começamos a ver que na história de nossa cultura a dor era um elemento marcante. E se tomávamos grupos menores, ou áreas de atuação, ou fundamentações morais e religiosas, etc., dentro de uma mesma cultura, percebíamos que os sentidos atribuídos à dor eram diferentes. Desenvolvemos vários textos e sempre encontrávamos, em eventos científicos, ressonância à nossa hipótese geral de que a dor participava de processos de produção das subjetividades contemporâneas.

² Este grupo de estudos está ligado ao PECLA – Grupo de Pesquisa em Educação, Comunicação, Linguagem e Arte, da UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Conferir: www.cnpq.br

Andamos às voltas com a dor, como temática, pesquisando: a dor em atividades de trabalho, procurando compreender o que fundamentava a implementação de programas de ‘ginástica laboral’; a dor nas práticas de transformações corporais, tatuagem especificamente, perguntando sobre o que levava a tais práticas, considerando que eram resultantes de processos doloridos.³ E, como pesquisadores da educação, sempre procurávamos relações entre as descobertas que fazíamos e a possível importância delas à Educação. Sendo assim, não é de se espantar que tenhamos nos perguntado sobre os sentidos da dor na profissão de professor. Iniciamos, em 2002, um projeto intitulado “A dor na produção da subjetividade docente”, o qual deu origem a minha proposta para ingresso no curso de doutorado e, conseqüentemente, a esta escrita.

Com isso ainda não respondi sobre o sentido que emprego à dor. Mas já penso ter exposto o fato de que a dor ganha sentidos diferentes, dependendo do *locus* em que a encontramos, ou pesquisamos. E a minha menção a realizações do passado se deve ao respeito que tenho pelo caminho percorrido. Pois bem, na referida pesquisa, descobrimos – como se ninguém tivesse falado disso antes – que os sentidos da dor apresentavam variações também dentre os docentes. Foi um grupo de professores de instituições de ensino superior que nos deu depoimentos (em grupo focal) sobre suas vivências, em relação à dor, em suas atividades. Eles nos mostraram que a dor pode ser uma tensão sentida por causa do não saber como lidar com turmas de alunos e/ou determinados conteúdos; que ela pode ser sentida devido a pressões de órgãos superiores quanto à exigência de produção; que nas instituições de ensino há relações conflituosas entre colegas devido a ideologias e concepções teóricas divergentes, e isto era causa de dor; que os baixos salários e o excesso de trabalho levam a determinadas crises e que isto faz parte de uma estrutura educacional - a dor não poderia ser tratada isoladamente do contexto histórico; que ela pode ter a ver com o tipo de formação do sujeito professor: a sua história de vida poderia ser determinante dos modos como ele se relacionava com suas dores na profissão.

Todos que são professores, certamente, convivem com situações semelhantes às que acima são sintetizadas. E existem ainda muitas outras, com certeza. A dor aparece de diferentes formas e por diferentes razões. Mas está ali.

³ Na *Plataforma Lattes* – em meu currículo - (www.cnpq.br) podem ser encontradas referências a publicações resultantes do trabalho do Grupo. Os relatórios de tal atividade se encontram em arquivo da PRPPG/UNIOESTE. Também em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/temasematizes/issue/view/139> pode-se acessar publicações decorrentes de contatos do grupo com pesquisadores de outras instituições.

Exposta esta constatação, preciso me alongar um pouco para falar da abordagem que pretendo dar à dor, na problematização que ora me proponho.

Dentre os vários questionamentos que surgem em processos de pesquisa, há a questão do grau de envolvimento do pesquisador, que pode resultar em incorporação forte de determinadas posturas. A gente vai lendo, assimilando conceitos, incorporando verdades. Acho que esta característica não é peculiar somente a pesquisadores. Há um modo de ver a realidade que se diferencia dependendo do nosso olhar. Deixem-me exemplificar. Convivi e convivo com gente ligada à música, à literatura e ao cinema. Não raro, presenciei momentos (daqueles que adjetivamos de “que momento”) em que, ao vivenciar determinado acontecimento, as pessoas de áreas diferentes tinham idéias para produções, cada uma em sua área: “isso dá uma boa história”, “dá pra fazer uma bela música sobre isso”, “dá um bom argumento, coisa de cinema!” Enfim, percebe-se que há uma espécie de filtro no olhar, com determinadas habilidades em evidência.

Preocupou-me a possibilidade de ver o mundo com o filtro da dor. “Quem a porcos vai, até as moitas lhe roncam” diz o dito popular mencionado por Marques (1997, p. 14). Assim, se não tomássemos cuidados, poderíamos viver, o grupo e eu, uma profunda depressão, já que estaríamos vendo dor em tudo que há no mundo. Há um tom de exagero nesse parecer, mas acredito que não seja demasiado. Já vi muita gente, convencida de suas verdades, se tornar intolerante com qualquer outro ponto de vista. Eu não queria (e não quero) ser um pessimista a pregar que a dor é fundamento da vida humana, e que não temos saída. Dessa forma, minha observação sobre como cada um de meus amigos de diferentes áreas enxergava o mundo ocupou minha mente. Um músico me fez notar que havia uma musicalidade em tudo, que havia notas musicais espalhadas a nossa volta, que a vida era uma grande composição. Ele me fez pensar em como cada pessoa poderia ter uma trilha sonora própria. Cada pessoa estava ligada a timbres e ritmos característicos. Aquela pessoa é samba, a outra é bossa-nova, uma terceira é *rock and roll* e, outro, ainda, tem uma alma *blues* e etc.! Enleado nesses pensamentos pensei que o meu filtro, então, deveria ser o poético. Que ao tratar da dor, procuraria lhe captar uma beleza - trabalho que os poetas faziam.

Por isso é que minha escrita tem este aspecto devaneador. É por isso também que meus suportes teóricos – aos quais reservarei capítulos posteriores – são da antropologia do imaginário. Misturando tal suporte com fontes diversas da literatura

e também de minhas memórias, quero realizar uma reflexão, procurando solidarizar-me com os demais professores. Quero, ao invés de denunciar um estado de coisas (dolorosas) presentes na docência, fazer menção à possibilidade de produção de sentidos sobre a dor na docência, quando possam aparecer, da intimidade, formas de superação das dores. Devaneios poéticos que transitam por nossas vidas e podem resultar em valorização de uma beleza e não de uma gravidade irreversível.

Com estas intenções, penso que não poderia deixar de mencionar elementos de minha experiência e de meu cotidiano. Procurar, quem sabe, exercitar uma escrita livre. A liberdade de mostrar alternâncias de humor que perpassam meu processo de escrever uma tese sobre a dor. A liberdade de escrever sobre tudo o que me rodeia e que interfere na reflexão escrita que desenvolvo. Também a liberdade de buscar suporte na poesia. Quem dera eu saiba utilizar com habilidade essa liberdade em fazer referência a versos de poetas, pois...

Um grande verso pode ter grande influência na alma de uma língua. Ele desperta imagens apagadas. E ao mesmo tempo sanciona a imprevisibilidade da palavra. Tornar imprevisível a palavra não será uma aprendizagem de liberdade? Que encanto a imaginação poética encontra em zombar das censuras! Antigamente, as Artes Poéticas codificavam as licenças. Mas a poesia contemporânea colocou a liberdade no próprio corpo da linguagem. A poesia surge então como um fenômeno de liberdade. (BACHELARD, 2001, p. 11)

Penso, por fim, não ser nada original esta proposta de escrita. Nas escritas da filosofia, por exemplo, a primeira pessoa e a pessoalidade são muito recorrentes. Então, apenas fui contaminado pelas leituras que fiz e gostei de fazer. Por isso, também, quis fazer semelhante. E o pouco de filósofo que há em mim tem uma estranha mania: a de achar que está começando tudo de novo. Mas Bachelard (2001, p. 2) escreveu que em sua época dizia-se que um filósofo permanece “em situação filosófica” e “por vezes tem a impressão de estar começando tudo; infelizmente, porém, ele está continuando...”. Agora, sinto que essas situações atravessam o tempo. A fruta não cai longe do pé.

Por último, retomando o enunciado do início deste capítulo, se minha escrita beirar a semelhança de contos de fadas, é importante dizer que com ela não pretendo provar a existência de “dragões”, quero ajudar a vencê-los.

7. Um nó de marinheiro holandês: segunda resposta sobre como a temática “dor” chegou até mim

Referindo-se a habilidade de dar nós que tinha seu pai, Cony (1995, p. 41) assim se expressa:

Fica difícil explicar essa ciência sem uma exibição paralela da complexa arte. O nó era dado com uma só mão, que não se cruzava com a outra. Uma pessoa normal, na hora de dar o nó, precisa às vezes de uma terceira mão, para firmar as duas linhas do barbante junto ao embrulho, e assim dar a laçada final.

Aqui, “enrolado” que estou, empenhado em formular uma argumentação sobre uma causa que impulsiona minha reflexão sobre a dor, lembrei do livro de Cony, *Quase memória: quase romance*, que tem como mote principal um pacote misterioso que o narrador recebera, enlaçado com um nó de marinheiro holandês. Todo o livro é construído com devaneios em torno daquele embrulho.

Minha lembrança se justifica porque penso que responder “sobre uma causa de minhas reflexões”, causa que estaria em minha vida passada, é uma tarefa tão complexa quanto o referido nó. Não sei bem se, ao escrever, estou atando ou desatando. Precisaria dominar melhor essa arte, precisaria de uma “terceira mão”.

Queria ter uma resposta objetiva, direta, do tipo: em determinado momento da minha vida vivi determinada experiência e esse fato me fez querer entender profundamente a dor na vida humana e também modos de superá-la. Mas eu não tenho essa resposta. Não visualizo nos quadros de minha memória um *único* acontecimento matriz. E há algo em mim forçando-me a dizer “eu não gosto de sentir dor e tampouco de ver os outros sofrerem, esta é a causa!”

Quando penso em minha vida passada - desde que me lembro - presentifico muitas cenas de dor. Mas, também, muitas de alegria e prazer. E se as lembranças de dores fossem mais fortes? Mesmo assim, eu não sou a única pessoa que sofreu ou sofre. A dor está presente, com maior ou menor intensidade, na vida de todos. Assim, não acho coerente tornar minha dor causa de meus estudos sobre a dor em geral. Por outro lado, é bem verdade que um desejo de se opor a tal sentimento, pode ser o dispositivo para minhas produções. Aliás, noto que ocorre isso em grandes e belas produções filosóficas e artísticas. Todos, em nosso cotidiano, estamos envolvidos em dores em função de os mais diversos desejos. Daí, mais uma vez a importância dos

poetas. Que bom seria ter um violão e cantar transformando o sofrer em poesia, como o fez Vinícius de Moraes nesta canção que ouço agora!

Há dias que eu não sei o que me passa
Eu abro o meu Neruda e apago o sol
Misturo poesia com cachaça
E acabo discutindo futebol

Mas não tem nada, não
Tenho o meu violão

Acordo de manhã, pão sem manteiga
E muito, muito sangue no jornal
Aí a criançada toda chega
E eu chego a achar Herodes natural

Mas não tem nada, não
Tenho o meu violão

Depois faço a loteca com a patroa
Quem sabe nosso dia vai chegar
E rio porque rico ri à toa
Também não custa nada imaginar

Mas não tem nada, não
Tenho o meu violão

Aos sábados em casa tomo um porre
E sonho soluções fenomenais
Mas quando o sono vem e a noite morre
O dia conta histórias sempre iguais

Mas não tem nada, não
Tenho o meu violão

Às vezes quero crer mas não consigo
É tudo uma total insensatez
Aí pergunto a Deus: escute, amigo
Se foi pra desfazer, por que é que fez?

Mas não tem nada, não
Tenho o meu violão⁴

Então, só posso dizer que a causa impulsionadora de minhas reflexões sobre a dor não pode ser expressa com precisão. Ou melhor, *eu não consigo* atingir tal precisão causal. Revivo meu passado pela imaginação e o que percebo é, parafraseando Cony (op. cit, p. 95), “uma quase-memória, ou um quase-romance, uma quase-biografia. Um quase-quase que nunca se materializa em coisa real”. É um nó e permanece nó.

⁴ Cotidiano no. 2. In: 10 anos de Toquinho e Vinícius. Philips, 1979. Disponível em: <<http://www.viniciusdemoraes.com.br/>> - Acesso: em 23 nov. 2007.

Se há quem insista e pergunte sobre como terá sido este pensamento de opor-se à dor, ou criar a partir da dor, pois que, talvez seja essa uma boa aproximação de uma causa para as reflexões atuais, deverei pedir paciência para com a história que vou contar...

Na minha adolescência li *Olhai os lírios do campo*, de Érico Veríssimo. Devia ter uns 13 anos de idade. O que não é importante, pois compartilho com Bachelard (2001, p. 111) a idéia de que “não é o tempo dos homens que reina sobre a memória” e, dessa forma, “a lembrança pura não tem data. Tem uma *estação*. É a estação que constitui a marca fundamental das lembranças. Que sol ou que vento fazia nesse dia memorável?”

Eu estava na sétima série do que se chamava, então, Primeiro Grau. Aliás, era meu segundo ano nessa série, era um repetente. Mas, eu não li o livro porque a professora mandou, li porque eu queria ler um livro com muitas páginas. Deu-se que, a leitura do livro de Veríssimo causou em mim uma emoção, eu me identificava com a personagem central, com suas reflexões, seus conflitos. Admiravam-me as relações entre pensamentos sobre a minha vida e a vida da personagem. E esse livro constituiu-se de uma escrita que leva a grandes reflexões sobre a existência humana e sobre a morte. Não devo ter feito grandes reflexões na época, mas fui tocado pela escrita. E esse livro me fez sonhar que eu poderia escrever um livro sobre a minha vida. Sonhos de adolescente...

Mas a história não acaba aí. Aconteceu que, em aula, respondemos a um questionário que, não me lembro bem, serviria de suporte para a realização de um diagnóstico sócio-cultural dos alunos. Uma das questões do questionário era, mais ou menos, assim: “fale sobre um sonho que você não realizou”. Respondi que tinha o sonho de escrever um livro, justificando com o que contei anteriormente. E, concluí, aquele era um sonho não realizado.

O tempo passou e, numa aula de Língua Portuguesa, a professora pediu que cada um escrevesse uma redação sobre a Escola José Bonifácio. Este era o nome da Escola onde eu estudava. Todos escreveram e, na semana seguinte, ela pediu para mim e para meu colega e amigo Cauã que passássemos à limpo nossas redações. Deu-nos, inclusive, folhas pautadas e rosadas para fazer isso. Nós passamos à limpo, sem muito questionar. Dias depois, ocorreu uma “hora cívica” em homenagem ao aniversário da Escola e uma professora, lá na frente de todo mundo, no púlpito, disse que ia ler um texto sobre a Escola. Logo nas primeiras linhas reconheci que era a

minha redação. Aquilo me emocionou. E, ao final da leitura, ela identificou o autor do texto. Era eu. Todos aplaudiram e acho que aquela tarde foi um dos melhores dias da minha vida.⁵

Hoje, revivo essas memórias, por conta de meus estudos, e fico pensando se os acontecimentos que narrei foram pensados dentro do processo educacional onde eu estava envolvido. O questionário foi realizado pelo SOE – Serviço de Orientação Educacional (a sala do SOE não era um lugar desejado. Nas séries iniciais, íamos para a *Direção*, em caso de algum problema. Ali, naquela Escola, íamos para o SOE). Mas, com um olhar de pesquisador, cogito sobre o SOE ter interferido, por saber do meu sonho, na escolha das redações, como forma de me incentivar, ou até de realizar parcialmente meu sonho. Estariam em contato a professora de “português” e a orientadora educacional? Estariam preocupadas comigo? Aquilo que eu vivi foi propiciado por um pensamento anterior, por uma percepção de educadoras?

Seja como for, encontro nessas lembranças certas “cores”, certos sentimentos, que me fazem tomá-las como importantes em meu modo de ser - “momentos charneira”, diria Josso (2006). Elas podem ser dispositivos desta maneira como estou olhando para a dor na docência, procurando imagens belas, através de um ensaio, de uma reflexão escrita. Sim, meu ensaio não é mais uma carta para vários destinatários. Uma redação de escola talvez, apenas em nível diferente.

Assim, não tenho uma memória que fundamente a minha atenção à dor, mas re-apresento memórias motivadoras de relacionar-me com a dor desta maneira: escrevendo. Estarei desatando o nó?

8. Da síntese do problema

Neste momento, vejo-me em posição contraditória: sou parte de um universo de pesquisa, estou sendo regido por determinadas regras de pensamento e, nesse universo, deve-se definir ao menos uma questão norteadora dos passos seguintes na pesquisa; de outra parte, devido à natureza de minha proposta, vejo-me inclinado a dizer que “o caminho se faz ao caminhar”, então, deveria deixar que ‘o’ problema

⁵ A redação de Cauã também foi lida, logo após a minha. Ele ficou muito feliz também, mas este fato ajuda a tornar mais complexo imaginar condicionantes causais, pois, atualmente, ele é militar.

fosse transparecendo nesse caminhar: na estrutura do texto como um todo, pois este texto acontece concomitantemente com a reflexão.

As duas idéias são fortemente presentes em mim. Dessa forma, respeito-as, e devo responder às duas. E penso que estar nessa situação é estar diante de uma questão cara à epistemologia. Aproximamo-nos aqui, de problematizações realizadas por Souza Santos (1999), principalmente da proposta de uma ética diferenciada para o “paradigma emergente”. Aproximamo-nos também das reflexões de Kuhn (1988), no que concerne a pertencer a um “paradigma”, e o autor, eu neste caso, fala de dentro de um paradigma. E, andando um pouco atrás, aproximamo-nos de Bachelard (1996) e suas argumentações sobre “obstáculo epistemológico”, vendo nele uma necessidade para o movimento na ciência e na teoria do conhecimento.

Para reforçar esta questão, ainda, posso dizer que os três teóricos mencionados são uma apresentação mínima de convergências possíveis, considerando as discussões que permeiam o espaço da pós-graduação. Pois, podemos mencionar também as discussões de Bruno Latour (1995), grande polemizador do ambiente epistemológico ao revelar as *estratégias* por que passa a produção da verdade na ciência. Outras questões merecedoras de atenção, também, são as relações de *poder* implicadas na produção da verdade, então, deveríamos mencionar: Michel Foucault.

Podemos citar estes teóricos e seus conceitos, ao mesmo tempo, para descrever a situação de um “fazedor de tese”, expressão carinhosa de Freitas (2002). O autor de uma tese se encontra envolto em relações de *poder*, está imerso num ambiente de *estratégias* de definição do *capitalismo científico*; está ligado a seções da *estrutura* científica, onde se discutem e se aplicam critérios do que é e do que não é ciência, e, dessa forma, é um agente no processo de definição de *paradigmas* e da localização dos *obstáculos epistemológicos*.

Assim, vemo-nos em situação de transformar um capítulo de *definição do problema* em *reflexão epistemológica*. Mas, com esta localização parcial, vamos à tentativa de síntese do problema que responda às duas forças que estão em mim. Apresento-o, sinteticamente, mas deixo pouco delimitadas as fronteiras do estudo: meu *problema* consiste em realizar uma reflexão sobre a dor na docência, sob a perspectiva da antropologia do imaginário, procurando, por meio da escrita apoiada em suportes teóricos, literários e da memória, contribuir com as discussões sobre os sentidos da dor vivenciada na profissão docente.

9. Dos meus cadernos: um recurso metodológico

A escrita está nesse processo de reflexão como o principal recurso. Na busca de uma escrita que apresente uma reflexão sobre os sentidos da dor na docência, *faço do ato de escrever um procedimento metodológico*. Ou, em outros termos, diante do problema prático de escrever uma tese sobre a dor na docência, escolho a escrita como recurso: minha reflexão sobre a dor se desenha enquanto estou escrevendo. A escrita é arma e batalha.

Dentre suportes teóricos e poéticos e de ligações com as intimações do vivido, aparecerá, também, a minha memória. Além das situações que se presentificam em mim, neste processo, lanço mão de “caderninhos” que carrego comigo ao longo de vinte anos, mais ou menos. Em tais cadernos há anotações, rabiscos, pequenos devaneios, notas, que auxiliam na construção memorialística, de modo a enriquecer as lembranças e, assim, possibilitam relativizar sua importância em relação ao tema principal – os sentidos da dor.

Cabe a ressalva de que não se trata de escrever a minha história de vida. Trata-se da explicitação de que minha vida tem relações com a reflexão que desenvolvo. Mas não é uma escrita sobre a minha vida, e sim, uma escrita sobre um tema, a qual vê na memória e na implicação do sujeito pesquisador na análise aspectos fundamentais de sua composição. Mas, neste processo, adoto como princípio um conselho de Gaskell e Bauer (2002, p. 483):

A idéia de se levar em conta a reflexividade não deve, contudo, ser entendida equivocadamente, como se fosse um convite para se relatar a autobiografia do pesquisador, em vez de ser um relatório de pesquisa. O foco da pesquisa permanece o mundo e não o pesquisador.

Inclusive, com esta citação, posso cair em contradição, posto que se estou escrevendo enquanto reflito, meu texto não é um relatório, mas antes um produto de meu esforço reflexivo no presente. Mesmo assim, penso expressar o sentido em que tomo o conselho dos autores, ou seja, o de manter-me focado *no mundo*, enquanto utilizo fatos de minha vida na reflexão.

Os referidos cadernos são como fontes primárias. Ali podem ser encontrados, entre outras coisas, indícios de meu pensamento, de minhas inquietudes e de tarefas em minha vida pessoal e profissional. Ao fazer esta escolha, estou colocando-me ao lado de concepções teóricas que defendem a indissociabilidade entre professor e

pessoa e a importância da reflexão que o sujeito realiza, a partir de sua história, como componente do seu modo de ser professor. Um pensamento de Nóvoa (1992, p. 25) em relação à formação de professores, pode clarificar minha argumentação. Diz o autor:

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de auto-formação participada. (...) o professor é a pessoa. E, uma parte importante da pessoa é o professor. Urge por isso (re)encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriar-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido, no quadro de suas histórias de vida.

Muitos outros autores também compartilham essa perspectiva e poderiam ser aqui referenciados. As pesquisas com histórias de vida alcançam grande abrangência. E quem assim se localiza ganha responsabilidades de amparar sua prática nas escolhas teóricas que fez. No meu caso, sempre trabalhei com narrativas de outros sujeitos, argumentando que tal processo era importante para sua formação. Agora chegou o momento de eu mesmo exercitar esta prática. E ao fazê-lo, lanço mão de documentos que fazem parte de minha história: meus cadernos de notas e as imagens que eles encerram.

10. Do uso de imagens poéticas no exercício de reflexão sobre a dor

Como ocorreria a reflexão de um sujeito sobre os sentidos da dor na docência? Muitas pesquisas na área de formação de professores, que se utilizam de narrativas e histórias de vida, revelam que, no processo de pesquisa, no trato com suas memórias e reflexões sobre elas, os professores constroem saberes. São métodos de “investigação/formação”, empregados por pesquisadores, fundamentados “na possibilidade de construir saberes juntamente com os sujeitos da pesquisa – os professores” (OLIVEIRA, 2006, p. 171). Mas nesta análise me abstive de colher narrativas. Optei por fazer uso de imagens e metáforas, porque tenho como intenção fazer uma reflexão e quero que esta reflexão (de uma individualidade) possa ser entendida e compartilhada por quem a ela tiver acesso. A compreensão deverá se dar quando o leitor perceber semelhanças entre as trajetórias. As coisas que vivi são diferentes das dos demais professores, mas ao referir as minhas e o modo como me

afetam, apresento uma forma de organização reflexiva que poderá ser compartilhada pelo leitor. Esse compartilhar se dará metaforicamente, no nível do “como se”.

No processo que me proponho a desenvolver, penso estar fundamentado pela busca de um conhecimento indireto, onde as coisas são representações de algo, assim atuam as metáforas e as imagens. Aqui me apóio em Durand (1988). Para ele:

A consciência dispõe de duas maneiras de representar o mundo. Uma, *direta*, na qual a própria coisa parece estar presente na mente, como na percepção ou na simples sensação. A outra, *indireta*, quando, por qualquer razão, o objeto não pode se apresentar à sensibilidade “em carne e osso”, como, por exemplo, nas lembranças de nossa infância, na imaginação das paisagens do planeta Marte, na inteligência da volta dos elétrons em torno de um núcleo atômico ou na representação de um além-morte. Em todos os casos de consciência indireta, o objeto ausente é *re-(a)presentado* à consciência por uma *imagem*, no sentido amplo do termo. (pp. 11-12).

O título que guiava minhas reflexões até este momento (de re-escrita de projeto) era “*Despensa ou relicário: onde guardamos os afetos da docência?*”. Utilizei este título no projeto enviado para a seleção no programa do qual agora faço parte. Com este título, eu anunciava uma relação metafórica entre casa e pessoas. Pensava, e ainda penso, em utilizar as imagens poéticas da casa relacionado-as com reflexões a respeito das dores vividas. E pensei que deveriam haver, imaginativamente, em nossas vidas *lugares despensa* – onde são guardadas as coisas que não mostramos, e não temos muito zelo; e *lugares relicário* – onde guardaríamos nossas memórias mais significativas, as quais queremos preservar, e o ato de mostrá-las é acompanhado de muita seletividade. Nós, em nossa intimidade, mexemos nas “coisas” ali guardadas e, às vezes, algum amigo bem próximo.

De uma primeira reflexão com estes pressupostos, construí um texto intitulado “Uma reflexão sobre a dor a partir da força simbólica da casa”.⁶ Farei agora uso de imagens lá referidas na perspectiva de elucidar minha idéia de aproximação das imagens de “casas” para refletir sobre nossas vidas.

A primeira imagem de casa que me veio foi a de Vinícius de Moraes:

Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia entrar nela, não
Porque na casa não tinha chão

⁶ In. Anais do V Congresso Internacional de Educação. São Leopoldo - Unisinos, 2007.

Ninguém podia dormir na rede
 Porque na casa não tinha parede
 Ninguém podia fazer pipi
 Porque penico não tinha ali
 Mas era feita com muito esmero
 Na rua dos Bobos
 Número zero ⁷

E essa, seguramente, não é uma casa para morarmos, posto que o próprio poema afirma o fato de ela não ter nada. Que estranha construção! Ela não pode ser abrigo para nosso corpo, mas ao lermos o poema somos impulsionados ao devaneio e, parece, há algo em nós que encontra repouso nessa casa imaginada. Seria ela morada para nossa alma? A resposta a esta pergunta levar-nos-ia a grandes reflexões sobre certa magia proporcionada por uma imagem poética. Seria como se a alma – algo que não sabemos explicar o que é e que é invisível - encontrasse no poema de uma casa inexistente o seu mais aconchegante lar.

Outro poeta, compositor e construtor de “casas” – Arnaldo Antunes - apresenta a aproximação que persigo em minhas reflexões, imprimindo unicidade entre casa e corpo.

Na nossa casa amor-perfeito é mato
 E o teto estrelado também tem luar
 A nossa casa até parece um ninho
 Vem um passarinho pra nos acordar
 Na nossa casa passa um rio no meio
 E o nosso leito pode ser o mar
 A nossa casa é onde a gente está
 A nossa casa é em todo lugar
 A nossa casa é de carne e osso
 Não precisa esforço para namorar
 A nossa casa não é sua nem minha
 Não tem campainha pra nos visitar
 A nossa casa tem varanda dentro
 Tem um pé de vento para respirar
 A nossa casa é onde a gente está
 A nossa casa é em todo lugar ⁸

Nesta canção-poema, o poeta já faz, com uma “precisão” peculiar à poesia, a aproximação da qual falo. Ele une, entrelaça nosso corpo com a casa, dá significados de casa ao corpo e, ao mesmo tempo, significados de corpo à casa: “a nossa casa é de

⁷ MORAES, V. A Casa. In: A Arca de Noé. Tonga Editora Musical LTDA. 1980. Conta-se que esta poesia, teria, originalmente, outra versão em seu verso final: “mas era feita com pororó, era a casa de Vilaró”. Vilaró é Carlos Paez Vilaró, artista plástico, amigo de Vinícius e idealizador do Casapueblo em Punta Ballena, no Uruguai, onde Vinícius compôs “A casa”. Disponível em: <<http://www.viniciusdemoraes.com.br/>>

⁸ ANTUNES, A. A nossa casa. In: Saiba. Produção: Rosa Celeste Empreendimentos Artísticos LTDA. São Paulo, 2004.

carne e osso”. Uma estranha associação para quem está acostumado a leituras com base na “experiência sensível”, mas, bem apropriada para aquele que busca compreender as coisas envoltas em imaterialidades, mas que afetam nossas vidas. Existem sob o desígnio de sentidos criados. Nessa perspectiva, faz-se necessária uma leitura diferenciada. Bachelard (2001, p. 61) me diz:

Existem dois tipos de leitura: a leitura em *animus* e a leitura em *anima*. Não sou o mesmo homem quando leio um livro de idéias, em que o *animus* deve ficar vigilante, pronto para a crítica, pronto para a réplica, ou um livro de poeta, em que as imagens devem ser percebidas numa espécie de acolhimento transcendental dos dons.

Bachelard refere-se a *anima* e *animus* como potências do ser, feminina e masculina respectivamente, mas que não se reduzem às designações sexuais, e integram, dialeticamente, nosso ‘ser’. Para não incorrer em definição que venha a diminuir o sentido destas palavras, transcrevo uma passagem de Paul Claudel, citada por Bachelard:

Animus é um burguês, tem hábitos regulares; gosta que lhe façam os mesmos pratos. Mas... um dia em que *Animus* voltava sem ser esperado, ou talvez dormitasse após o jantar, ou estivesse absorvido por seu trabalho, ouviu *Anima*, toda entregue à sua solidão, cantando atrás da porta fechada: uma canção estranha, algo que ele não conhecia.” (In BACHELARD, 2001, p. 63).

É nesta dimensão, a de *anima*, que estas convergências são possíveis. A possibilidade de encontrar na simbologia da casa elementos de compreensão sobre nós mesmos se tornaria bem mais evidente. As casas construídas ou imaginadas possuem “prenhez simbólica”⁹ dos que as constroem ou imaginam. Nessa aproximação, tomo como referência o pensamento de que,

abordando as imagens da casa, com o cuidado de não romper a solidariedade entre a memória e a imaginação, podemos esperar transmitir toda a elasticidade psicológica de uma imagem que nos comove em graus de profundidade insuspeitados. Pelos poemas, talvez mais que pelas lembranças, chegamos ao fundo poético do espaço da casa. (BACHELARD, 2003, p. 26).

E nesta categoria de imagens a que mais me impressionou, até hoje, é a descrita por Edgar Allan Poe em *A queda da casa de Usher* (1984). Transcreverei

⁹ Conceito de Cassirer para definir a implicação primeira do simbólico nas definições do mundo, muito valorizado por Durand (1988).

aqui algumas passagens, um tanto longas, mas necessárias ao intuito de ilustrar minhas idéias sobre as possibilidades de utilização da casa como metáfora para a compreensão de nós mesmos. Ao se aproximar da casa, o narrador assim se pronuncia:

Olhei para a cena que se abria diante de mim – para a casa simples e para a simples paisagem do domínio, para as paredes frias, para as janelas como olhos vidrados, para algumas moitas de juncas e para uns troncos alvacentos de árvores mortas – com uma enorme depressão mental que só posso comparar, com alguma propriedade, com os momentos que se sucedem ao despertar de um fumador de ópio, com o momento amargo de retorno à rotina, com o terrível cair do véu. Eu tinha no coração uma invencível tristeza onde nenhum estímulo da imaginação podia descobrir qualquer coisa de sublime. Que era – pensava eu, imóvel – que era isso que tanto me atormentava na contemplação da Casa de Usher? (...) a borda escarpada de uma lagoa, ou antes, de um charco sombrio e lúgubre que formava um sereno espelho perto da residência, e olhei para baixo, mas com uma emoção ainda mais profunda do que antes, para as imagens invertidas das juncas cinzentas, e dos troncos espectrais, e das janelas paradas como olhos mortiços. (p. 55).

Nesse processo de observação, o narrador vai apenas cogitando, a partir do que vê na casa, quais seriam os motivos para idéias e sensações tão angustiantes lhe assaltarem. Não encontra respostas, mas vai se familiarizando com a idéia de que aquela casa está lhe “dizendo” algo. As coisas que encontrava pelo caminho na entrada da casa, conta o narrador,

contribuíram, não sei como, para acentuar as vagas impressões de que já falei. Enquanto os objetos em torno de mim – enquanto as pinturas do teto, as sombrias tapeçarias das paredes, o negrume de ébano dos soalhos, e os fantasmagóricos troféus de armas que retiniam enquanto eu caminhava – eram apenas coisas com as quais eu me acostumara na infância – enquanto eu não vacilava em reconhecer o quanto tudo isto era familiar – ainda me admirava de achar quão pouco familiares eram as impressões que as imagens ordinárias me despertavam. (p. 58).

O encontro com o dono da propriedade é descrito por Poe de forma que podemos ver nele traços tão profundos e mórbidos quanto os da casa. O “clima” presente revela um sentimento compartilhado pela casa e por quem nela habita.

Foi com dificuldade que pude convencer a mim mesmo a identificar a criatura descorada que estava diante de mim com o companheiro dos meus tempos de menino e adolescente. (...) sua expressão habitual constituía uma mudança tamanha que eu como que não tinha certeza com quem estava falando. A atual palidez cadavérica da pele e o atual brilho milagroso dos olhos, acima de tudo, causavam-me admiração e mesmo pavor. Os cabelos sedosos também tinham crescido à vontade, sem cuidado algum, e como, na

sua textura de filandras, flutuassem mais do que caíssem pela face, eu não pude, mesmo fazendo um esforço, ligar a sua expressão de arabesco com nenhuma idéia de simples humanidade. A sua voz variava rapidamente de uma indecisão trêmula (quando a vitalidade parecia totalmente esgotada) e essa espécie de concisão energética – essa elocução abrupta, pesada, tardonha e soturna – essa voz gutural, de chumbo, perfeitamente modulada, que pode ser observada nos beberões perdidos ou nos incorrigíveis fumadores de ópio, durante os períodos da sua mais intensa excitação. (p. 59-60)

Usher sofria de uma grave moléstia: “Sofria muito de um aguçamento mórbido dos sentidos”, descreve a narração, “o mais insípido alimento era-lhe insuportável; só podia usar roupas de certo tecido; o aroma de quaisquer flores lhe era opressivo”, e a narração segue desenhando este sentir exagerado: “seus olhos eram torturados mesmo por uma réstia de luz; e havia apenas alguns sons peculiares, e estes de instrumentos de cordas, que não lhe causavam horror.” (idem). Estranha doença a de Usher, pois ele sofria com o excesso de sensibilidade. Mas o mais curioso é a opinião da personagem sobre a sensibilidade da casa. Ele acreditava que ela sentia também; que a casa fosse viva e tivesse poderes. E ele era como um produto daquela casa. A opinião de Usher sobre a casa é assim narrada:

As condições desta sensibilidade tinham sido aqui, segundo ele imaginava, cumpridas na metódica justaposição das pedras – na ordem da sua disposição, tanto como na dos muitos fungos que se espalhavam por elas, e das árvores existentes no terreno – acima de tudo, na longa e intacta duração dessa disposição, e na sua reduplicação nas águas paradas do pântano. A prova – a prova da sensibilidade – devia-se observar, disse ele, (...) na condensação gradual, mas certa, da atmosfera própria a essas águas e a essas paredes. O efeito era perceptível, acrescentou ele, nessa muda, mas importuna e terrível influência que durante séculos tinha formado os destinos de sua família, e que fez dele o que agora eu estava vendo: o que ele era. (p. 65)

As sensações do dono e da casa, o perfil de sua fisionomia, o clima que envolve a ambos são tão e inequivocamente os mesmos que quando um sucumbe o outro o faz da mesma forma. São, poder-se-ia dizer, o mesmo ser. Casa e homem convergem. Por isso, ao final, temos a queda da casa que é, também, a morte de Usher: “(...) vi que as grossas paredes ruíam, despedaçando-se – houve um longo e tumultuoso estrondo, com mil vozes de água – e a profunda e sombria lagoa aos meus pés fechou-se funebremente por sobre os destroços da ‘Casa de Usher’”. (p. 72-73).

Esta fusão entre casa e homem que tento consolidar foi também mencionada por Bachelard. A casa que habita nossa memória seria nada mais que uma mistura já

impossível de separar. Bachelard expõe este “fenômeno” com uma passagem de Rilke:

Não tornei mais a ver essa estranha morada. Tal como a encontro em minha lembrança de visão infantil, ela não é uma construção; está fundida e repartida em mim: aqui um cômodo, ali outro cômodo e acolá um fundo de corredor que já não liga esses dois cômodos, mas conservou-se em mim um fragmento. É assim que tudo se fundiu em mim, os quartos, as escadas que desciam com lentidão tão cerimoniosa, outras escadas, vãos estreitos subindo em espiral, em cuja obscuridade caminhávamos como o sangue nas veias. (In BACHELARD, 2003, p. 71).

Penso que, com tais exemplificações e argumentos, podemos ao menos tomar a simbologia presente nestas “construções” como elementos que possam nos remeter às impressões sobre nós mesmos. E, assim, não descartarmos isto que parece ser uma porta que se abre para compreensão de nossas formas de re-inventar sentidos a tudo o que nos cerca e, ao mesmo tempo, sobre nós mesmos. Bachelard me socorre neste intento: “(...) há um sentido”, diz ele, “em tomar a casa como um *instrumento de análise* para a alma humana.” E segue:

Auxiliados por este ‘instrumento’, não reencontraremos em nós mesmos, sonhando em nossa simples casa, os reconfortos da caverna? E a torre da nossa alma foi arrasada para sempre? (...) Não somente nossas lembranças como também nossos esquecimentos estão ‘alojados’. Nosso inconsciente está ‘alojado’. Nossa alma é uma morada. E, lembrando-nos das ‘casas’, dos ‘aposentos’, aprendemos a ‘morar’ em nós mesmos. Já podemos ver que as imagens da casa caminham nos dois sentidos: estão em nós tanto quanto estamos nelas. (BACHELARD, 2003, p. 20).

11. Das falas da casa material

Há momentos em que olhamos ao redor, em casa, e apenas vemos ordens, “tu deves”: cortar a grama, varrer o chão, tirar o pó, organizar a estante, livrar-se das teias de aranha e, até, limpar a piscina (pra quem goza de tal privilégio). Então, parece-me clara a hipótese de que a casa fala. E que, ao falar, diz de nós mesmos. O entorno me devolve a medida exata do que sou. No caso de ver ordens, atribuímo-nos determinados adjetivos, não muito agradáveis. Seriam aqueles destinados ao camelo, nas *três metamorfoses do espírito* (NIETZSCHE, s/d). Mas há momentos, também, em que vemos, ouvimos, cheiramos, sentimos, enfim, carícias. Nesses momentos, o que a casa diz provoca, em nós, um estado de aconchego. Dos teóricos que conheço,

Bachelard (2003) foi quem melhor narrou esta poética do espaço. Ali, no contato entre homem e sua morada, ocorrem movimentos, anastomoses, onde se manifestam as construções psico-antropo-sociais do homem. Ali se processam indivíduo e ser social.

Mas o que eu percebo nessa alternância de humores do “receber ordens” ao “sentir carícias”? Vejo que, no segundo caso nos adjetivamos diferentemente. Seriam palavras conferidas ao estado criança proposto por Nietzsche (op. cit). Sentimos o poder de criar, posto que acabamos de criar um entorno que nos acaricia. A “graça” foi resultado da ação. Um estado de graça, por que não? Por certo não há gratuidade no fato de os escritos bíblicos mencionarem que Deus, a cada criação realizada “olhou e viu que era bom”. Quem não brincou, ingenuamente, consigo mesmo nesses momentos imaginando-se feito à “imagem e semelhança de Deus”. No fim, as grandes criações mítico-religiosas e nossas atitudes prazerosas com relação à casa guardam uma mesma pregnância simbólica, convergem para o mito da criação.

Pensando sobre estas coisas, na intimidade de minha casa, numa tarde de primavera, sou levado a crer na impossibilidade de adivinharmos uma “explicação” final para tal acontecimento. Estaríamos imersos num mundo de significações, simbologias, criados sob o limiar desta alternância. Seriam mitos de ascensão e de queda, “regimes diurnos e noturnos”, na terminologia de Durand (2002). O que me atrai, porém, é que estes “reflexos”, sobre o que a casa nos diz, podem ser transferidos para espaços maiores do que nossa casa. Nas cidades, por exemplo, ao entendermos-nos como parte delas, não gostamos ou descasamos com o que elas nos dizem. Há sempre um movimento de produção de sentidos em nós a partir das coisas a nossa volta.

Quando a insônia, mal dos filósofos, aumenta devido ao nervosismo causado pelos ruídos da cidade, quando na Praça Mautbert, tarde da noite, os automóveis roncam e o barulho dos caminhões me faz maldizer meu destino de citadino, consigo paz vivendo as metáforas do oceano. Sabe-se que a cidade é um mar barulhento; já se disse muitas vezes que Paris faz ouvir, no meio da noite, o murmúrio incessante das ondas e das marés. Com essa banalidade, construo uma imagem sincera, uma imagem que é minha, tão minha como se eu mesmo a tivesse inventado, seguindo minha doce mania de acreditar que sempre sou o sujeito do que penso. Quando o barulho dos carros se torna mais agressivo, esforço-me para ver nele a voz do trovão, de um trovão que me fala, que ralha comigo. E tenho piedade de mim mesmo. (BACHELARD, 2003, p. 45).

Seguindo nesse sentido, o de constatar a presença do entorno como *confluência* em nossas vidas, penso que se poderia alargar ainda mais o leque de

elementos. Sempre num movimento de expansão. E podemos, então, levantar a possibilidade de incluir o *clima* como confluência de nosso modo de pensar e se expressar. Se, por exemplo, escrevemos em dias ensolarados, resultaria daí uma escrita diferente de outra, produzida em dias chuvosos e cinzas? As palavras escritas, as frases que elas formam seriam influenciadas pelo clima frio ou quente, com ou sem ventos, seco ou úmido? As reflexões ganhariam tonalidades sazonais? Em se tratando da dor na docência, poderíamos tomar esse movimento, essa alternância de humores como uma metáfora de nós mesmos oriunda da natureza? Somos “frios”, outras vezes, “quentes”, “nebulosos”, “claros” - infinitas possibilidades podem ser imaginadas. Mas todas essas designações são metáforas ligadas ao clima à nossa volta. Do lugar em que habitamos. Também é - nossa casa.

Vitor Ramil escreveu um belo livro, chamado *A estética do frio*, esclarecedor para esse tema. Ele fala de uma paisagem que estava em sua forma de ver o mundo, esta paisagem era fria. Uma passagem de seu texto que penso ser síntese de sua argumentação, e auxilia a minha, é a seguinte:

Ao me reconhecer no frio e reconhecê-lo em mim, eu percebera que nos simbolizávamos mutuamente; eu encontrara nele uma sugestão de unidade, dele extraía valores estéticos. Eu vira uma paisagem fria, concebera uma milonga. Se o frio era a minha formação, fria seria a minha leitura do mundo. Eu aprenderia a pluralidade e diversidade desse mundo com a identidade fria do meu olhar. A expressão desse olhar seria uma estética do frio. (RAMIL, 2004, p. 24).

Então, voltamos à questão inicial sobre como ocorreria a reflexão de um sujeito sobre os sentidos da dor na docência. Trouxe esses aportes, em primeiro lugar para ilustrar a potencialidade da “casa” como imagem impulsionadora da reflexão. E, segundo, para afirmar como procedente a alusão a imagens poéticas numa reflexão sobre a dor, visto que os poetas capturam sua estética dos movimentos de confluência com o seu entorno, com o seu mundo. Minha opção por imagens poéticas não está desligada, dessa forma, de toda a materialidade que me cerca. O não acesso à leitura de poemas não nos tira a possibilidade de poetizar. O mundo é uma grande metáfora.

12. Dos suportes teóricos para uma escrita antro-po-fenomenológica

Deu um branco! Já me sentei diante do computador e levantei e tornei a sentar, várias vezes. Entre idas e vindas do computador à cozinha e, entre outras

coisas, lavar louças e fumar cigarros – pra fugir da escrita - pensei em alguns caminhos para começar a falar de meus suportes teóricos principais. Afinal, foi por isso que escolhi o título acima.

Imagino que a sensação provocada pelo fato de ter de explicar as escolhas teóricas é deveras angustiante para todos os que passam por isso. Eu me insiro neste “todos”. Só me resta, então, tratar de preencher este “branco”, procurando mostrar como me aproximei de Bachelard e Durand e justificar, depois, ou ao mesmo tempo, o que entendo por uma escrita *antropo-fenomenológica* tendo como referência estes dois autores.

Em 1998 fiz minhas primeiras incursões em leituras destes dois autores por conta de estar cursando mestrado. Foram leituras por meio de *disciplinas* do curso. Não os utilizei como base de minhas reflexões na época. Mas, uma fala de Rubem Alves, num vídeo intitulado *Os símbolos*, produzido e apresentado por ele, me chamou a atenção. Expondo os modos como os objetos a nossa volta possuem valores simbólicos, ele toma uma vela como exemplo e, em meio a sua explanação, diz, mais ou menos, assim: “olhando para a chama de uma vela Bachelard escreveu um dos livros mais lindos que jamais li”. Guardei a frase. E quando me envolvi em pesquisas sobre a dor, preocupado que estava em fazer uma leitura poética do tema, fui procurar o autor indicado por Rubem Alves, porque esse autor é alguém que respeito muito, principalmente, pela forma como escreve.

Conto isso agora para mostrar que entre as justificativas nas escolhas teóricas, também há coincidências, certos acasos e gostos pessoais, muitas vezes não mencionados. Pois bem, uma leitura mais demorada de Bachelard provocou em mim aquela sensação de que o autor estava falando sobre a minha vida. Eu encontrava relações entre seus dizeres e as minhas cogitações. Se me permitem, ilustro esta relação com uma memória. Busquei uma anotação feita por mim na borda de uma página de *A poética do devaneio*. A certa altura do livro, o autor expõe relações simbólicas que têm como fundamento os devaneios sobre o ar. Em meio à argumentação, Bachelard faz algumas perguntas, já afirmativas: “O vento, as brisas, os grandes sopros não são os seres, os filhos, do peito do poeta que respira? E a voz e o poema não são a respiração comum do sonhador e do mundo?” e, mais adiante, diz: “os poemas vêm em nossa ajuda para reencontrar a respiração dos grandes sopros, a respiração primeira da criança que respira o mundo. Em minha utopia de cura pelos poemas, eu procuraria a meditação deste único verso:” E apresenta o verso de Jean

Laugier: “Ó cântico da infância, ó pulmões de palavras!”. Nessa passagem fiz minha anotação que penso ser ilustrativa da minha aproximação: “Por isso é que eu me sinto tão bem quando ouço a minha filha cantar no banho!”. Tudo isso está na página 174 do livro mencionado (no exemplar que tenho, de 2001). Bachelard conseguia, através de sua escrita, entrar em minha vida íntima. Eu gostei dele e com ele segui “conversando”. E, assim, conversa puxa conversa, cheguei até Gilbert Durand, pois a obra deste pensador está intimamente relacionada à de Bachelard e, aí foram imprescindíveis as “leituras dirigidas” com minha orientadora.

Contudo, diletantismos não são suficientes para justificar aportes teóricos para uma reflexão. O próprio Bachelard, na introdução de *A psicanálise do fogo* (1999), parece me puxar as orelhas dizendo: “quando se trata de escrever tolices, seria realmente muito fácil escrever um livro grosso” (p. 9). Mencionei, então, alguns conceitos importantes, além dos já citados acima, os quais compreendo como fundamentais à reflexão a que me proponho.

Japiassú (1976, p. 111) assim escreveu:

O homem bachelardiano, essencialmente criador, é antes de tudo um ser mutante. O ser mutante é o único capaz de um pensamento em crescimento constante. Donde o valor primordial de um mundo aberto ao qual correspondem todas as fisionomias possíveis ao ser mutante que Bachelard chama de ‘homem entreaberto’. Contra toda a sonolência do fixo e contra toda a satisfação do fechado, ele quis provocar um dinamismo mental capaz de determinar o movimento de um realismo aberto, de uma ciência, de uma epistemologia e de uma poética abertas.

Este pensamento de Japiassú resume a complexidade de temas por onde transita o pensamento de Bachelard. Ele foi um pensador dos construtos das ciências e também inseriu-se com a mesma profundidade na leitura dos poetas. Em suas incursões *diurnas* – sua obra epistemológica - e nas *noturnas* – suas produções alusivas à poesia - sempre se apresenta como alguém contra a fixidez. E esta “classificação” de sua obra, inclusive, é comentada por Japiassú:

Este pensador que se outorgou e nos outorgou o ‘direito de sonhar’, que descobriu na força da imaginação a fonte comum da descoberta científica e na criação artística, não conseguiu separar completamente os ‘livros’ de idéias dos ‘livros’ de imagens. Há certa unidade de pensamento entre sua obra filosófico-científica e sua obra poética. (op. cit, p. 117).

Porém, meus pressupostos, se tomamos esta classificação, estão na obra *noturna*. Quando intento refletir sobre os sentidos da dor na docência, lançando mão de produções poéticas e memórias, a imaginação é um conceito subjacente. E as preocupações de Bachelard sobre este conceito, quando ele exprime suas intenções metodológicas, repercutem em mim, posto que ele diz estar envolvido com “uma fenomenologia das imagens criantes, fenomenologia que tende a restituir, mesmo num leitor modesto, a ação inovadora da linguagem poética.” (BACHELARD, 2001, p. 8). Assim, participa de um interesse em determinar uma fenomenologia do imaginário “onde a imaginação é colocada no seu lugar, no primeiro lugar, como princípio de excitação direta do devir psíquico.” (idem).

Digo que tais idéias repercutem em mim, também com base no entendimento desse pensador sobre “ressonância e repercussão”. Segundo ele:

As ressonâncias dispersam-se nos diferentes planos da nossa vida no mundo; a repercussão convida-nos a um aprofundamento de nossa própria existência. Na ressonância ouvimos o poema; na repercussão o falamos, ele é nosso. A repercussão opera uma inversão de ser. Parece que o ser do poeta é o nosso ser. (BACHELARD, 2003, p. 7).

Mas voltemos à imaginação e à proposta de uma fenomenologia ao captá-la. E aqui já faço alusões a passagens que ligam Durand e Bachelard. A imaginação na definição compartilhada por eles “é dinamismo organizador, e esse dinamismo organizador é fator de homogeneidade na representação” e, ainda, “muito longe de ser faculdade de ‘formar’ imagens, a imaginação é potência dinâmica que ‘deforma’ as cópias pragmáticas fornecidas pela percepção.” (DURAND, 2002, p. 30).

Com esta concepção sobre a imaginação, estes teóricos se colocam como críticos de outras teorias, como a psicanálise. Nas palavras de Durand,

(...) a imaginação segundo os psicanalistas é o resultado de um conflito entre as pulsões e seu recalçamento social, enquanto, pelo contrário ela aparece na maior parte das vezes, no seu próprio movimento, como resultando de um acordo entre os desejos do ambiente social e natural. Longe de ser um produto do recalçamento, (...), a imaginação é, pelo contrário, origem de uma libertação. As imagens não valem pelas raízes libidinosas que escondem mas pelas flores poéticas e míticas que revelam. (DURAND, 2002, p. 39).

Bachelard, ainda, em toda a sua obra *noturna* defende a atenção a uma das instâncias psicológicas pertencentes ao humano: a *anima*. Diferentemente de *animus*, instância com características masculinas e ligada à execução de projetos

práticos, a *anima* é fundamental para o devaneio poético, para o sonhar, e esta “atividade” seria essencialmente feminina. “*O devaneio está sob o signo de anima.*” (BACHELARD, 2001, p. 59). A *anima* seria a instância que impulsiona e permite o devaneio.

Num devaneio puro, que devolve o sonhador à sua serena solidão, todo ser humano, homem ou mulher, encontra o seu repouso na *anima* da profundidade, descendo, sempre descendo, “a encosta do devaneio”. Descida sem queda. Nessa profundidade indeterminada reina o repouso feminino. É nesse feminino, longe das preocupações, das ambições, dos projetos, que vamos conhecer o repouso concreto, o repouso que descansa todo o nosso ser. (op. cit, p. 61).

Aqui, penso ser necessário afirmar que estes conceitos (imaginação, devaneio) não estão ligados ao sonho no sentido de um desligamento de consciência. Os sonhos dos poetas, as imagens que nos provocam devaneios têm presente sempre uma consciência. O sonho do devaneio não é um sonho noturno. Bachelard (2001, p. 144) expõe esta diferença.

Tal é, para nós, a diferença radical entre sonho noturno e devaneio, diferença essa que pertence ao âmbito da fenomenologia: ao passo que o sonhador de sonho noturno é uma sombra que perdeu seu próprio eu, o sonhador de devaneio, se for um pouco filósofo, pode, no centro do seu eu sonhador, formular um *cogito*. Noutras palavras, o devaneio é uma atividade onírica na qual subsiste uma clareza de consciência. O sonhador de devaneio está presente no seu devaneio.

O mais importante para mim é dizer que no tratamento dado a tais conceitos, tanto Bachelard como Durand reivindicam uma excepcional dose de liberdade em suas metodologias. O primeiro entendendo a fenomenologia da imaginação como “um estudo do fenômeno da imagem poética quando a imagem emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado em sua atualidade” (BACHELARD, 2003, p. 2). E Durand, quando define seu caminho para estudar o simbolismo do imaginário, assim de expressa:

será preciso enveredar resolutamente pela via da antropologia, dando a esta palavra o seu sentido pleno atual – ou seja: conjunto das ciências que estudam a espécie *homo sapiens*. (...) Gostaríamos, sobretudo, de nos libertar definitivamente da querela que, periodicamente, põe uns contra os outros, culturalistas e psicólogos, e tentar apaziguar, colocando-nos num ponto de vista antropológico para o qual ‘nada de humano deve ser estranho’ (2002, p. 40).

Ainda muito outros conceitos deverão aparecer, mas prefiro apresentá-los na fundamentação das reflexões futuras. A idéia de elencar conceitos, no estilo de revisão bibliográfica, não me agrada, e imagino que no leitor deva causar sonolência. Assim, concluo dizendo que, quando uso o termo *antropo-fenomenológico* para designar a leitura que pretendo, estou considerando a fenomenologia do ponto de vista de Bachelard e a antropologia do ponto de vista de Durand, com a liberdade contida em tais propostas.

13. Do sentir-se “emparedado”: constatação de dores na docência

São inúmeras as situações vivenciadas no campo educacional que poderiam ilustrar a presença da dor. Deter-me-ei em mencionar três casos de um universo.

Primeira menção: entre vinte e nove de outubro e dois de novembro do corrente ano (2007), o programa radiofônico “A voz do Brasil” apresentou uma série de reportagens que tinha como questão e título: “por que os professores estão desistindo de dar aulas na rede pública?”. Chamou-me à atenção este anúncio no instante que eu ia desligar o rádio, porque ouvir tal programa me tira a concentração. Mas, ouvi dois programas: nos dias 29 e 30 de novembro. A série enfocaria vários elementos que permeiam a vida de profissionais da educação: no dia 29 - falta de professores em várias áreas; no dia 30 - causas da desistência da profissão; e anunciaram para o dia seguinte a abordagem de uma síndrome constada na profissão docente, deduzi que seria a “síndrome de *burnout*”, mas não ouvi o restante da série. Do que foi ao ar no dia 30 de outubro, anotei fragmentos de falas de professores que concederam entrevistas ao programa. Um professor opinou que devido à, por exemplo, estrutura física e aos baixos salários, só fica quem não consegue ir para outra área ou quem é apaixonado pela profissão. Uma professora analisando a situação, exemplificando com o advento das novas tecnologias, disse da necessidade de investimento na formação dos professores, pois com as exigências atuais da profissão, nas palavras dela, “a gente se sente emparedada”.

Segunda menção: de um evento científico recente - V Congresso Internacional de Educação – do qual participei, extraí uma descrição de Homrich (2007, p. 4) de observações realizadas durante sua pesquisa:

No decorrer do recreio, os professores permanecem sentados e conversam sobre suas vidas. Normalmente, referem-se ao cotidiano com insatisfação, queixando-se incansavelmente. Reclamam de suas rotinas, dos alunos que não aprendem, elogiam os que apresentam bons resultados, comparando-os com os “fracassados”. Culpam as famílias, a situação financeira, a classe social a que pertencem, o bairro onde moram, as brigas em casa, as companhias... Enfim, todas as possibilidades externas de responsabilidade. Reclamam dos salários, do cansaço, da falta de incentivo, em resumo, da profissão.

Terceira menção: no dia 19/11/07, recebi uma mensagem via *e.mail* de uma amiga dos tempos do mestrado, com a qual há muito não tinha contato. A mensagem dizia, após as saudações de costume: “Você tem um tempinho para os velhos amigos? Fiquei sabendo que está fazendo o doutorado na UFPel. É vero? Se tiver disponibilidade gostaria de trocar algumas idéias com você”. Respondi a ela que me escrevesse contando o que estava fazendo da vida, que eu tinha tempo, sim. Ela enviou nova mensagem no dia seguinte e eu, ao responder para ela novamente, pedi se podia usar sua escrita para ilustrar minhas reflexões. Ao que ela respondeu: “Pode usar tudo que eu escrever para o que você quiser, só corrige os erros ortográficos e, se puder, me dê o *nickname* de Sophy”. Assim, transcrevo a seguir parte da mensagem de Sophy, extraíndo ou substituindo palavras que poderiam identificá-la, as quais, no meu ponto de vista, poderiam comprometê-la. Eis a sua escrita:

Fiquei tão feliz de ter me respondido. Eu ando me sentindo perdida, cheia de sentimentos contraditórios, num daqueles momentos que parecem uma encruzilhada da vida. Estive trabalhando como professora visitante da Estadual de Santa Marta, aqui no Estado, até setembro deste ano (para ingressar definitivamente na universidade preciso fazer concurso, e este mês saiu edital, mas na minha área pedia mestrado na área, assim não poderei fazer, o que significa que pelo menos por dois anos não haverá novo concurso, porque aqui há o costume de ir chamando todos os aprovados até esgotar a lista). Estou trabalhando em uma particular, disciplina de ciência política, no curso de direito, to ganhando o suficiente, apertado, para pagar as contas da casa. O semestre termina em fevereiro (o curso é novo e começou em outubro), e não sei como minha carga-horária (salário) ficará para o próximo semestre e subseqüentes. Estou me sentindo cansada, queria me “acomodar”, será que isso é possível em uma universidade particular? Acho que não, pois ficamos dependentes dos interesses da instituição, que em uma cidade como essa, pode variar muito, até fechar cursos. Estou procurando um concurso para chamar de meu. Será que a única forma de ter “tranqüilidade ou segurança” é ser efetiva de universidade pública? Será que isso será possível apenas com mestrado? Parece que o doutorado é a opção mais acertada, mas estou sem tesão para doutorado, (aliás ando sem tesão para pensar o futuro). Por outro lado, estou com saudade da minha família, e do sul, talvez seja uma vontade inconsciente de voltar a ser criança, não precisar mais me preocupar com os problemas da vida adulta. Este *e-mail* já está muito extenso, enfim, estou me sentindo perdida em um emaranhado de sentimentos contraditórios, algo de impotência, talvez incompetência para seguir adiante profissionalmente. Estou me sentindo um pouco isolada também. Já pensei até em trocar de profissão, talvez outra

graduação, tipo, psicologia. Mas isso significaria reiniciar, começar do zero. Desculpe o desabafo. Mas não deixe de mandar notícias sobre você.

Sophy, em seu estado de perda num “emaranhado de sentimentos contraditórios”, quando me escreveu novamente, no dia 22 de novembro, falou-me também sobre suas experiências na docência e do gosto pela profissão.

Adoro ser professora, planejar, estudar, realizar, tentar coisas diferentes, materiais diferentes, minha experiência atual está sendo incrível, primeiro por trabalhar uma disciplina que nunca trabalhei, em que muitas coisas estou aprendendo, também, ao mesmo tempo, estou experimentando metodologias diferentes. O que mais me incentiva é que os alunos, mesmo com suas variadas dificuldades, querem aprender, pelo menos uma parte, mas quem não quiser, eu sinceramente não estou aqui para impor nada a nenhum adulto, o que me preocupa é em contribuir para algo que não seja apenas a aquisição de conceitos e definições, mas uma compreensão, reflexão, e se possível crítica e ética. Mas aqueles que querem tanto ajudar, me empenho para contribuir. Enfim, adoro ser professora. O que estou cansada é de ficar ao sabor dos ventos do emprego-desemprego.

As três situações que mencionei – os professores entrevistados pelo “A voz do Brasil”, as queixas na sala dos professores, o desabafo de minha amiga – são, para mim, procedentes para ilustrar como a dor transita pelo espaço docente. E esta “colagem” que fiz é resultante de quase nenhum esforço, eu não as busquei, são situações que chegaram até mim. A primeira pelo rádio, a segunda pelo fato de a organização do evento ter me posto junto com a autora que mencionei e a terceira por uma surpreendente mensagem via *e.mail*. Estou querendo dizer com isso que as experiências que nos dariam um quadro um tanto doloroso da profissão docente estão ao alcance de todos. Nos diferentes níveis da Educação formal. É abrir os olhos e ver. E acredito não ser um privilegiado por ter acesso a tais informações. Penso que todos os docentes têm histórias semelhantes pra contar. Histórias que poderiam ser resumidas pela expressão metafórica da professora que mencionei anteriormente: sentimo-nos “emparedados”.

Para além de minhas experiências particulares, em pesquisas científicas também são comuns relatos desta natureza. O livro organizado por Wanderley Codo - *Educação carinho e trabalho: burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação* - já no título anuncia que as coisas não vão bem. E o estudo realmente impressiona, a começar pelos números, pois foram investigados 52.000 sujeitos em 1.440 escolas brasileiras (CODO, 1999, p. 9). Um montante de

dados deveras respeitável que acabam por evidenciar conflitos muito sérios em relação à vivência da afetividade dentro do trabalho docente.

Codo (op. cit, p. 50) argumenta que o estabelecimento de vínculo afetivo é determinante para que o processo ensino-aprendizagem ocorra. Estabelecer vínculo é um grande conflito, pois quando o professor assim o faz, despenderá grande energia àqueles com ele vinculados afetivamente, e esperará atingir seus objetivos de educador, tendo assim retorno gratificante em troca da energia despendida. Mas, na situação em que muitos professores se encontram, o estabelecimento de vínculos afetivos é questão muito delicada que pode trazer danos aos professores.

Não há como desconsiderar que há mesmo professores trabalhando com alunos de baixíssima renda; alunos que muitas vezes não têm outra coisa para comer que não a merenda ali servida. Alunos carentes não só de necessidades básicas de subsistência, mas também de carinho, de atenção. A demanda afetiva exigida por estes alunos é bastante intensa e pode colocar o indivíduo numa posição delicada, onde a tensão entre estabelecer ou não vínculo assuma grandes proporções e desencadeie um conflito extremamente doloroso (p. 59).

Com esta exposição de situações que ilustram, por assim dizer, modos de vivência da dor na educação, vejo-me em nova contradição. Se exponho, sem grandes esforços, referências reais de dores na docência, deveria, então, pesquisar suas causas e apresentar propostas de superação deste quadro. Não teria que procurar sentidos outros nessas dores. É muito evidente que há uma necessidade brutal de investimentos em educação para que as preocupações com salários e com a falta de recursos não sejam mais causas de sofrimentos para os professores. Enquanto realizo minhas reflexões, não estou me desligando destas questões de cunho político-econômico. É notório que uma revolução é necessária. Uma revolução que devolva um lugar de prioridade à educação no país. Mas esta revolução é lenta e sou desejoso dela como todos os que sonham com um mundo melhor.

Mas, insistindo em minhas buscas de sentido via poesia, talvez eu possa contribuir para realizar uma revolução íntima, também muito necessária. Pois bem, afirmei, páginas atrás, que há dores vivenciadas em solidão. Esta seria a minha maior contradição, posto que dos exemplos que mencionei, a dor é expressa por vários meios. Contudo, tenho que insistir na possibilidade de que essas expressões possam revelar aproximações com o fazer poético solitário. E talvez, nesse fazer, encontrem-se convergências de sentimentos compartilhados com os docentes.

Quem se põe num empreendimento como o que procuro realizar, qual seja, de uma reflexão ligada à fenomenologia do imaginário, como preconiza Durand, citando Bachelard, deve “antes de tudo, entregar-se com complacência às imagens e ‘seguir o poeta até o extremo das suas imagens sem nunca reduzir esse extremismo, que é o próprio fenômeno do elã poético’” (DURAND, 2002, p. 25). Dessa forma, permito-me uma relação do quadro que apresento com um poema. Penso que a expressão “emparedada” pode resumir em significação o sentimento de professores, diria, além dos que mencionei acima. E, quando ouvi a professora no rádio, lembrei imediatamente de um poema intitulado “Parrrede”, de Manoel de Barros. Apresento-o, com a intenção de mostrar um movimento existente na produção poética, impregnado pela solidão de um “eu” lírico, que pode servir de dispositivo para pensarmos sobre nós mesmos e nossas dores.

Quando eu estudava no colégio, interno,
 Eu fazia pecado solitário.
 Um padre me pegou fazendo.
 _ Corumbá, no parrrede!
 Meu castigo era ficar em pé defronte a uma parede e
 Decorar 50 linhas de um livro.
 O padre me deu pra decorar o Sermão da Sexagésima
 De Vieira.
 _ Decorar 50 linhas, o padre repetiu.
 O que eu lera por antes naquele colégio eram romances
 de aventura, mal traduzidos e que me davam tédio.
 Ao ler e decorar 50 linhas da Sexagésima fiquei
 embevecido.
 E li o sermão inteiro.
 Meu Deus, agora eu precisava fazer mais pecado solitário!
 E fiz de montão.
 _ Corumbá, No parrrede!
 Era a glória.
 Eu ia fascinado pra parede.
 Desta vez o padre me deu o Sermão do Mandato.
 Decorei e li o livro alcandorado.
 Aprendi a gostar do equilíbrio sonoro das frases.
 Gostar quase até do cheiro das letras.
 Fiquei fraco de tanto cometer pecado solitário.
 Ficar no parrrede era uma glória.
 Tomei um vidro de fortificante e fiquei bom.
 A esse tempo também eu aprendi a escutar o silêncio
 Das paredes.

Manoel de Barros mostra o movimento que acontece entre a vivência da dor e a transformação dela em poema. Neste movimento, ocorre um alargamento da vida pela imaginação. Não se trata de, em hipótese alguma, dizer que fazendo poemas resolveremos os problemas educacionais, mas, sim, de evocar uma imagem que

descreve uma revolução íntima. O poema aparece como algo belo que impulsiona os quereres. Bachelard (2001) também afirma a necessidade da poesia neste processo:

Os poetas ajudam-nos a afagar as nossas felicidades de *anima*. Naturalmente, o poeta nada nos diz do nosso passado positivo. Mas, pela virtude da vida imaginada, o poeta acende em nós uma nova luz: nos nossos devaneios, pintamos quadros impressionistas do nosso passado. Os poetas nos convencem de que todos os nossos devaneios de criança merecem ser recomeçados (p. 99-100).

Nos últimos versos do poema acima referido, o poeta diz ter aprendido a escutar o silêncio das paredes. Esta imagem remete-nos a um deslocamento de sentido da expressão “falar com as paredes” utilizada de forma pejorativa no cotidiano. Escutar o silêncio das paredes revela a importância de momentos de solidão, dolorosos poderíamos dizer, mas necessários e visualmente engrandecedores pela ótica ‘zombeteira’ do poeta. A imagem de estar “no parrrede” não é a mesma de estar “emparedado”, porque o poema transformou o “eu”. Seria, penso eu, a expressão de um ato de coragem. “A coragem que afugenta os fantasmas cria seus próprios duendes: a coragem quer rir!” (NIETZSCHE, s/d, p. 57).

Em *O ar e os sonhos*, Bachelard dedica um capítulo a “Nietzsche e o psiquismo ascensional”. Ali o fenomenólogo da poesia faz explanações sobre a imaginação dinâmica e dá a Nietzsche características de um filósofo-poeta ascensional. O elemento que caracterizaria um desdobramento vertical ascensional do ser é o ar. “O ar é essa *substância infinita* que se atravessa num átimo, numa liberdade ofensiva e triunfante, como o raio, como a águia, como a flecha, como o olhar imperioso e soberano. No ar trazemos nossa vítima para a luz do dia. Não nos ocultamos” (BACHELARD, 2001b, p. 137). E falando sobre os escritos de Nietzsche, Bachelard mostra o movimento vertical do ser que se liberta dos pesos para conquistar a leveza do ar. Versos do filósofo ilustram uma transposição do ser: “Aquele que um dia acender o raio / Por muito tempo há de ser semelhante a uma nuvem” (Idem, p. 134).

A escrita nietzscheana é mesmo impregnada de referências a um caminho necessário: descer para o mais profundo para depois subir.

Eis-me diante do mais alto dentre os meus montes e da mais longa das minhas peregrinações; por isso, preciso descer, primeiro, mais fundo do que algum dia já descí. Mais fundo na dor do que algum dia já descí, e até dentro de sua mais negra vaga! Assim quer o meu destino. Muito bem! Estou pronto. (...) Desde o mais fundo, deve o mais alto atingir o seu cimo.” (NIETZSCHE, s/d, p. 161-162).

As argumentações que relaciono são para valorizar um movimento vertical, um desdobramento impulsionado pelos poemas e também expresso nos poemas. O sujeito ao compreender esse movimento ascende. Da crise que o levou à solidão, à reflexão solitária, a dinamizar a imaginação, ele vai para outro nível de compreensão: o poético. Isto leva ao sonho, ao querer; o querer, por sua vez, exigirá ações de trabalho. Daí, o *animus* realizará, materializará os sonhos de *anima*. Assim, no fim de cada movimento de devaneios poéticos, ocorre uma pequena revolução de ser. A qual aguarda uma nova crise, uma nova descida, donde outras imagens revolucionárias lhe motivarão a subir. É a dialética da imaginação em busca de uma leveza. Bachelard dá mostras desse movimento em seus devaneios sobre o ar:

Nunca seria excessiva a importância atribuída a esse *desdobramento da personalidade vertical*, sobretudo ao seu *caráter súbito, decisivo*. Graças a esse desdobramento vamos viver no ar, pelo ar, para o ar. Graças ao seu caráter súbito vamos compreender que a transmutação do ser não é uma emanção mole e doce, mas sim a obra da vontade pura, isto é, da vontade instantânea. Aqui, a imaginação dinâmica se impõe à imaginação material: lança-te para o alto, livre como o ar, e te transformarás em matéria de liberdade. (BACHELARD, 2001b, p. 145-146).

Por fim, se é um “emparedamento” o que nos reserva a observação da realidade docente, penso que, na imaginação, na dinâmica que promove a criação de novas metáforas para o viver, talvez possamos repetir os dizeres que Nietzsche atribui à coragem: “Era isso, a vida? Pois bem! Outra vez!” (op cit, p. 165).

14. Da dor no cotidiano: não desistimos de buscar a felicidade

Sinto que minhas questões carecem de reflexão mais aprofundada. Consolo-me com o pensamento de que este texto é um anúncio de possibilidades. É mesmo o lugar de expor questões que futuramente poderão ser melhor analisadas ou até, descartadas. E é pensando desta forma que me atrevo a mais uma cogitação devaneadora.

Minha idéia é simples: penso que os sentidos da dor na docência existem porque os docentes são pessoas que atribuem sentido à dor, antes de serem docentes. É uma obviedade que preciso dizer para anunciar o ponto de vista de que os professores não estão isolados do resto do mundo, todos são afetados por tudo que os cerca e tais afetos são confluentes na produção do ser professor. No viver cotidiano

estamos cercados de sentidos atribuídos à dor, e também de formas de superá-la. Já é hora de citar um dos pensadores que primeiro vem à mente quando o tema é “as dores do mundo” – Arthur Schopenhauer.

Procurei uma passagem deste pensador que resumisse sua opinião sobre a existência humana e o que a fundamenta. Apresento-a sem saber se fiz a melhor escolha.

O consolo mais eficaz em toda infelicidade, em todo sofrimento, é observar os outros, que são ainda mais infelizes do que nós: e isto é possível a cada um. Mas o que resulta disto em relação ao todo? Parecemos carneiros a brincar sobre a relva, enquanto o açougueiro já está a escolher um ou outro com os olhos, pois em nossos bons tempos não sabemos que infelicidade justamente agora o destino nos prepara – doença, perseguição, empobrecimento, mutilação, cegueira, loucura, morte, etc. A história nos mostra a vida dos povos, e nada encontra a não ser guerras e rebeliões para nos relatar; os anos de paz nos parecem apenas curtas pausas, entreatos, uma vez aqui e ali. E de igual maneira a vida do indivíduo é uma luta contínua, porém não somente metafórica, com a necessidade ou o tédio; mas também realmente com outros. Por toda parte ele encontra opositor, vive em constante luta, e morre de armas em punho. (SCHOPENHAUER, 1999, p. 278)

Trazer Schopenhauer para compor minha escrita se deve ao fato de ele ter afirmado a positividade da dor na vida humana. Positividade no sentido de ser algo que aparece como fundamental, que é percebido pelos seres humanos: o que aflige é percebido e, diferentemente, as coisas que estão bem não nos chamam a atenção.

Como nós *não sentimos* a saúde de todo o nosso corpo, mas apenas o pequeno local onde o sapato aperta, assim também não pensamos na totalidade de nossos interesses que vai perfeitamente bem, porém em qualquer insignificância que nos aborrece. Nisto se baseia a negatividade do bem-estar e da felicidade (...) em oposição à positividade da dor. (SCHOPENHAUER, 1999, p. 277).

Assim, a dor seria como que o fundamento da vida, pois é para ela a dedicação incansável do esforço humano. E tal quadro permaneceria sempre, todos os dias, durante toda a vida. A leitura desse pensador não é, certamente, uma visão otimista em relação aos limites humanos. Mas me ponho a pensar se não existe uma flexão atual em suas afirmações. Se observarmos o desenvolvimento humano, suas conquistas e suas perdas, as quais nos afetam em nossa atualidade, talvez chegássemos a um diagnóstico não mais animador. Quem pensa a educação, também não escapa a estas percepções. Peres (2006) apresenta uma lista adjetivada pela

própria autora de “rápida e simplória”, mas que, a meu ver, resume o contexto em que está imersa a Educação:

Numa rápida e simplória reflexão sobre os últimos caminharas das Ciências (naturais e humanas), da Filosofia e da Educação, podemos verificar o ápice de nossa jornada: velocidade de informação, controle genético, explorações espaciais, mergulhos cada vez mais profundos na intimidade das substâncias, das células, elétrons... ao mesmo tempo, os frutos do predomínio da Razão: armas biológicas na Primeira Guerra Mundial, holocausto, Hiroshima e Nagasaki, Coréia, Vietnã, Klu-Klux-Klan, Chernobyl, Líbano, Bósnia, operações ‘tempestade no deserto’, golpes militares, perseguidos políticos, desaparecidos, exploração e prostituição infantil, violência urbana, violação de direitos básico da pessoa, etc... (p. 58).

Com estes apontamentos, que são historicamente datados, podemos concordar com o fato de que Schopenhauer não é tão absurdo, parece que ganha, ao contrário, ares de realista. E, também, julgo que a lista de Peres é o bastante consequente para evocar uma imagem de como somos atingidos de modo ambivalente pelas descobertas científicas. Quadro delicado e com muitos prolongamentos políticos, sociais e econômicos. A visão de um sociólogo atual também pode se somar neste “desenho” de nosso tempo.

Nosso tempo é propício aos bodes expiatórios – sejam eles políticos que fazem de suas vidas privadas uma confusão, criminosos que se esgueiram nas ruas e nos bairros perigosos ou “estrangeiros entre nós”. O nosso é um tempo de cadeados, cercas de arame farpado, ronda nos bairros e vigilantes; e também de jornalistas de tablóides “investigativos” que pescam conspirações para povoar de fantasmas o espaço público funestamente vazio de atores, conspirações suficientemente ferozes para liberar boa parte dos medos e ódios reprimidos em nome de novas causas plausíveis para o “pânico moral”. (BAUMAN, 2001, p. 48).

As imagens expressas pelo texto de Bauman são muito procedentes se queremos visualizar ações cotidianas em relação às dores que nos assaltam na atualidade. E tal visualização não se distancia do que, em outros tempos, escreveu Schopenhauer. Vemos, então, que se sobrepõe à nossa vontade um estado de terror. As relações humanas, neste estado das coisas, poderíamos compreender que se fundamentariam na máxima para o bem viver que Schopenhauer toma de empréstimo a Aristóteles e expõe em seu *A arte de ser feliz*: “O homem sábio não persegue o que é agradável, mas a ausência de dor.” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 41). A racionalidade contextual dita, ou nos impeliria a não tanto buscarmos o bem e o

prazer, mas a evitarmos o mal e a dor, pois assim, diante do quadro assustador, sairíamos com vantagens.

Mas de que modo buscamos fundamentos, ou mesmo, máximas para nossas vidas cotidianas? Gostaria de mencionar aqui, a título de ilustração, notas que fiz, em viagem, na data de 23/05 /2006. Extrairei das notas apenas o que compreendo como relevante para minhas intenções de momento, qual seja: a percepção de concepções que fundamentam práticas cotidianas para o bem viver.

Em viagem, de ônibus, numa parada de quinze minutos, numa cidade do interior, aproveitei para fazer algumas anotações. Na poltrona ao meu lado, mas do outro lado do corredor, estava uma moça muito bonita. Ela usava uma pasta do Curso de História da UFSM e desceu na parada anterior. Em seu lugar, sentou-se um velho que vendia rapaduras. Trazia-as em um balde de plástico azul. Antes de sentar, ofereceu seu produto aos passageiros. Eu agradei. Logo que o ônibus pegou a estrada, ele puxou conversa: como é o título desse livro que o senhor está lendo? Perguntou apontando o dedo indicador para o livro que eu segurava. “Dor”, eu respondi. Ele aproximou o ouvido: Como? Repeti: Dor.¹⁰ O simpático velhinho disse-me que devia ser um livro importante e que era bom se informar sobre isso, senão a gente acaba ficando à mercê dos adivinhadores. “Os adivinhadores são perigosos; o que eles dizem, dizem com base na experiência deles; e, se conseguirem, levam até a roupa que a gente estiver usando”. A filha dele já consultou e acredita nesses adivinhadores. Ele acredita na Bíblia que afirma que não devemos por fé em adivinhadores. Perguntou-me se eu acreditava. Eu argumentei (tentei) que para o meu estudo tudo era importante e que, às vezes, um adivinhador pode ajudar outra pessoa, mesmo sem saber exatamente dos seus problemas. Ele me perguntou se eu lia a Bíblia. Com a minha afirmativa, houve um intervalo. Ele retomou a conversa por outro caminho: “é muito importante ler... ler é muito importante. Eu, quando era mais jovem, lia muito, por conta própria. Gostava de ler livros de História. Muita coisa já me esqueci. A memória não ajuda. Uma coisa que eu queria lembrar era o nome da ilha onde Napoleão ficou exilado. Eu não consigo lembrar!” Disse-lhe que eu não sabia também. E imaginei se a estudante de História saberia. “Mas,” continuou o velhinho, “o livro que eu gosto hoje é a Bíblia! Ali se encontra a verdade!” Daí, eu segui o colóquio analgésico-religioso dizendo que em ‘Gênesis’ havia um anúncio

¹⁰ Era o livro organizado por Maria Margarida Carvalho - Dor: um estudo multidisciplinar. Cf. referências.

sobre a dor em nossa vida. Deus, ao expulsar Adão e Eva, havia lhes dado castigo: a dor! O velhinho recitou *ipsis literis* a passagem que mencionei. E quando falou do homem que ganharia seu sustento com o suor do trabalho acrescentou: “como eu, que faço e vendo rapaduras!” Perguntei se ele achava que era assim mesmo, se a gente devia aceitar isso como verdade? Ele me respondeu perguntando: “E não é? Não é assim que é a vida?” “Então...” mudei o rumo da prosa, “é o senhor mesmo quem faz as rapaduras?” Ele explicou todo o processo de fabricação e procedência da matéria-prima. Por fim, comprei uma com amendoim moído (três reais). Contou-me, ainda, que servira ao exército em 1942 e porque não participou da guerra. Disse que sua noiva pediu para que ele não fosse, então, ele deu jeito de não ir. Contou-me como. Mas, eu desconfio que o velhinho das rapaduras era ligado a algum movimento de combate aos adivinhadores. Tipo uma ACA – Associação de Combate aos Adivinhadores! Porque ele sempre retornava ao mesmo assunto: “Sabe, se os adivinhadores soubessem de alguma coisa, eles diriam onde está o Bin Laden, ou acertariam na mega-sena, não é verdade?” Não tinha como discordar dele...

Meu amigo ocasional se utilizava da Bíblia como suporte para guiar suas ações. E acreditava que, como espero ter deixado transparecer acima, esta fosse uma fonte da verdade. Em seus enunciados transparecem as fontes de apoio para sua conduta moral; para sua, pode-se dizer, forma de conduzir seus caminhos, posto que o contexto é de gravidade, como vimos até aqui. E a sua opção por uma verdade o obrigava a rechaçar outras: adivinhadores não fazem parte de suas prescrições para o bem viver.

Mas, sabemos, em nosso cotidiano, dependendo do nível de tensão a que somos expostos, recorreremos para as mais variadas fontes de consulta: amigos, psicólogos, terapias alternativas, ou, inclusive, adivinhadores. Num passeio pela cidade, certo dia, recebi um panfleto de divulgação (o qual já utilizei em texto precedente)¹¹ que traz uma lista de aflições, às quais anuncia-se auxílio:

Atenção! Muita atenção. Encontra-se na cidade a famosa Professora Vidente Lara. Que possui conhecimentos da velha Bahia, é reconhecida internacionalmente. Especializada em: cartas, búzios, tarot e linha da vida. Quer saber o que lhe reserva o futuro? Está desempregado? Seu amor está rompido? Seu comércio, indústria e lavoura não vão bem? Quer afastar vícios? Quer afastar feitiço, demanda ou mau olhado? E impotência sexual? Tensão pré-vestibular? Visite-a hoje mesmo. Consulta 10,00.

¹¹ Trata-se do texto “Não engorda, mas é cancerígeno: ensaio sobre a corporeidade no terceiro milênio”. Publicado na Revista Temas & Matizes, no. 7. Cascavel-PR: EDUNIOESTE, 2005.

Ao final do texto havia uma observação: “Não comente antes de consultar – obrigado”. Por isso, devo registrar aqui minhas desculpas por comentar, sem ter consultado a “Professora”. Pensei que ela não se importaria se eu o utilizasse para uma causa humanística. E assim reafirmo a percepção de que há várias formas de fundamentar os comportamentos em relação às dores em nosso cotidiano.

Este é o quadro que minha percepção pinta, mas imagino que seja compartilhado por outros, mesmo com exemplos tão prosaicos como os que enumerei. Quando reflito sobre este quadro um tanto trágico dos tempos atuais, penso que ele seja possível porque temos consciência das coisas. É outra obviedade necessária para essa discussão. Nós percebemos o mundo, por isso, o afetamos e somos afetados por ele. Ah consciência! Augusto dos Anjos expressou essa angústia causada pela consciência humana no poema *O morcego*.¹²

Meia noite. Ao meu quarto me recolho.
Meu Deus! E este morcego! E, agora, vêde:
Na bruta ardência orgânica da sede,
Morde-me a goela ígneo e escaldante molho.

"Vou mandar levantar outra parede..."
— Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho
E olho o tecto. E vejo-o ainda, igual a um olho,
Circularmente sobre a minha rede!

Pego de um pau. Esforço faço. Chego
A tocá-lo. Minh'alma se concentra.
Que ventre produziu tão feio parto?!

A Consciência Humana é este morcego!
Por mais que a gente faça, à noite, ele entra
Imperceptivelmente em nosso quarto!

Agora, mais uma vez, sou tentado a dizer que na poesia se poderia encontrar certa solidariedade necessária para uma ascendência de ser. No poema de Augusto dos Anjos, por exemplo, em sua tragicidade, mas também em sua beleza constituída de uma metáfora da angústia, de nossa angústia, encontramos ecos para nossos pesares de solidão. É a imaginação que encontra nas imagens afinidades entre quem imagina e o mundo. O mundo descrito no poema é nosso mundo, nós sentimos que o poema nos descreve. Somos re-animados, pois - “No devaneio cósmico nada é inerte,

¹² Disponível em: <<http://www.revista.agulha.nom.br/augusto11.html#morcego>> Acesso em: 12 dez. 2007.

nem o mundo nem o sonhador; tudo vive uma vida secreta, portanto tudo fala sinceramente. O poeta escuta e repete. A voz do poeta é a voz do mundo.” (BACHELARD, 2001, p. 180).

O poeta, não só o do poema mencionado, mas aquele que nos atinge em solidariedade, deve ser alguém que tomou para si o conselho de Rilke a Kappus: “ame a sua solidão e suporte a dor que lhe causa com belos lamentos.” (RILKE, 2006, p. 47). É nessa criação, nessa transformação de uma dor em algo belo que, penso, está o elo entre a poesia e a vida. As dores são vividas e se expressam no cotidiano e podemos sucumbir com elas. Mas, em nossas solidões, nos momentos que não temos com quem falar, e não saberíamos como falar se tivéssemos com quem - posto que tais aflições parecem ser indizíveis – nesses momentos, tornamo-nos poetas solitários. E se não produzimos poemas, acalentamo-nos com os já produzidos. Contudo, não se trata, aqui, de dar ênfase a uma aceitação passiva, mas, pelo contrário, dar sentido ao movimento: dar-se conta dos matizes que a dor põe em nossas vidas e ir além, sabedores que podemos criar outras formas de viver, que o movimento não pára, que estas coisas compõem “o que somos de único e irrepetível a cada nova guinada de nossa vida.” (op. cit, p. 90). Assim, não desistimos de buscar a felicidade, felizmente.

15. Das principais questões

Com o exposto até o momento, penso ser possível delinear algumas questões bases de minha escrita. Questões que seguiriam me acompanhando e recebendo acréscimos de profundidade, sendo ligadas com novas questões e vivências e, também, recebendo relativizações em tal processo, podendo, então, serem diminuídas em importância ou descartadas.

A simbologia da casa, em primeiro lugar, deverá continuar como impulsionadora da reflexão. Ainda há muitas relações possíveis considerando-se os teóricos que fundamentam o estudo. Se nos detivermos mais demoradamente com as imagens da “despensa” e do “relicário”, por exemplo, poderemos ligá-las aos “regimes diurnos e noturnos” na acepção de Durand (2002). Para este teórico, “a forma define-se como uma certa parada, uma certa fidelidade, um certo estatismo”, já a estrutura implica, pelo contrário, “um certo dinamismo transformador” (p. 63).

De momento, contentemo-nos em definir uma estrutura como uma forma transformável, desempenhando o papel de protocolo motivador para todo o agrupamento de imagens e suscetível ela própria de se agrupar numa estrutura mais geral a que chamaremos de *Regime*. (Idem, p. 64)

Durand chegou a esta bipartição do simbolismo a partir da definição de três “dominantes reflexas”, às quais seriam “metáforas de base” na estruturação do imaginário humano. As três dominantes, motivadoras do simbolismo, são: 1 - Dominante de “posição”: ligada aos reflexos que têm a ver com a postura. Durand, nesta primeira definição, apóia-se em estudos de Piaget por concordar que “a verticalidade e a horizontalidade são percebidas pela criança de tenra idade de maneira privilegiada”. (op. cit, p. 48). 2 – Dominante de nutrição: ligada aos reflexos que orientam o saciar a fome, a digestão, presentes desde o nascimento. 3 – Dominante rítmica: congrega todas as possibilidades de simbolização ligadas à erotização e à sexualidade. Durand, ao elencar estas dominantes, toma como hipótese de trabalho “que existe uma estreita concomitância entre os gestos do corpo, os centros nervosos e as representações simbólicas” (Idem, p. 51).

É certo que minha esquematização é resumida, mas a faço apenas com a intenção de mostrar relações, às quais, as minhas reflexões respeitam e para também mostrar, minimamente, o caminho de Durand para chegar aos dois *regimes*. Então: Durand admite que “existe um parentesco, senão uma filiação, entre dominante digestiva e dominante sexual” (p. 58) e, assim, realizará sua pesquisa em busca de convergências entre as imagens concedendo a elas lugar na estrutura do imaginário.

O *Regime Diurno* tem a ver com a dominante postural, a tecnologia das armas, a sociologia do soberano mago e guerreiro, os rituais da elevação e da purificação; o *Regime Noturno* subdivide-se nas dominantes digestiva e cíclica, a primeira subsumindo as técnicas do continente e do hábitat, os valores alimentares e digestivos, a sociologia matriarcal e alimentadora, a segunda agrupando as técnicas do ciclo, do calendário agrícola e da indústria têxtil, os símbolos naturais ou artificiais de retorno, os mitos e os dramas astrobiológicos. (DURAND, 2002, p. 58)

Nestes dois grandes agrupamentos, Durand mostra simbologias diversas que convergem para a queda e/ou para a ascensão. E é nesse ponto que suas idéias se tornam fundamentais para a reflexão sobre a dor na docência, sendo a simbologia da casa a impulsionadora, pois podemos adentrar nos movimentos de significação que nos levariam ao entendimento sobre se nossas imagens em relação às dores na docência estão ligadas à ascensão ou à queda. Se tomarmos o relicário, como

exemplo, de momento, imagino que nele guardamos imagens de felicidades perdidas, de grandes emoções vividas. O que tem ali seria fundamentado pela saudade. O que guardamos na despensa, as coisas que gostaríamos de esquecer? Mas, será tão simples? Lembro-me que numa das casas de minha infância, havia uma peça a que chamávamos de “quarto vazio”. Lá ficava uma máquina de costura de minha mãe, entre uma quantidade enorme de utensílios. Era comum, quando alguém perguntava sobre o paradeiro de determinado objeto, ouvir a resposta: “procure no quarto vazio”. Talvez um dia, aquele quarto fosse realmente vazio, pois era um quarto não usado como quarto de dormir, e, aos poucos, foi-se enchendo de coisas e virou uma espécie de oficina para tudo, era talvez uma grande despensa. Hoje, rememorando, penso em como estes processos são causadores de questionamentos sobre minha trajetória, penso em como podemos dar nomes às coisas e caracterizá-las, na mente de alguém desavisado, erroneamente. Quero dizer, aquilo que chamamos de vazio pode ser o lugar onde guardamos parte de nossas “ferramentas” vitais. Adentrar nesses “vazios” é tarefa de uma fenomenologia das imagens, para a qual, diria Bachelard (2001, p. 43), parece-me necessário transpor uma barreira “para adentrar num domínio que não ‘se observa’, onde já não nos dividimos entre sonhador e coisa observada. Então o sonhador se confunde com seu devaneio.”

Estas relações, esta busca pelas imagens criadas pelas relações entre nós e nosso entorno, poderiam, acredito, suscitar descobertas valiosas para o sujeito que se dispõe a fazê-las. Quiçá, dessa busca ele possa retornar com novidades e compartilhá-las com tantos outros, que por justificativas justas não podem realizá-la, mas entendem a necessidade dela.

Uma segunda questão diz respeito a certa “solidão necessária” à imaginação dinâmica e, portanto, inclusa no encontro realizado do sujeito consigo mesmo. Um momento de solidão. Quando se confrontam imagens de ascensão e de queda, onde as emoções oscilam entre dor e prazer. Momento em que se definem imagens preponderantes. Momento em que se qualificam modos de ser. São momentos propiciadores de devaneios como o cantado por Caetano Veloso: “mora na filosofia, pra que rimar amor e dor?”¹³ E são, seguramente, momentos em que se presentifica outro sentido do tempo.

¹³ VELOSO, C. Mora na filosofia. In: Transa. Polygram, 1972.

Cabe lembrar que o foco na docência não nos aparta da vida da pessoa como um todo, posto que já anunciamos trabalhar com a biunivocidade professor-pessoa. Assim, o sujeito em questão é docente, mas as solidões que vive podem não ser oriundas da profissão, mas afetam a profissão, pois elas estão (profissão e vida) juntas na mesma pessoa. Aqui a análise se afinaria com o que Durand (2002, p. 41) chama de *trajeto antropológico*, ou seja, “*a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social.*” Durand, dessa forma, postula que “há *gênese recíproca* que oscila do gesto pulsional ao meio material e social e vice-versa.” E define assim o lugar de sua investigação, que é também o que fundamenta a intenção metodológica de minha escrita.

É neste intervalo, neste caminhar reversível que se deve, segundo nos parece, instalar-se a investigação antropológica. Afinal, o imaginário não é mais que esse trajeto no qual a representação do objeto se deixa assimilar e modelar pelos imperativos pulsionais do sujeito, e no qual, reciprocamente, (...) as representações subjetivas se explicam ‘pelas acomodações anteriores ao sujeito’ ao meio objetivo. (2002, p. 41)

Na verdade, toda a página 41 da edição mencionada mereceria ser transcrita aqui, mas não farei isso. Esta recorrência a Durand se deu para fundamentar a questão das experiências de solidão, e mostrar que há idéias que fundamentam uma atividade da imaginação ali presente.

E assim esta reflexão se liga a toda poeticidade expressa nos poemas, mas que está também em nossos momentos de solidão. Ao me propor a relacionar essas dimensões, tomo, então, como pressuposto que o “devaneio cósmico” é um fenômeno da solidão,

um fenômeno que tem sua raiz na alma do sonhador. Não necessita de um deserto para estabelecer-se e crescer. Basta um pretexto – e não uma causa – para que nos ponhamos em “situação de solidão”, em situação de solidão sonhadora. Nessa solidão, as próprias recordações se estabelecem como quadros. Os cenários dominam o drama. As recordações tristes adquirem pelo menos a paz da melancolia. (BACHELARD, 2001, p. 14).

Focando esta solidão, considerando minhas memórias e poemas escritos, deverei levar comigo adjetivos, qualidades, ou características da solidão, que a apresentam como algo de necessário para lidar com as dores advindas tanto da docência quanto daquelas do tempo em que vivemos. Atrevo-me a citar uma longa, mas necessária, passagem de Rilke (2006) para caracterizar esta solidão.

Fica cada vez mais claro que no fundo ela não é nada que se possa escolher ou abandonar. *Somos* solitários. É possível iludir-se a esse respeito e agir como se não fôssemos. É tudo. Muito melhor, porém, é perceber que somos solitários e partir exatamente daí. Com certeza acontecerá de sentirmos vertigens, pois todos os pontos em que nossos olhos costumavam descansar nos são tirados, não há mais nada próximo, e toda distância é uma distância infinita. Quem fosse retirado de seu quarto, quase sem preparação ou transição, e posto nas alturas de uma montanha, necessariamente sentiria algo semelhante: uma insegurança sem igual, um abandono ao inominável quase o aniquilariam. Ele pensaria estar caindo ou sendo arrastado pelos ares ou destroçado em mil pedaços. Seu cérebro precisaria inventar uma mentira enorme para captar e esclarecer a situação de seus sentidos. É assim que se modificam, para quem se torna solitário, todas as distâncias, todas as medidas; dessas modificações, há muitas que ocorrem repentinamente. Como para aquele homem no pico da montanha, surgem então imaginações inabituais e sensações estranhas, que parecem ultrapassar a medida do que se pode suportar. No entanto é necessário que vivamos também *isso*. Precisamos aceitar a nossa existência em todo o seu alcance; tudo, mesmo o inaudito, tende ser possível nela. No fundo esta é a única coragem que se exige de nós: sermos corajosos diante do que é mais estranho, mais maravilhoso e mais inexplicável entre tudo com que nos deparamos. (p. 76-77).

Levando estas palavras filosófico-poéticas, de teóricos e poetas, em relação à solidão, como um viajante que leva em sua mochila ferramentas para abrir caminhos, penso ter uma possibilidade de aproximação com os sentidos da dor em nossa contemporaneidade.

Por último, mas não menos importante, posto que estas questões estão entrelaçadas na opção metodológica, acrescento a questão de uma suposta transformação do sujeito que escreve. Se tenho como mote primeiro “realizar uma escrita reflexiva sobre a dor na docência” e, ainda, colocando minhas experiências e memórias e elementos de contexto como confluentes na produção escrita, terei de reservar momentos para dizeres sobre que transformações ocorrem em mim durante o processo, ou ao seu findar. Pois, “para escrever, aliás, já o autor operou uma transposição. Ele não *diria* aquilo que escreve. Adentrou – que ele se defenda disso não muda em nada a realidade do fato – no reino do psiquismo escrito.” (BACHELARD, 2003, p. 24). Assim, no decorrer da escrita a que me proponho – uma reflexão e documento desta reflexão – espero dar espaço para que aquelas observações de transformações apareçam.

Três grandes questões assim se delineiam ligadas a minha reflexão sobre a dor na docência: perscrutar a simbologia da casa como forma de aproximação das imagens de nós mesmos a partir de nosso entorno; entender os processos ligados aos devaneios poéticos que se dão na convergência entre o dizer do poeta e a solidão humana; e registrar as operações de possíveis transformações de um si durante o

processo de escrita e reflexão. É um caminho que oscilará entre exigências de uma cultura científico-acadêmica e as evocações imagéticas da literatura. Não é um caminho de certezas, é um caminho com tendência à dúvida. Resta-me a esperança de educar essa tendência, como disse Rilke (2006) em conselho a um amigo:

Ela precisa se tornar um *saber*, precisa se tornar crítica. Pergunte a ela, a cada vez que quiser estragar algo seu, *por que* algo é feio, exija provas dela, teste-a, e o senhor talvez a deixe indecisa e confusa, talvez revoltada. Mas não desista, reivindique argumentos e aja assim, de modo atento e coerente, a cada vez. Dessa maneira chegará o dia em que sua dúvida se converterá de uma destruidora em sua melhor colaboradora – talvez a mais esperta no meio de tudo aquilo que trabalha na construção de sua vida. (p. 87)

Tomar a dúvida colada ao dizer de Rilke sobre ela me parece, no momento, um grande referencial para ancorar uma proposta de caminho para a reflexão. Mas o que me dirão os caminhos que se fazem ao caminhar?

Pelotas, dezembro de 2007.

- Segunda parte -

Expedição

1. O branco

As impurezas do branco as impurezas do
branco as impurezas do branco as impurezas
do branco as impurezas do branco as
impurezas do branco as impurezas do branco
as impurezas do branco as impurezas do
branco as impurezas do branco as impurezas
do branco as impurezas do branco as
impurezas do branco as impurezas do branco
as impurezas do branco as impurezas do
branco

- Carlos Drummond de Andrade -

Mais branco...

... a sensação de frio aumentava com a jornada, e chegou uma ocasião em que me pareceu entrar na região dos gelos eternos. Com efeito, abri os olhos e vi que meu animal galopava numa planície branca de neve, com uma ou outra montanha de neve, vegetação de neve, e vários animais grandes e de neve. Tudo de neve; chegava a gelar-nos um sol de neve. (...) nada vi, além da imensa brancura da neve, que desta vez invadira o próprio céu, até ali azul. (...) o silêncio daquela região era igual ao do sepulcro.

- Machado de Assis -

E mais branco...

Deixai-me, ó estúpido, bronco, obtuso dia!
Não é mais clara a meia-noite?

- Nietzsche -

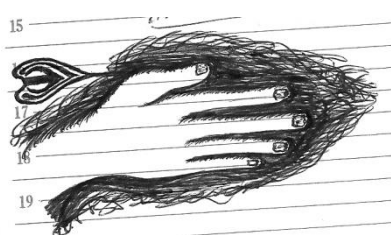
2. Sob o signo de Áries

Conto-lhes como retomei minha escrita. Pensei que precisava, antes das primeiras linhas, mostrar, de modo simbólico, o silêncio que precedeu o momento atual. O fiz deixando páginas em branco. As citações que as intercalam são imagens poéticas que potencializam minhas sensações ao pensar sobre como poderia definir o tempo situado entre a apresentação pública da primeira parte deste trabalho até o dia de hoje. Um período branco!

Tal brancura é de um branco impuro por certo. E é da impureza de tudo que vivi nesse período que brota minha escrita. Tivesse o leitor me acompanhado nos últimos meses, diria que tal período não poderia ser adjetivado de branco. Pois realizei leituras, viajei, conheci muitas pessoas, algumas amizades ocasionais, outras para toda vida, e também mestres, que me ensinaram enxergar em meio ao nevoeiro branco.

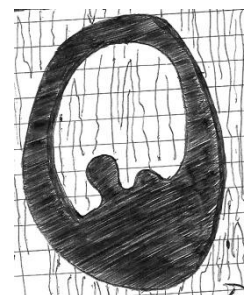
Eu concordo. Mas o branco, como metáfora, é aqui, ainda assim, procedente. Aparece como aquele da neblina espessa, onde nada se vê e quando o acender das luzes de nada adianta. Em outras palavras: o compromisso assumido de escrever uma tese acompanha aquele que se comprometeu em todo lugar aonde vá. Mistura-se aos pensamentos cotidianos, intercepta o sono, compromete as gargalhadas. E enquanto não se vê produto, enquanto não se materializa aquilo que é o projeto principal do compromissado em escrever, tem-se a impressão do branco. A sensação, metaforicamente, é a do desespero diante da não eficácia das luzes e, com ele, irrompe o desejo de que houvesse escuridão ao invés de branco.

Mas, sinto uma felicidade delicada a acariciar-me agora, quando me dou conta de que o modo como sentia transformou-se no próprio caminho a seguir. O não vislumbrar caminho tornou-se o caminho. Tenho a sensação de vivenciar conspirações cósmicas. E é Abril; minha escrita renasce, então, sob o signo de Áries.



3. Sou como todo mundo

“Vivi uma gama astronômica de acontecimentos. Bebi água toda minha vida, desde pequeno. Comi uma quantidade incrível de comida. Tomei banho quase todos os dias. Fui regularmente à privada. Andei de automóvel, de ônibus, de trem, de avião e de bicicleta. Li diversos livros sobre variáveis assuntos. Escrevi muitas cartas. Assisti a incontáveis aulas dadas por numerosos professores nacionais e estrangeiros. Bebo com certa frequência modulada. Durmo todas as noites, com exceção. Não posso dormir sem travesseiro, no entanto. Escovo os dentes duas vezes ao dia. Falei muito ao telefone, até mesmo interurbano. Há animais com quem nunca consegui conversar. Masco chiclete quando tenho medo de mau hálito. Fui ao médico, ao barbeiro, ao dentista, ao sapateiro, ao engraxate, ao oculista, a restaurantes, a cinemas e teatros.”



Já faz tempo que utilizo estas palavras, parte do conto *Labor dei*, de Silviano Santiago (1977, p. 87), em ocasiões em que preciso falar de mim. Trata-se de uma lista de características de um homem; feitos comuns que parecem não merecerem ser citados. Mas quando li essa lista, levei um susto porque vi ali uma descrição de mim mesmo. Era como se eu a tivesse escrito. E o que mais gostei foi do fato de ela apresentar aspectos de um cotidiano dificilmente mencionado quando falamos de nós mesmos. A vida trivial de um professor é deixada de lado em muitos momentos da vida profissional; não há modelos de relatórios ou currículos onde se possa expor as banalidades cotidianas. Mas elas são tantas e as repetimos tantas vezes que certamente fazem parte do que somos - como professores e como pessoas. Por isso, apresento aqui esta 'lista', com intenção de mostrar-me e, ao mesmo tempo, aproximar-me do leitor. Pode ser que estas sejam características comuns a muitos. E o faço sem os destaques exigidos pelas normas, para que as palavras de outro autor possam ser lidas como minhas, ganhando contornos de corpo do meu texto e possibilitando, para o leitor, a visualização do que sou.

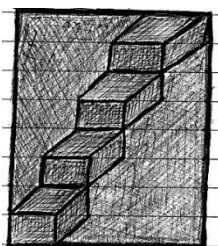
Nas páginas que seguem, agora não mais brancas, muito se encontrará sobre mim: o autor. Sobre como, sendo autor, fundamento minhas reflexões e como tais fundamentos se formaram e me afetam. Contudo, senti a necessidade de, ao retomar a conversa, acrescentar alguns dados ao que se pode chamar de “quem sou”. Esta necessidade apresenta-se porque tenho a intenção de aproximação, pela escrita, com

outros profissionais da educação, como eu. Pois bem, quando me aventuro a refletir sobre a dor, quero apresentar-me como igual aos demais em termos de potencialidade para a reflexão. Alguém que não tem mais do que os outros em possibilidades de tal realização. Sou um homem sujeito a todos os apelos do mundo atual. Que olha para as coisas e tenta e erra e tenta e acerta e segue tentando... Sou como todo mundo.

4. Um professor escrevendo sobre a dor - sem cortes

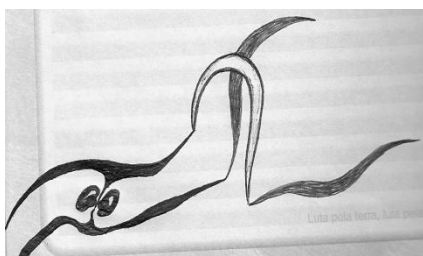
No capítulo 15 da primeira parte deste trabalho enumerei três grandes questões que permeariam a presente escrita. Assim as escrevi: “perscrutar a simbologia da casa como forma de aproximação das imagens de nós mesmos a partir de nosso entorno; entender os processos ligados aos devaneios poéticos que se dão na convergência entre o dizer do poeta e a solidão humana; e, registrar as operações de possíveis transformações de um si durante o processo de escrita e reflexão.”

Agora, no momento de escrever tendo essas questões como base, minha “consciência” me força a dizer de pensamentos que têm transitado por minha mente,



os quais dizem respeito a procedimentos metodológicos do escrever. Deveria eu separar as questões em capítulos? Um capítulo para as imagens da casa, outro para a solidão e outro ainda para os afetos gerados pelo escrever? Estas perguntas me levaram a um desafio: descrever numa frase o que eu sou considerando o trabalho que ora desenvolvo. Cheguei ao seguinte: “um professor escrevendo sobre a dor - sem cortes”. Junto com essa ‘imagem’ acudiram-me dois modos de entendimento da mesma. Pode significar que estou escrevendo sobre determinado tipo de dor, e que não há cortes, no sentido de ferimentos, pois estou focado em dores ligadas à imaginação poética; e pode significar que a escrita não terá cortes, no sentido utilizado por editores; nesse caso, “sem cortes” carrega a conotação de que tudo apareceria, não havendo a preocupação com seções para cada tema e nem com censuras.

Considero, porém, uma impossibilidade não haver censuras quando se trata de escrever. Mas, agradei-me com meus pensamentos. E não é sem razão, porque o modo como percebo o trabalho, o movimento da imaginação, quando tem a dor como tema central e tem na escrita o suporte de expressão, não deveria, em princípio,



propor separações sem antes ter argumentos suficientes para isso. Não tenho, todavia, argumentos suficientes também para não separar. Tenho apenas uma percepção, momentânea, oriunda de cogitações em torno de minhas questões base e do campo de pesquisa em que me localizo. Até o momento, visualizo possibilidades de encontrar nas imagens poéticas da casa convergências com modos de ser: epifanias. Também, penso que a solidão humana é um elementantíssimo na elaboração das imagens sobre as dores vividas. E: não consigo ver até o momento formas de expressão das dores que pretendo abordar, a não ser a da poesia. Porque essas dores estariam em territórios onde não se pode cavar, estão em sítios onde nosso acesso é negado, não temos as perguntas que possam fazer com que elas apareçam transformadas em respostas. O máximo que consigo cogitar é que em momentos de solidão o sujeito fala consigo mesmo sobre elas. São dores e são segredos.

Ocorre que um sujeito em solidão deve, para não nos perdermos em irracionalismos, estar em algum lugar. No momento em que escrevo estas linhas, estou em casa. Poderia estar sentado num banco de uma praça? Sim, mas, o que quero frisar é que mesmo não estando, literalmente, “em casa”, a inclinação de um sujeito numa reflexão sobre si só é proporcionada por um encontro. Nas cogitações de um solitário, há encontro de muitas vozes, suas vozes; qualquer lugar em que isso ocorra tem parte com a simbologia da casa. As perguntas me fazem transitar por corredores; as aflições me levam a porões mal iluminados; clarões de espírito e me vejo diante de janelas que dão para jardins. Na dinâmica da imaginação, há a possibilidade do encontro de um si consigo mesmo e, ao mesmo tempo, de esse encontro ser consonante com o “sentir-se em casa” quando designa um estado de espírito.

Além disso, quando tenho na memória, em minha memória, um suporte para a escrita, não vejo como poderia seguir, por exemplo, uma cronologia. Deveria separar as lembranças de forma sequencial e também criar critérios para fundamentar o dizer de que uma diz respeito à casa e outra à solidão e outras lembranças diriam respeito às minhas cogitações sobre como a escrita em tal uso da memória excitaria ou não minha vida? Penso que tal empreitada seja possível, mas penso também que cairia em grande contradição, porque com filósofos como Bachelard, estou buscando romper com uma determinada lógica de argumentação. As minhas lembranças de

solidão, por exemplo, fazem-se presentes no processo de escrita não por uma auscultação, mas sim por uma espécie de intuição. Na leitura de um autor ou de minhas notas do passado, na busca de uma resposta, ou de modos de narrar as dores vivenciadas pelas pessoas em sua solidão, lembro de situações por mim vividas, e a valoração que dou ao rememorado está numa lógica de possibilidades de convergência entre o meu viver e o dos demais. Não está ancorada em critérios de temporalidade. Estamos, senhores, permitindo-nos com esta metodologia sermos atravessados pelos devaneios, seguir as imagens e não classificá-las.

O passado rememorado não é simplesmente um passado da percepção. Já num devaneio, uma vez que nos lembramos, o passado é designado como valor de imagem. A imaginação matiza desde a origem os quadros que gostará de rever. Para ir aos arquivos da memória, importa reencontrar, para além dos fatos, valores. Não se analisa a familiaridade contando repetições. (...) Para reviver os valores do passado, é preciso sonhar, aceitar essa grande dilatação psíquica que é o devaneio, na paz de um grande repouso. Então a Memória e a Imaginação rivalizam para nos devolver as imagens que se ligam à nossa vida. (BACHELARD, 2001, p. 99).

Sendo assim, a “edição” que imagino para meu “filosofar” se aproximaria, em termos cinematográficos, a filmes ao estilo de Quentin Tarantino. Onde a narrativa transita por tempos e temas diversos, intercalando cenas de modo aparentemente caótico, mas que na realidade oferece aos sentidos uma idéia bem contundente e vivaz de como nossa memória trabalha ao contar uma história. Sou na verdade, então, um professor escrevendo sobre a dor, mas ciente da impossibilidade de fazê-lo, sem cortes.

5. Palavras cruzadas

Devo insistir um pouco mais nesse assunto. Qual seja: o da complexidade que se apresenta quando precisamos expressar algo através da escrita buscando alcançar nuances imagéticas diferentes da ordem imposta pelo discurso. Acompanhem meu exercício.

Procurando esquematizar o meu trabalho de reflexão, escrevi a palavra DOR no centro de uma folha de papel. Esta palavra assim colocada expressa sua centralidade em minha reflexão; é minha questão maior.

DOR

Após, para indicar o foco mais específico em que eu trabalharia, decidi-me pela palavra DOCÊNCIA. Esta palavra designaria por onde minhas reflexões se verticalizariam. Num primeiro momento, tudo que diz respeito a dor é importante, mas, aos poucos, vou fazendo seleções e, em profundidade, quero chegar a certas especificidades de dores vividas na docência. O tema geral permanece, mas ligado a ele está uma objetivação do olhar. Em duas palavras tenho horizontalidade e verticalidade.

DOR
O
C
Ê
N
C
I
A

Para essa angulação outras palavras convergem: o *imaginário*, lá no fundo da verticalização, me dá suporte enquanto campo teórico e também como um elemento ontológico. Num movimento ascendente, a *memória*, considerando, principalmente, que tenho como suporte minhas anotações do passado. A seguir, a *escrita* que é o elemento primeiro desta proposta de reflexão. Da escrita, fundamentada no imaginário e na memória, emergem *sentidos* sobre a dor na docência. Configura-se ela, então, como uma *experiência* que possibilitará, ou não, defini-la como documento de um processo de reflexão sobre a dor. Por fim, estando imerso nessa atividade, com esses suportes, tenho sempre presente as imagens da *casa*, as quais procuro trabalhar via *poesia*. Delas me utilizo para ilustrar a minha leitura da dor. Assim temos: as “palavras cruzadas”.

DOR
POESIA
CASA
EXPERIÊNCIAS
SENTIDOS
ESCRITA
MEMÓRIA
IMAGINÁRIO

Pois bem. Mas a minha dificuldade está no fato de que ao utilizar a escrita para expressar minhas reflexões, não posso seguir apenas ímpetos de vontade. Se assim o fizesse, ao invés de explicitação do que considero na reflexão e por quê, apresentaria somente esta última figura. Vejo ali um texto. Vejo ali a expressão sintetizada de meu fazer atual. Mas, no contexto da produção discursiva, isso se faz impossível. Gilbert Durand se refere a esta questão quando percebe que não se pode fugir de certas regras durante a exposição de suas reflexões. Diz ele: “É aqui precisamente que surge uma das dificuldades da pesquisa antropológica. Obrigatoriamente, para expor os resultados e descrever essas constelações, é-se levado a utilizar o discurso. Ora, o discurso tem um fio, um vetor que se vem acrescentar aos sentidos das intuições primeiras.” (2002, p. 45).

Envolvido com esses pensamentos, e na busca de construir o que me propus, ou seja, uma escrita antro-po-fenomenológica, ponho-me em combate com o que está posto. Presto atenção ao conselho registrado por Bachelard nas linhas que introduzem *A poética do espaço*: “Um filósofo”, diz ele,

que formou todo seu pensamento atendo-se aos temas fundamentais da filosofia das ciências, que seguiu o mais exatamente possível a linha do racionalismo ativo, a linha do racionalismo crescente da ciência contemporânea, deve esquecer o seu saber, romper com todos os hábitos de pesquisas filosóficas, se quiser estudar os problemas propostos pela imaginação poética” (BACHELARD, 2003, p. 1).

É por isso que estou agora gastando, por assim dizer, muitas linhas na explicitação do que fundamenta, metodologicamente, o meu trabalho. Sinto a necessidade de deixar claro que as minhas opções teóricas serão respeitadas se eu conseguir escrever rompendo com a perspectiva da *explicação* e deixar-me conduzir

mais livremente pelas intuições primeiras suscitadas pelas imagens, lembranças, e também pelas intimações vividas no presente de meu labor reflexivo.

É com modéstia que me conduzo em tal caminho, na expectativa de cumprir com as exigências postas pelo referencial a que me filio aqui.

Para poder ‘viver diretamente as imagens’, é ainda necessário que a imaginação seja suficientemente humilde para se dignar encher de imagens. Porque se se recusa essa primordial humilde, esse originário abandono ao fenômeno das imagens, nunca se produzirá – por falta de elemento indutor – essa ‘ressonância’ que é o próprio princípio de todo o trabalho fenomenológico. (DURAND, 2002, p. 25).

Com essas premissas, penso caracterizar a tonalidade que pretendo em minhas cogitações presentes. Definitivamente, estou envolvido com a possibilidade de permitir os ruídos, as manchas, porque sem isso não estaria sendo fiel aos teóricos que referencio. Estou com essas “palavras cruzadas”, se me permitem um trocadilho, realizando uma “cruzada” com palavras.

6. Tomando a casa

Não foi sem hesitação que este novo capítulo foi iniciado. Tive a necessidade de pensar sobre a pertinência dos argumentos anteriores, porque são referências à base metodológica e indicam a indissociabilidade das idéias que ora me preocupam. Pensei que eu poderia iniciar, por exemplo, falando da casa e para ela convergiriam imagens de dor e solidão; e outros pontos de partida e modos de convergência ocuparam, então, minha mente - sempre com uma sensação de que falar de tudo ao mesmo tempo também não é possível ou que, pelo menos, seria tarefa complexa. Precisei andar e falar sozinho. E concluí que precisava de uma nova “entrada”. Ela veio por meio de um conto: *A casa tomada*, de Julio Cortazar.

Tomei, então, a casa de outro modo, como dispositivo para reflexão, porque vi no conto uma imagem de casa que se mistura com o ser dos moradores. Imagino que todos tenham devaneios com casas parecidas com aquela de Cortazar da qual, diz o narrador, ele e a irmã gostavam, porque ela – a casa – “guardava as lembranças de seus bisavós, do avô paterno, de seus pais e de toda a sua infância.” E o conto também permitiu que eu visualizasse ali sincronicidades com o meu modo de ser, como o fato de os dois personagens estarem, como eu, na “casa dos 40”.

Mas a imagem mais potente, no conto, é o mistério que *toma* a casa. O narrador descreve a vida tranquila que levavam na casa, até que um dia ouve “alguma coisa na sala de jantar ou na biblioteca. O som chegava impreciso e surdo, como uma cadeira caindo no tapete ou um abafado sussurro de conversa.” Também o ouviu, “ao mesmo tempo ou um segundo depois, no fundo do corredor que levava daqueles quartos até a porta”. Ele contara o ocorrido a sua irmã: “Tomaram a parte dos fundos.” Mesmo assim eles seguem ali e reinventam seus hábitos na parte restante da casa, isolada por uma forte porta de mogno. Tudo parece conforme, quando, certa noite, os ruídos voltam: “Ficamos ouvindo os ruídos, sentindo claramente que eram deste lado da porta de mogno, na cozinha e no banheiro, ou no corredor mesmo onde começava a curva, quase ao nosso lado. Sequer nos olhamos. Apertei o braço de Irene e a fiz correr comigo até a porta cancela, sem olhar para trás.” E assim termina a história: “Enlacei com meu braço a cintura de Irene (acho que ela estava chorando) e saímos assim à rua. Antes de partir senti pena, fechei bem a porta da entrada e joguei a chave no ralo da calçada. Não fosse algum pobre-diabo ter a idéia de roubar e entrar na casa, a essa hora e com a casa tomada.”



Termina a história com os moradores fora de casa, deixando atrás de si, e para o leitor, o mistério. O que provocara aqueles ruídos? Teríamos de perguntar ao autor ou realizar pesquisas sobre as visões de diversos analistas da literatura para obtermos uma aproximação com a “verdade”. Mas a questão aqui é outra: essa história me desperta o interesse justamente porque o mistério não se desfaz. Assim é que encontro uma analogia para ilustrar os pensamentos que me assaltam. Quero dizer que numa reflexão sobre a dor na docência, sobre as dores vividas em solidão, o lugar que se adentra é muito semelhante à “casa tomada”. Um lugar trancado com seus mistérios, e a chave foi jogada fora. E eu fico me assemelhando ao suposto “pobre-diabo” que pretende entrar nessas casas tomadas de mistério.

Mas não exageremos em modéstia. É possível adentrar nesses espaços, como diria uma criança, pela imaginação. Seguimos adiante, então – em devaneio. Precisamos, contudo, antes de seguir, recordar que, neste trabalho, a casa é tomada como uma duplicação do ser; é preciso, portanto, que nos enxerguemos como casa

para pensarmos nos segredos que guardamos. Durand pode nos ajudar a condensar esta idéia:

A casa constitui entre o microcosmo do corpo humano e o cosmo, um microcosmo secundário, um meio-termo cuja configuração iconográfica é, por isso mesmo, muito importante no diagnóstico psicológico e psicossocial. Pode-se dizer: ‘Diz-me que casa imaginas e dir-te-ei quem és’. E as confidências sobre o habitat são mais fáceis de fazer do que sobre o corpo ou sobre um elemento objetivamente pessoal. (2002, p. 243)

Penso não cair em contradição se afirmar que a nossa casa-corpo é uma casa onde há muitos mistérios. Eu já habitei várias moradas e, embora cada uma delas tivesse singularidades materiais, todas elas podem ser identificadas como minhas porque algo de mim as caracterizava. Em cada uma delas vivi histórias que só eu sei - segredos. Percebo assim, como Durand, que o dizer sobre a casa é análogo ao dizer sobre o sujeito que nela vive ou viveu; posso dizer, por exemplo, “guardo em mim histórias que só eu sei.”

Como ilustração deste aspecto, conto-lhes sobre um acontecimento recente; alguns procedimentos metodológicos para meu escrever, mas que também podem ser chamados de cuidados para com essa casa existencial. Aconteceu que, pelo fato de utilizar meus cadernos de notas como fontes de minha memória, tive de realizar uma organização para que, por exemplo, ao citá-los, pudesse indicar com presteza a qual deles me referiria. Então, juntei-os todos numa caixa de papelão. Eles são de vários tamanhos e estão com capas um tanto manchadas e desgastadas e, também, com folhas amareladas. Pensei que precisava tratar melhor minhas “fontes”. Comprei papel vegetal, porque me disseram que esse tipo de papel ajuda na conservação e, também, em função de sua transparência. Revesti os cadernos com o papel e identifiquei, cada um deles, com uma letra, de ‘A’ a ‘R’. Também comprei uma caixa especial que traz impresso na tampa: *Memories*. É onde agora os cadernos estão guardados. Compus, acho eu, o meu relicário.

Mas esse trabalho não teve somente o tom pragmático que descrevi; as sensações que o permearam, registro, terei dificuldades em exprimir. Porque o que fiz, na verdade, foi uma faxina de intimidade. Muito semelhante às faxinas que fazemos em nossas moradas onde nos deparamos com objetos nos sótãos ou porões, os quais ativam nossa memória, por serem lembranças de bem querer ou de dores - símbolos. Nessas horas, as sensações variam: vivenciamos “estações” diferentes em curtos espaços de tempo. Não é um ser *racional* que está agindo em nós, e sim um

sonhador: “O *pensador* de mundo é o ser de uma hesitação. Desde a abertura do mundo por uma imagem, o *sonhador* de mundo habita o mundo que acaba de lhe ser oferecido. De uma imagem isolada pode nascer um universo.” (BACHELARD, 2001, p. 167). Assim eu me sentia e, enquanto, metaforicamente, estava retirando objetos da “despensa” para compor meu relicário, pensava que muito daquilo que redescobria eram segredos e deviam continuar assim. Não assentiria que tomassem essa casa. Para ter acesso a tais “pertences”, o interessado deveria dar mostras de merecimento; haveria de conquistar, talvez, aquela confiança cúmplice de silêncio, essência das amizades. Como a que vejo no poema *Arte do chá*, de Paulo Leminski:

ainda ontem
convidei um amigo
para ficar em silêncio
comigo

ele veio
meio a esmo
praticamente não disse nada
e ficou por isso mesmo¹⁴

Ah, eu diria - juntamente com Bachelard - gostaria tanto de “poder demonstrar que a poesia é uma força de síntese para a existência humana!” (op. cit., p. 119).

Mas, dou espaço para o pesquisador que me habita para ratificar uma necessidade que defendo, qual seja, a sutileza, ou melhor, a delicadeza que precisa envolver os métodos de pesquisa no campo do imaginário, principalmente, quando se propõem a trabalhar com narrativas. A imagem que me vem sempre é a da suspensão da mão no ar que precede o bater à porta: é preciso dar-se conta que quem está do outro lado, talvez, tenha necessidade de silêncio, de solidão, e apenas por descuido não tenha posto do lado de fora uma placa dizendo: “Por favor, não perturbe”.

Nos procedimentos utilizados por pesquisas no campo do imaginário percebo a existência desses cuidados. Como exemplo podemos tomar um excerto de Peres (2006, p. 54):

Diante do fracasso das etapas ordenadas, dos métodos e das técnicas prescritivos, vence uma noção tão imprecisa quanto imponderável: o desejo. São elementos dessa natureza com as quais, nesse âmbito, temos que lidar. Não são somente as regras, ou lições teóricas que darão as respostas; são sobretudo os laços criados por impulsos, por afetos, por adesões. Para que possamos aderir a elas é preciso, de algum modo, atraí-las.

¹⁴ In. *Distraídos venceremos*. Brasiliense, 1987. Cf. referências.

Com isso, aqui, quero evidenciar o respeito que deve estar colado aos métodos que pretendem adentrar nas casas alheias. Uma pergunta me veio à mente quando



estava a mexer com meus cadernos: “Se não conto nem para o meu amor, porque contaria a um pesquisador?” Esta pergunta veio somar-se com meus argumentos de possibilidade de aproximação com as dores vividas via poesia e, também, pela homologia da casa, pois estas, por assim dizer, técnicas que estou utilizando, possibilitariam a reflexão dos professores, mas

sem a agressividade de uma invasão dos seus espaços íntimos.

Quero dizer que a possível importância que visualizo, nessas propostas de aproximação, está no fato de que pode haver a possibilidade de encontro do sujeito consigo mesmo – o professor refletindo sobre seus processos de formação – e que tal encontro ocorra de forma anônima; então, respeita-se o silêncio, mas sabe-se que ocorrem transformações em solidão. De minha parte, nessa empreitada de reflexão em que me pus, posso afirmar que há uma necessidade do segredo; do si consigo mesmo. Idéia essa que também se vê em Durand quando se refere à simbologia da casa:

temos necessidade de uma casa pequena na grande ‘para reencontramos as seguranças primeiras da vida sem problemas’; é esse o papel do cantinho, do retiro obscuro, do Santo dos Santos, ou da câmara secreta e última. O oratório também desempenha esse papel: chineses e hindus aconselham, para praticar a involução, que nos coloquemos num local retirado ao fundo da casa, ‘obscuro e fechado como o seio de uma mãe’. As fechaduras e as chaves reforçam ainda a intimidade e o segredo dessas moradas superlativas. (DURAND, 2002, p. 244).

Para finalizar este capítulo de “entrada na casa”, gostaria de chamar a atenção para o modo convergente como as questões aparecem na elaboração discursiva que apresento. Ou seja, vejo como possível o tratamento das questões de forma indissociável: a simbologia da casa, a solidão, as transformações do sujeito que reflete e também questões metodológicas vão aparecendo imbricadas no fluxo de minha argumentação. Mas, é apenas uma primeira visita. Uma primeira tomada.

7. Tenho planos para hoje, projetos para esse ano, objetivos para a vida inteira e sonhos para qualquer tempo!!!!

Extraí a afirmação que utilizo aqui como título do *nickname* de uma amiga professora. Foi no dia 15/01/08, uma terça-feira, que a copiei para o arquivo de notas. Custei a encontrar algo que introduzisse o que pretendo expor agora: *o movimento de queda e ascensão que permeia as dores em solidão*. Movimento já mencionado antes, principalmente no capítulo 13 da primeira parte, e que transparece, ora com mais ora com menos intensidade, no decorrer de todo este trabalho.

Durand (2002) apresenta uma grande constelação de símbolos que tem a queda como metáfora principal. Seu ponto de vista é o de que a queda é uma “grande epifania imaginária da angústia humana, diante da temporalidade” (p. 111). E assim, ao apresentar o *regime diurno da imagem*, o autor relaciona uma série de símbolos que teriam como fundamento convergente a percepção do tempo. De tal percepção resultariam criações simbólicas diversas sobre as mudanças e sobre a morte, posto que se dar conta do tempo é, ao mesmo tempo, dar-se conta da finitude da vida. Numa passagem, onde está argumentando sobre produções simbólicas em que figuram animais, movimento, mudança, Durand assim se expressa:

Ora, a mudança e a adaptação ou a assimilação que ela motiva é a primeira experiência do tempo. As primeiras experiências dolorosas da infância são experiências de mudança: o nascimento, as bruscas manipulações da parteira e depois da mãe e mais tarde o desmame. (2002, p. 74).

Mais adiante, referindo-se à simbologia da queda, Durand reafirma temores entre as primeiras experiências da criança: “O movimento demasiado brusco que a parteira imprime ao recém-nascido, as manipulações e as mudanças de nível brutais que se seguem ao nascimento seriam, ao mesmo tempo, a primeira experiência de queda e ‘a primeira experiência de medo’” (Idem, p. 112). E, ainda, expondo sobre a relação que encontra entre a dominante reflexa postural e a simbologia da queda, Durand conclui que “a queda resume e condensa os aspectos temíveis do tempo”. Teríamos, portanto, na queda, esta experiência “dolorosa fundamental” que resultaria na vertigem: “um relembrar brutal da nossa humana e presente condição terrestre” (Op cit. p. 113).

Ora, se no capítulo anterior ficamos fora da casa, achei por bem buscar um modo de refletir sobre o entorno da casa. Não seria exagero imaginar um velho poço nos arredores, propensão de queda, para relacionarmos com nossas experiências de exploração introspectivas de nossas casas imaginárias.

Em *Coraline*, de Neil Gayman, que é um livro sobre uma casa, temos um exemplo desta exploração. Assim é a descrição da casa onde Coraline foi morar com sua família: “Tratava-se de uma casa muito antiga – com um sótão sob o telhado, um porão sob o chão e um jardim coberto de vegetação e de árvores grandes e velhas” (2003, p. 11). A descrição da casa envolve o seu entorno - a casa e o lugar da casa são espaços a serem explorados. A exploração de Coraline, penso eu, pode ser tomada como uma espécie de prescrição para cuidados necessários à exploração de nós mesmos. A casa-corpo é uma casa que se expande, não é somente o seu interior. Há mundos a serem sonhados e descobertos e estão, também, ao redor da casa. Seguimos a sua exploração: além roseiras atrofiadas e cogumelos venenosos, Coraline descobriu que



Havia também um poço. No dia em que a família de Coraline se mudou para lá, a senhorita Spink e a senhorita Forcibele insistiram em dizer a Coraline o quanto o poço era perigoso, prevenindo-a para que se mantivesse decididamente longe dele. Por causa disso, Coraline fez questão de explorá-lo, para saber onde ele se encontrava e, dessa forma, poder evitá-lo apropriadamente. Encontrou-o no terceiro dia, em meio a uma campina de vegetação rebelde, ao lado da quadra de tênis e atrás de um arvoredor – um círculo de tijolos baixo, quase escondido pela grama alta. Alguém o cobrira com tábuas de madeira, para impedir que caíssem nele. Havia um pequeno nó de madeira de uma das tábuas e Coraline passou toda uma tarde jogando seixos e bolotas através do buraco, esperando e contando até ouvir o *plop* que faziam quando atingiam a água lá embaixo. Coraline também explorou o local em busca de animais (...). Foi assim que Coraline passou suas duas primeiras semanas na casa – explorando o jardim e o terreno em volta. (GAYMAN, 2003, p. 13)

Será preciso que o leitor conheça a história em sua totalidade para perceber como as descobertas de Coraline foram importantes. As coisas que parecem ameaçadoras podem ser aliadas na luta contra perigos que nos afligem, se tivermos conhecimento delas. Seu maior “pesadelo” é vencido *com* o poço. Mas, o que ressalto aqui, é o sentido de queda que simbolicamente envolve o poço. Da exploração desse misterioso propiciador de quedas, Coraline ganha a possibilidade de viver experiências muito singulares. Conhecendo o entorno da casa, principalmente o poço,

ela já estava de posse de grandes aliados. É uma imagem literária mostrando que ela se solidarizava com seu entorno. E o fazendo já iniciava o caminho de ascensão.

Buscando na poesia e em minhas memórias um poema que ilustrasse este movimento – de queda e ascensão – a que me refiro, escolhi um que há muito me acompanha. Trata-se de um fragmento do *Romance de Pompeia*, de David Mourão-Ferreira.

Ao profundíssimo poço
até hoje inviolado
que no chão se abriu e onde
vivos ainda tombamos
chegam-nos vagos rumores
do que por cima se passa
todo sonho todo logro
que por cima tem passado
Cascos agudos de donos
e pés desnudos de escravos
cupidez de demagogos
estupidez de soldados
os que bramam contra o lodo
para mais lodo criarem
os que rastejam no tojo
até se julgarem águias
os que ao céu o fogo roubam
mas em fumo se desfazem
utopias de alguns tontos
visões de alguns visionários
que se quebraram no encontro
ao gelo dos homens práticos
de cujos hábeis engodos
nos poderiam ter salvo
E também a luz a força
de corpos jovens e ágeis
corças panteras ou potras
mais belas quanto selvagens
à lei do que há de ser podre
todavia condenadas
Antes o fim que nos coube
Se é que fim pode chamar-se
a este abraço em que somos
um só astro uma só 'státua
uma só chama um só tronco
por toda a eternidade
mais livres porque um do outro
um ao outro acorrentados
Ninguém nos venha em socorro
Ninguém nos deslace os braços¹⁵

Se lembrarmos de como Durand (2003) situa o imaginário, ou seja, num trajeto no qual estão em jogo, de forma recíproca e reversível, os imperativos

¹⁵ Fragmento de *Romance de Pompeia*. De MORÃO-FERREIRA, David. In. NEJAR, Carlos (Org.), 1982, p. 147. Cf. referências.

pulsionais do sujeito e o meio objetivo, podemos visualizar no poema acima, eu diria, uma materialização de tal pensamento. Ali está alguém que fala de um mundo que lhe afeta drasticamente; é a queda que dá o tom. A queda num poço: “O poço é um arquétipo, uma das imagens mais graves da alma humana” (BACHELARD, 2001, p. 109). Mas, ao final, o eu lírico revela-se desejoso de permanecer numa dimensão que pode ser análoga a uma libertação. Ou então figurar, metaforicamente, como uma marca ascensional.

Pouca validade tem a leitura que faço para quem busca certezas com base em experiências de causa e efeito. Mas quem se entrega a buscar conhecimentos na poesia, é de se supor que ali encontraria quase que uma descrição de seu mundo e, por que não, isomorfismos com pensamentos que lhe são próprios, porque tais devaneios também são respostas às nossas angústias. E, e esta talvez seja a maior característica da produção simbólica, a que dá validade às nossas produções poéticas. Os devaneios não são verdade, no sentido positivo utilizado pelos cientistas, mas são necessários, justamente porque as respostas dos poetas resultam em imagens de aconchego para almas aflitas. Bachelard se expressa melhor: “a poesia tem uma felicidade que lhe é própria, independentemente do drama que ela seja levada a ilustrar” (2003, p. 14). Mas este movimento da imaginação, construindo um modo de ser, não é racionalmente construído. A imagem é um modo primeiro de mediação com o mundo de coisas visíveis e invisíveis.

Eu sou levado a crer que, nessas humildes cogitações que empreendo, em nossa vida, como pessoas e também como professores, vivemos sempre a experimentar movimentos similares ao descrito no poema. Para ilustrar tal pensamento, peço permissão para lhes mostrar uma carta que recebi de um grande amigo – professor.

Abril de 2009.

Nasceu Florbela da Rocha. Chegou ao mundo um dia antes do previsto. Talvez, pelo fato de ter pais ansiosos. Mas a questão é que o mundo referido já fazia parte de sua existência. É mais uma daquelas expressões absurdas usadas como se fossem óbvias.

Seu pai, músico de formação, professor pelas necessidades históricas de sobrevivência. Sua mãe, socióloga graduada, mas professora pelas contingências do tempo e do espaço (e da sociedade). Não há demérito nem resignação, apenas uma constatação para situar os progenitores, visto que a pequena mulher, ainda criança, levará esta sina por toda sua vida (e, quem sabe, para além).

A questão é que, embora tenha nascido na trigésima oitava (ou nona, não sei ao certo) semana, seus pulmões não estavam preparados o suficiente para trabalharem sozinhos. Este fenômeno desencadeou nervosismo em seus pais

e familiares próximos, mas a pequena está se recuperando e, tudo indica, muito em breve, gozará de plena saúde.

A convivência com outros pais que freqüentam UTIs neo-natais nos ensina muito. Filhos prematuros, casos complicados ou, simplesmente, crianças que passam um período de 12 horas sob observação, são testemunhas do mistério da vida, do avanço da tecnologia e da solidariedade humana, manifestada por meio de conversas, carinhos, vozes tenras e brilho nos olhos (talvez o conjunto dessas coisas possa significar amor).

Voltando à personagem dessa narrativa, sabemos que sua vida está em aberto e precisa ser escrita com as letras da vontade, da potência, do devir-a-ser. Porém, se seu pai continua sonhando em compor, e se sua mãe pretende diminuir a carga horária de trabalho semanal para dedicar-se à ela, algo de muito importante aconteceu a partir desse dia 09 de Abril: por causa de Florbela, papai já não sonha mais pra si e mamãe não poderá mais dormir sossegada para enfrentar outro dia na lida escolar.

Hoje, num dia em que uma criança de 9 anos de idade, junto com mais 3 adolescentes, roubam a cantina da escola em que papai trabalha; em que a pequena Flor sente fome e não pode ser alimentada; em que o recém-nascido ao lado mama no peito de sua mãe pelo terceiro dia consecutivo, após 35 longos dias de permanência na incubadora; temos certeza de quase nada: as promessas nem sempre são cumpridas, os sonhos nem sempre se realizam e o mundo (aquele que a personagem principal chegou) tende de mal a pior.

Porém, ainda parece oportuno prometer coisas: uma vida mais saudável, a prática de atividade física, mais tempo para a família, gravar músicas, montar uma banda, ser mais gentil, esquentar menos a cabeça com os problemas do cotidiano. Também, ao que tudo indica, ainda vale a pena sonhar, mesmo que seja só para acordar assustado em seguida e dizer para si mesmo: essa vida é muito louca!

E, quanto ao mundo, deixemos para Florbela e seus companheiros, os Artur, Mateus e outros tantos que nascem a cada dia e precisam escrever a sua história, que, de alguma forma, se encontra com a nossa, seja na contradição das gerações ou na luta pela sobrevivência. Que as mudanças contrariem as previsões pessimistas e que os sorrisos sejam largos e sinceros, pelo menos nos momentos mais carrancudos.

Seja Bem-Vinda Florbela, papai e mamãe te amam. O primeiro escreveu esse texto em sua homenagem e vai enviar, via e-mail, para seus amigos que também serão teus; a segunda está no hospital e deve ter alta amanhã. Está um pouco triste, é verdade, porque não pode alimentá-la como faz a mamãe companheira de quarto com o seu bebê. Mas, tem a convicção de que, muito em breve, a terá em seus braços para ninar e cuidar com todo o carinho que você merece.

Esta carta me tocou muito profundamente, por várias razões. Inicialmente, pelo fato de ela participar e contextualizar um nascimento: nascimento de uma filha de pais professores – fato que, todos sabem, afeta a vida como um todo, fato que nos faz pensar sobre subsistência. A carta também descreve como esse acontecimento específico estava rodeado de apreensões e de aprendizagens em relação aos cuidados com a vida de pessoas amadas. E também me emocionou porque eu fui um dos escolhidos como destinatário de tal escrita. Nos tempos em que vivemos, a sensação de ter amigos, hão de concordar, é algo a se valorizar intensamente. Percebi, por fim, que aquela escrita podia ser um documento singular - por que não - da dor na docência e de como lidamos com ela. Estas razões me levaram a pedir autorização ao meu correspondente para que sua carta fizesse parte de meu texto.



E há ainda outra razão para expô-la: é que vi na estruturação da carta um movimento muito similar ao que se observa no fazer poético que mencionei acima: num momento de solidão um sujeito trilha um caminho de descida e, ao mesmo tempo, ascende. O que dá suporte à criação poética é a própria vida em seus múltiplos movimentos de queda e ascensão. Ao quê, podemos juntar um trecho de um conto de Caio Fernando Abreu:

Mas não é ruim a gente ir entrando nos poços dos poços sem fim? A gente não sente medo? (...) A gente não morre? A gente morre um pouco em cada poço. E não dói? Morrer não dói. Morrer é entrar noutra. E depois: no fundo do poço do poço do poço do poço você vai descobrir quê. (1976, p. 6).

E o que isto tudo tem a ver com o título acima? Ora, tem a ver porque o título expressa uma existência do sonho, uma crença de que um mundo é criado a cada instante. Sonho esse que vai além da noção de tempo do cotidiano dos planos, projetos e objetivos: “sonhos para qualquer tempo”. Esta talvez seja a peça principal para não sucumbirmos à dor e ao pessimismo das quedas ao nosso redor. Na carta, meu amigo se expressa melhor manifestando seu desejo: “Que as mudanças contrariem as previsões pessimistas e que os sorrisos sejam largos e sinceros”.

8. Prólogo para o capítulo 9

Quando nos mostram fotografias, a visão do que ali está retratado é seguida de uma explicação. Todos têm lembranças desses momentos de recordação, com álbuns de fotografias, principalmente em casas de parentes mais velhos: “isso foi em 1971, essa roupa fui eu mesma quem fiz, era um dia muito frio, foi depois do casamento do João, o Guilherme não tinha nascido ainda!” As lembranças que tenho desses momentos, são mais ou menos assim, diante da imagem fotográfica informações em uma cadência telegráfica.

Mas com imagens escritas pode-se permitir inverter o processo. É o que estou fazendo agora: primeiro quero falar sobre a imagem e só depois a mostrarei. É uma imagem frase.

Bem, meu amigo Fabrício Santos mostrou-me a frase. Disse que ela era parte de um espetáculo teatral do qual ele estava participando e que a frase era verso de uma canção de autoria de Janete Flores e Tato Ribeiro. Eu fiquei encantado ao ver, em poucas palavras, uma síntese de muitos pensamentos presentes em meus estudos atuais em relação ao modo como a poesia tem uma maneira muito singular de “definir” estados de alma como, por exemplo, a solidão. Pensei que para chegar à aproximação de solidão contida naquela frase seriam necessários longos tratados filosóficos. Também, a frase me fez devanear porque ela era dotada de uma *concisão* proposta como necessidade por Italo Calvino: “imagino imensas cosmologias, sagas e epopéias encerradas nas dimensões de um epigrama.” (1990, p. 63). Mostrava-me, enfim, com uma força contra a qual não pude me opor, o poder de uma imagem escrita.

A imagem nos desperta de nosso torpor, e esse despertar se anuncia num *cogito*. Uma valorização a mais e eis-nos em presença do devaneio positivo, de um devaneio que produz, de um devaneio que, qualquer que seja a fraqueza daquilo que ele produz, bem pode ser denominado de devaneio poético. Em seus produtos e no seu produtor, o devaneio pode receber o sentido etimológico da palavra *poético*. O devaneio reúne o ser em torno de seu sonhador. Dá-lhe ilusões de ser mais do que ele é. (BACHELARD, 2001, p. 146).

E a frase, ou verso, fazia alusão há um espaço da casa. Um espaço de intimidade e, ao mesmo tempo, demonstrava a existência de trevas e a ausência da luz, tornando-se, assim, para mim, a imagem literária mais precisa da solidão.

Instantaneamente, então, reconheci sua importância para compor esta escrita que tenta pensar, utilizando-se de imagens da casa, as implicações subsumidas em quando se está só consigo mesmo em momentos de aflição; quando estamos numa situação nova e nos exilamos, mas, paradoxalmente, o mundo inteiro faz parte de nossa angústia particular. Pode ser, metaforicamente, a sensação de estar caindo num “profundíssimo poço”; e talvez que todos nós possamos nos ver na frase que apresento a seguir. Basta para isso que tenhamos vivido alguma situação angustiante onde o “não saber” se fazia muito presente em nosso espírito.

9. Uma frase que sintetiza a sensação de estar só e sem saber o que fazer diante uma situação angustiante

“Está faltando luz na sala de estar sozinho”

10. Olhos de dentro

O convívio com poetas ou com pessoas amantes da literatura - devo mencionar – está entre as maiores razões a me impulsionar em seguir meu ensaio, neste estilo. As conversas com essas pessoas me fazem acreditar que meu fazer é necessário. Há pouco, meu amigo Carlos Magno concordou com minha impressão sobre as dores em solidão dizendo “o escuro ilumina as idéias”. E assim vou seguindo, afinal, como escreveu Leminski, “um texto morcego se guia por ecos”¹⁶. Assim vou exercitando a procura de outro olhar. Lendo Calvino - *As cidades invisíveis* - me deparei com uma afirmação que penso ser característica desse olhar: “É o humor de quem olha que dá a forma à cidade...” (1990, p. 86). E fiquei a pensar: o olhar de dentro está fora do alcance dos olhos?

Minha “reflexão” é interrompida: meu sobrinho (6 anos) entra em meu quarto dizendo que se eu quiser posso ficar com o boneco do Johnny Bravo. Aceito. Agradeço. Ele quis mais, disse, apoiando-se em minha cadeira, que eu estou

¹⁶ In. *Distraídos venceremos*. Brasiliense, 1987.



escrevendo demais, afastou-se e apertou o interruptor da luz, desligou, ligou, desligou... ligou. Ele quer atenção, pensei eu com meus rasos conhecimentos de psicologia, já aconteceu outras vezes, é por isso que o boneco do Visconde de Sabugosa também está na minha estante. Chamei-lhe para perto, dei um abraço, e combinamos de brincar mais tarde, porque agora eu teria de desenvolver uma idéia, que eu estava achando difícil. Ele aceitou, mas saiu dizendo “eu sei, mas não deve ser mais difícil do que os meus *temas*.” Olhares...

Bachelard, grande expoente do modo como a imaginação reveste a matéria de valores, quando toma a terra como substância de análise, escreve dois livros: *A terra e os devaneios da vontade* e *A terra e os devaneios do repouso*. No primeiro livro Bachelard estuda “as solicitações dinâmicas que se ativam em nós quando formamos as imagens das substâncias terrestres” (2003, p. 1). Com efeito, diz ele: “parece que as substâncias, assim que as pegamos com a mão curiosa e corajosa, excitam em nós a vontade de trabalhá-las. Acreditamos portanto poder falar de uma *imaginação ativista*, (...) uma vontade que sonha e que, ao sonhar, dá um futuro à sua ação.” (Idem)

Ao analisar seus estudos, Bachelard assim se expressa: “Nosso primeiro estudo da imaginação terrestre, escrito sob o signo da preposição *contra*, deve pois ser completado por um estudo das imagens que estão sob o signo da preposição *dentro*.” (Idem, p. 2). É nesta segunda obra que encontro uma assertiva sobre o olhar da intimidade, a qual julgo ser passível de transferência para minhas cogitações sobre o ser que reflete sobre suas dores e tem na casa uma metáfora base. Argumentando sobre a necessidade de olhar para intimidade da matéria, Bachelard indica-nos a tonalidade de um caminho para o olhar para *nossa* intimidade.

A vontade de olhar para o interior das coisas torna a visão *aguçada*, *penetrante*. Transforma a visão numa violência. Ela detecta a falha, a fenda, a fissura pela qual se pode *violar o segredo* das coisas ocultas. A partir dessa vontade de olhar para o interior das coisas, de olhar o que não se vê, o que não se *deve* ver, formam-se estranhos devaneios *tensos*, devaneios que formam um vinco entre as sobrancelhas. Já não se trata então de uma curiosidade passiva que aguarda os espetáculos surpreendentes, mas sim de uma curiosidade agressiva, etimologicamente inspetora. É esta a curiosidade da criança que destrói seu brinquedo para ver o que há dentro. (BACHELARD, 2003, p. 8).

Se tais idéias nos fundamentam, podemos tomar como certos os dizeres cotidianos sobre “os olhos da imaginação”. São esses olhos que vão *trabalhar* quando o ser em silêncio sente que falta luz. A luz em questão, nessas situações, não é a luz que fere os olhos que observam as coisas externas. A luz que levaria a uma saída da escuridão é uma luz produzida pela imaginação. Não encontramos facilmente o interruptor que trará a claridade.

Penso mesmo que estas idéias são paradoxais: por um lado penso na necessidade de o ser viver em sua solidão e encontrar saídas. Por outro, penso que seja compreensível se o ser se recusar a sair. Isto porque a nossa faculdade de esquecer é também de muita importância para que sigamos a vida. Ora, no caso de lidarmos com nossas memórias, nossas dores vivenciadas em nossa história de vida e em nossa história como professores, poderemos deparar-nos com muitas memórias que já estavam muito bem acomodadas. Mexer com elas seria “quebrar novamente o brinquedo”. E em certas ocasiões, dada a complexidade do que vivenciamos, não gostaríamos de fazê-lo. Mas, inevitavelmente, já estaremos em processos de devaneios de solidão: olhando com olhos de dentro.

O devaneio faz-nos conhecer a linguagem sem censuras. No devaneio solitário, podemos dizer tudo a nós mesmos. Temos ainda uma consciência bastante clara para estarmos certos de que aquilo que dizemos a nós mesmos só o dizemos de veras a nós mesmos. (BACHELARD, 2001, p. 54)

Esses “lugares”, esses lugares para onde nos transportamos quando estamos em solidão, se fôssemos dar um nome a eles, penso que se poderia roubar a Bachelard (2003, p. 78) e chamá-lo de “casa onírica”. Pois, até aqui, já compreendemos a possibilidade de, ao sonharmos, *habitar* uma imagem.

Quero com isso ressaltar um valor positivo nesta, por assim dizer, experiência devaneadora de se sonhar uma casa, pois, segundo Bachelard,

A casa oniricamente completa é a única onde se pode viver os devaneios de intimidade em toda a sua variedade. Nela se vive só, ou a dois, ou em família, mas sobretudo só. E em nossos sonhos da noite, há sempre uma casa onde vivemos só. Assim o exigem certos poderes do arquétipo da casa no qual se juntam todas as seduções da vida recolhida. (2003, p. 81).

A positividade a que me refiro nesta defesa de um outro olhar, de um olhar que devolva à imaginação o seu merecido lugar, está embasada, mais uma vez na possibilidade de reversão do sentido da queda, ou então da vivência da dor em solidão como algo que causará a morte, por exemplo. É contra essa perspectiva que a

imaginação trabalha. É contra as dores do mundo que se pode relacionar momentos de introspecção a sarcófagos, reduzindo sua simbologia, portanto, à idéia de morte, que o imaginário aparece com sua função eufemizante (DURAND, p. 406). Ou seja, imaginar-se como casa, vivenciar suas dores, podem ser ações ligadas a uma necessidade vital. A imagem da crisálida pode ser dessa vivência uma metáfora. A crisálida pode bem ser entendida como uma casa miniatura, como um espaço necessário para outro devir. Bachelard, ao referir-se também de modo valorativo a estas imagens, assim conclui: “É que todas essas imagens têm o mesmo centro de interesse: um *ser encerrado*, um *ser protegido*, um *ser escondido*, um ser restituído à profundidade de seu mistério. Este ser sairá, este ser renascerá. Há aí um *destino da imagem* que exige essa ressurreição” (2003, p. 139).

Isto tudo é falácia!, podem objetar os homens da ciência. Com Durand (2003, p. 396), eu responderia à crítica com uma pergunta: “Uma mentira é ainda uma mentira quando pode ser qualificada de ‘vital’?” Assim perguntando afirmo a necessidade do imaginário, das criações poéticas e de suas respostas, posto que elas constituem “saídas” da “escuridão”. Assim perguntando também reafirmo o entendimento de Durand:

Neste ‘mundo pleno’ que é o mundo criado pelo homem, o útil e o imaginativo estão inextricavelmente misturados; é por essa razão que cabanas, palácios e templos não são formigueiros nem colméias, e que a imaginação criadora ornamenta o menor utensílio a fim de que o gênio do homem não se aliene nelas (op. cit, p. 397).

Ao sentido possível de *escuridão total* impregnado na frase do capítulo anterior, poderíamos agora, com esse “olhar de dentro” dar ao espaço de intimidade no qual estamos em solidão um outro sentido, um sentido de ascensão. Temos necessidade desses “lugares”: “esse canto retirado em uma casa tranqüila, esse subterrâneo secreto, mais abaixo até do porão profundo, onde a vida recobra seus valores germinativos.” (BACHELARD, 2003, p. 95). Dessa forma, o lugar de solidão ganha seu sentido positivo, é um lugar de encantamento e, assim, podemos dizer: quando vou para um canto fico encantado.

11. “Não entre tão depressa nessa noite escura”

Há livros que nos põem em devaneio sem que precisemos sequer abri-los. Aconteceu comigo ao me deparar com esta sentença - “Não entre tão depressa nessa noite escura” - na capa de um livro de Antonio Lobo Antunes (2008). É apenas o título de um livro que eu não li. Mas também me pareceu que o livro sobre a mesa estava querendo me dizer alguma coisa. A sentença título, para mim, dizia: tome cuidado.



É o que penso estar fazendo. Até aqui minha argumentação perseguiu uma certeza que se fez presente quando me pus nessa aventura: para falar das dores na docência (e não só dessas) é preciso ter cuidado para não atacar a vida de outras pessoas de forma invasiva. Quando comecei a buscar por minhas memórias, percebi que as *minhas memórias* não são somente minhas – percebi que as vidas de outros estão implicadas nas memórias de um sujeito. Dessa forma, ao contar uma memória (se a forma de expressão for a escrita, isto pode ainda ser potencializado) inevitavelmente estamos lidando com elementos da ética. Em outras palavras, não entendo bem os limites entre o meu viver e o viver do outro; talvez que não haja tal limite, o que me impõe balizamentos em meu dizer sobre os acontecimentos que podem revelar intimidades, posto que são coletivos. A minha forma de ver não pode ser tomada como *a* forma.

São muito simples estas constatações, estou de acordo. Mas, a reflexão, o saber das coisas é algo que se diferencia do viver estas mesmas coisas. O estudo, o conhecimento sobre como a memória atua é diferente de estar numa situação, com intuito de publicização, onde a memória é protagonista. Por isso, nesse percurso tendo a acreditar que são imprescindíveis outros caminhos para o dizer. A poesia, as imagens literárias tem se mostrado como bons aliados para tal finalidade. Com elas posso falar das coisas me utilizando de imagens, sem precisar contá-las tais como vivi ou rememoro. Fico sempre a certa distância para evitar a invasão. Muitos poderão atacar-me de ser excessivamente cauteloso, mas na minha forma de ver, penso que sejam cuidados necessários. Cuidados humanos com outros humanos. Trata-se de respeito ao que cada um tem e quer guardar em segredo, trata-se da preservação dos mistérios. Que borboleta em sua aurora gostaria de nos revelar suas noites de

lagarta? Importo-me em deixá-la com seus segredos. É tarefa de imaginação adentrar nessas noites. Vagarosamente.

12. Morar no ar

Um avião desapareceu no ar. Ele estava, pelo que me lembro, há mais ou menos 3 mil pés e voava sobre o oceano a uma velocidade de aproximadamente 800 km/h. Havia cerca de trezentos passageiros a bordo. Passou uma semana já e parece que não há notícia que possa competir com essa. Nem mesmo a epidemia de gripe. Há centenas de especialistas trabalhando hipóteses para explicar o acontecimento, alguns dizem que o avião explodiu no ar; parentes de passageiros expressam na *mídia* sua tristeza e esperança; e, nos comentários da rua, também notei muitas esperanças de encontrar sobreviventes. Tento ficar calado ou argumentar que em tais circunstâncias não é possível que haja sobreviventes: o avião estava muito alto e muito veloz. Mas nada demove *o ar de esperança...*

De súbito outra lembrança aérea me assalta. Eu era um guri de seis pra sete anos e, até então, quando brincava de voar tinha que me utilizar de muito improvisado para que a brincadeira tivesse algo de material. Usava ramos de cinamomo que transformava em pássaros. Quem conhece esta árvore compreenderá que não é tão difícil fazer um pássaro se o ramo for cortado de modo a formar um corpo (bem magro, por certo) e, opostas, as folhas servirão de asas. Com essa técnica pueril eu criava pássaros de vários tamanhos e, como um deus, comandava seus vôos. Não sumiu de vez da minha infância o uso desses pássaros de folhas, mas diminuiu sensivelmente, depois do dia em que roubei um helicóptero. A aeronave era um objeto de não mais que cinco centímetros de comprimento e a hélice tinha pouco menos do que isso, de uma ponta a outra. A “vítima” foi um colega de escola. Ele tinha vários helicópteros e muitos carrinhos de ferro. Eu acho que, com meus pássaros de cinamomo, senti-me injustiçado. Não me lembro do plano, sei é que surrubei, e me lembro, com mais vivacidade, que minha preocupação era que minha mãe e nem ninguém descobrisse. Assim, andava sempre tenso, longe dos olhos de todos, a pilotar. Hoje, quando os vejo, helicópteros iguais àquele, em pacotes pendurados em lojas de 1,99, sou tomado por uma passageira lassidão. Porque não me parecem merecedores de preocupação.



Mas, na minha infância, foi um salto tecnológico! Eu precisava daquilo. E fico a imaginar quantas lembranças embaraçosas compõem a vida da gente; e se reconhecemos nas atitudes das crianças as suas necessidades de voar. Será que eu mesmo não me condenaria se o *eu menino* fosse hoje meu filho? Encontrei uma passagem em Rilke (2006, p. 82), a qual parece ser resposta às minhas cogitações.

As relações extraordinárias de uma infância solitária e desamparada são tão difíceis, tão complicadas, submetidas a tantas influências, e ao mesmo tempo tão desligadas de todas as circunstâncias reais da vida, que quando surge um vício não se deve dar a ele sem mais o nome de vício. Em geral, é preciso ter muito cuidado com os nomes; muitas vezes é o *nome* de um crime que destrói uma vida, e não a própria ação, pessoal e inominada, que talvez fosse uma necessidade muito determinada dessa vida e pudesse ser acolhida sem esforço por ela.

Penso que fomos crianças assim, que somos crianças assim. Eu não imagino que esta minha confissão possa ser vista como um tipo de catarse ou de uma autopiedade. Sou, atualmente, alguém que diz sempre da necessidade de realizar pequenos milagres. Acredito mesmo numa espécie de cosmicidade imaginada: algo que faz com que acreditemos desde sempre que a chuva ocorre porque queremos que chova. É possível que sejam “manias” desta ordem que possibilitem a um poeta como Manoel de Barros criar desobjetos: “um alicate cremoso, um abridor de amanhecer, uma fivela de prender silêncios, um prego que farfalha, um parafuso de veludo” (2000, p. 45).

Curioso devaneio, mas penso que há algo em nós que não aceita não participar dos acontecimentos. Não encontra calma enquanto não se convence de que tem parte da casa cósmica. É uma necessidade, para uma alma sonhadora, a certeza de ser controlador do caos. A razão não permitirá esse vôo. Talvez sejam as experiências de “vôo” de infância que nos devolvam a sensação de pertencer à imagem do menino descrito por Caio Fernando Abreu (1976, p. 49): “pertencia àquela espécie de gente que mergulha nas coisas às vezes sem saber por que, não sei se na esperança de decifrá-las ou apenas por mergulhar.” Enfim, para aprender a voar talvez seja necessário cometer pequenos crimes. Já acho compreensível, também, a tão absurda esperança das pessoas de encontrarem sobreviventes do avião que desapareceu.

13. Quando falta o chão

Fiquei sabendo pela TV que Michael Jackson morreu. Foi irônico, porque o que vi foi um anúncio justificando que em função da morte do astro pop, o *Globo Repórter* que trataria da importância dos grãos na alimentação seria transferido para a próxima semana, pois no dia seguinte seria apresentado um especial sobre a vida do cantor falecido. Elementar: a vida de alguém que despertou paixões de milhões de pessoas ganha preferência aos grãos. Os mistérios dos amores e das dores de um astro interessam mais.

E eu ando a perguntar para as pessoas que encontro, principalmente aos que são professores, sobre de que dores falaria se estivessem em meu lugar. Muitas vezes, as respostas têm a ver com os meus pensamentos, e o que mais me chama a atenção é ver que muitas das dores vividas estão relacionadas às experiências amorosas. Quer dizer, as experiências amorosas interferem na vida e no trabalho dos professores.

Não tenho registro dessas conversas. Mas tenho em meus cadernos de notas muitas páginas preenchidas com escritas minhas que tinham como finalidade a compreensão da perda de um amor. São meus segredos. Mas, procurarei agora um modo de refletir sobre este tema.

Não vou, contudo, trilhar o caminho da definição do amor. Basta, para mim, pensar que o amor inspirou a criação de grandes versos, de grandes imagens literárias. Como esta de Machado de Assis (1978, p. 191), em que Bento se expressa lembrando de Capitu: “Ouvia-lhe contar que sonhara comigo, e eram aventuras extraordinárias, que subíamos ao Corcovado pelo ar, que dançávamos na lua, ou então que os anjos vinham perguntar-nos pelos nomes, a fim de os dar a outros anjos que acabavam de nascer”. Ou esta outra de Vladimir Nabocov, dita por seu personagem Humbert em *Lolita*: “Criarei um Deus novo em folha e, com gritos penetrantes, elevarei a Ele o meu agradecimento, se você me der uma microscópica esperança.” Quando lemos páginas assim, sabemos que o que elas expressam é algo que existe e que sentimos.

Também, numa rápida escuta de algumas canções populares teremos uma lista de versos marcados pelo amor. Mostro-lhes alguns preferidos: “Minha vida por inteiro eu lhe dou” (Djavan); “Eu trocaria a eternidade por essa noite” (Nando Reis); “O meu olhar vai dar uma festa na hora em que você chegar” (Accioly Neto); “Quando

ela dorme em minha casa o mundo acorda cantando.” (Zeca Baleiro e Fausto Nilo); “Quero ficar no teu corpo feito tatuagem” (Chico Buarque); “Quando te vejo eu desejo o teu desejo” (Caetano Veloso); “Quero que você me aqueça nesse inverno e que tudo mais vá pro inferno” (Roberto Carlos); “Se tu quiser que eu te leve, eu aprendo a dirigir” (Bidê ou balde); “O amor quando acontece a gente esquece logo que sofreu um dia” (João Bosco); “Amor da minha vida, daqui até a eternidade” (Cazuza); “Quando lhe achei, me perdi.” (Chico César).

Vivemos amores com essa intensidade, talvez que apenas não o expussemos desta forma. Eu vivi, confesso que vivi. E é bom, mas é difícil falar deles quando os perdemos. Já é difícil vivenciar a perda, acomodá-la a ponto de restar apenas um poema que nos acalanta e poder, então, dizer como Emily Dickinson (2002, p. 59):

Trazia uma jóia entre os dedos
E fui deitar-me e dormir.
O dia estava quente e os ventos tagarelas;
“Está segura”, pensei.

Desperto e censuro meus dedos sem culpa:
Perdera-se a gema;
E, Agora, uma lembrança ametista
É tudo o que tenho.

O amor é tema de escritas filosóficas também. Sabemos. Um espírito como o de Schopenhauer não hesitaria em dizer que tudo isso não passa de manifestações do *gênio da espécie* com o intuito de promover a sua continuidade: “Toda paixão”, escreveu ele, “por etérea que possa parecer, na verdade enraíza-se tão somente no instinto natural dos sexos; e nada mais é que um impulso sexual perfeitamente determinado e individualizado.” (SCHOPENHAUER, 2002, p. 81). Mas, mesmo com estas teses, Schopenhauer não nega a importância que tem o amor na vida humana. E eu, que estou “de mão” com poetas, vou com eles e não me importo com a explicação do que seja o amor, mas sim com que toda a criação, todas as metáforas dele decorrentes, toda a valorização simbólica é o que prevalece e medeia nossas relações. Como ele acontece? Não sei bem. Nossa capacidade de imaginar, talvez, vá, ao longo da vida, selecionando imagens com as quais queiramos compor um relicário. Imagens que queiramos guardar conosco para sempre. Imagens que sejam nosso ideal de felicidade. Um dia pode ocorrer que vejamos isso tudo materializado no corpo de outra pessoa. Talvez que uma passagem de Breton possa ilustrar meu devaneio:

Na rua gelada eu te revejo modelada por um arrepio, apenas com os olhos descobertos. Com a gola levantada, a *écharpe* presa pela mão sobre a boca, eras a própria imagem do segredo, de um dos grandes segredos da natureza, no momento em que ele se revela e, nos teus olhos de fim de tempestade, eu podia ver erguer-se muito pálido um arco-íris. (BRETON, 1986, p. 69).

Quem viveu amores assim, acredito, entenderá meu ponto de vista, sem necessidade de maiores explicações quanto a sua existência e importância. E também é possível, então, que concordem que as dores de amor afetem a vida como um todo, e assim, também, o trabalho docente. Ora, quando estamos envolvidos amorosamente, temos, pode-se dizer, o motivo principal de todos os nossos afazeres: o amor nos dá a certeza de termos para onde voltar. Com isso chego, mais uma vez, à metáfora da casa. E o que pretendo problematizar, de momento, é o que ocorre se nos falta o amor, ou melhor, se perdemos o amor. Em resumo, quando falta o chão. A esta solidão indesejada aproximaria uma passagem de Rilke, à qual faz repercussões com a simbólica da casa.

Com certeza acontecerá de sentirmos vertigens, pois todos os pontos em que nossos olhos costumavam descansar nos são tirados, não há mais nada próximo, e toda distância é uma distância infinita. Quem fosse retirado de seu quarto, quase sem preparação ou transição, e posto nas alturas de uma grande montanha, necessariamente sentiria algo semelhante: uma insegurança sem igual, um abandono inominável quase o aniquilariam. Ele pensaria estar caindo ou sendo arrastado pelos ares ou destruído em mil pedaços. Seu cérebro precisaria inventar uma mentira enorme para captar e esclarecer a situação de seus sentidos. (RILKE, 2006, p. 77).

Hoje, relendo o que escrevi, no passado, quando da perda de amores, percebo que escrevendo fazia este trabalho de inventar, pode ser que fosse uma mentira, como diz Rilke, mas seria algo que me devolvesse o chão. Em meio a muitas páginas de queixas rasgadas e lamentações pela incompreensão da perda, aparecem lampejos de uma consciência no escrever: “quero apontar que o fato de eu estar escrevendo sobre isso também é uma forma de terapia que estou exercendo conscientemente.” (Caderno G). Mas o que se atualiza com muita força ao rever meus escritos sobre essa vivência são as lembranças de como o meu trabalho era afetado naqueles longos dias. Eu não conseguia ver sentido em fazer, em realizar seja lá o que fosse, porque havia perdido algo essencial: a pessoa com quem queria compartilhar os feitos. “Para se ter uma noção do quanto isso está me afetando, tenho somente 22 dias para entregar o texto final de minha dissertação. Devia estar me ocupando com isso, é minha vida profissional, meu sustento que está em jogo. No entanto, o que faço?” (Idem). Enfim,

tudo era dor então, e em solidão eu questionava, “Será que existem outros como eu? Pessoas que pensam e sentem coisas assim? Por que se calam? Onde estão?” (Idem).

Porém, tendo vivido tal experiência não significa que eu tenha aprendido sobre como evitar sofrimentos em relação ao amor. E tenho plena concordância com Bauman (2004) quando ele escreve:

Não se pode aprender a amar, tal como não se pode aprender a morrer. E não se pode aprender a arte ilusória – inexistente, embora ardentemente desejada – de evitar suas garras e ficar fora de seu caminho. Chegado o momento, o amor e a morte atacam – mas não se tem a mínima idéia de quando isso acontecerá. Quando acontecer, vai pegar você desprevenido. (p. 17)

Contudo, apaixonar-se, viver grandes emoções, ser feliz, sofrer por amor são experiências que todos temos. Todos, professores também. Os professores também amam. E a profissão de professor é apontada, inclusive, como uma das profissões onde a afetividade está mais presente. Mas, o que me compete, aqui, é não mais do que levantar alguns questionamentos sobre a valorização do amor. Para isto apresento uma carta que escrevi a amigos, por ocasião da data quando o amor vira um grande mote da propaganda: o dia dos namorados.

Satolep, 19 de maio de 2007.

No caminho de volta da venda de Seu Sigmundo e Dona Gertrudes (Sig e Ge para facilitar) observei o céu. Era um imenso azul escurecendo que trazia de adorno o primeiro quarto da lua crescente e acima e perto da lua, uma estrela.

Satolep, 13 de junho de 2007.

A primeira data acima confere com a escrita das três linhas iniciais. Lembro que na ocasião, tomado por aquela imagem do céu e pelas coisas que sempre converso com os donos da venda, senti vontade de escrever-lhes. Não me resta mais nada a fazer, senão desculpar-me, porque, não sei bem por quais motivos, a escrita foi abandonada e só hoje a retomo. Mas eu sei que serei compreendido, pois para serem meus amigos certamente tiveram de aprender a ter paciência.

Noto que minha escrita hoje tem uma dramaticidade acentuada. Não deve ser gratuita: a chuva cai com força lá fora, é o quarto dia com sua presença quase ininterrupta, faz frio, a umidade verte das paredes, são duas horas da madrugada e o dia que acabou há duas horas era terça-feira. Não uma terça-feira qualquer, todos sabem... era dia dos namorados. É um cenário de filme de terror? Não! É de fato bem apropriado para se falar de amor.

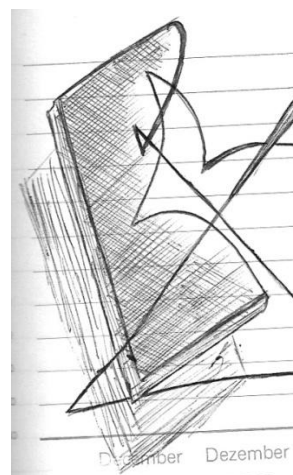
Vocês sabem que meu interesse principal é a dor. Mas, mais do que isso, estou observando no gestual a minha volta como essa dor é transformada em poesia. E, então, o amor é um tema presente nas minhas reflexões. Ouço pessoas que choram amores perdidos, comparo relações (Seu Sig e Dona Gê

estão juntos há 47 anos) e tento entendê-las à luz de dizeres filosófico-poéticos, aconselho... e sempre procuro dizer que “tudo vai dar certo”!

E se vocês olharem a sua volta verão as mesmas coisas. Tolice minha dizer isso, pois é certo que o fazem. E nessas visões se percebe o quanto amar é importante para a vida humana. Talvez que eu seja um dos últimos românticos... mas sou *um* dos últimos, existem outros vários. Porque há muito o amor é elemento que incita o homem a produzir sua existência e hoje continua sendo. Amar é uma necessidade essencial, porque sem ele (e isto é um desafio!) não encontraríamos motivos para sair da cama de manhã. A certeza de um amor faz com que queiramos ir pela felicidade de retornar! Então, meus amigos, me desculpem, mas o amor não é líquido. Ele possui uma densidade tal que atormenta. O amor está na base dos gestos do homem e da mulher que voltam para suas casas ao final do dia, o amor está igualmente na produção da esperança de milhões de crentes em alcançar uma felicidade perdida. Devíamos consagrar um dia para o amor e não para os namorados. Mas, do jeito que estamos fazendo as coisas, eu comecei a pensar que o clima que hoje se apresentou não deve ser consequência do aquecimento global. Não... Esta chuva é uma metáfora da banalização que o amor vem sofrendo: o céu chora.

Uma das formas de banalização do amor se dá no uso das palavras. Quando se fala de amor no dia dos namorados, as palavras são travestidas e se despedaçam quando descobrimos que elas querem nos vender um produto em nome do amor. Acho que deveríamos propor um novo mandamento: “amar o amor sobre todas as coisas”. Talvez que assim possamos ter mais cuidados com os dizeres sobre ele. Porque o amor é como nossa casa e “amar é quando a gente mora um no outro”, como escreveu Mário Quintana. E nós, nos preocupamos mais com a declaração do Imposto de Renda do que com nossas declarações de amor. Então, façamos o seguinte, declaremos o nosso amor com palavras apropriadas para fazer voltar aquele céu do dia 19 de maio.

Ao apresentar esta carta, penso estar dando um passo para compartilhar intimidades. Sou mais um desses que pensa que o amor é algo de fundamental para a vida humana. Mas como escreveu Morin (1997, p. 31), “Não podemos provar, empírica e logicamente, a necessidade do amor. Apenas podemos apostar para e sobre o amor.” É uma aposta difícil, com certeza, porque sabemos que nós, como define Bauman (2004, p. 46), “os habitantes deste líquido mundo moderno que detesta tudo o que é sólido e durável” não estamos muito dispostos a relações, a não ser os chamados “relacionamentos de bolso”, aqueles que lançamos mão quando for preciso. (Idem, p. 36).



Ler Bauman também causa certa angústia, mas faz pensar na necessidade de falarmos mais de amor, de encontrarmos saídas para não ficarmos, no caso das relações amorosas, somente respondendo às exigências de mercado. Há lugares em que, segundo Bauman, o mercado ainda não chegou.

O que do ponto de vista da conquista de mercado – já realizada ou ainda pretendida – é representado como uma “área cinzenta” constitui, para seus habitantes conquistados, parcialmente conquistados ou destinados a isso, uma comunidade, um bairro, um círculo de amigos, parceiros na vida e para a vida. Um mundo em que a solidariedade, a compaixão, a troca, a ajuda e a simpatia mútuas (noções estranhas ao pensamento econômico e abominadas pela prática econômica) suspendem ou afastam a escolha racional e a busca do auto-interesse. Um mundo cujos habitantes não são nem concorrentes nem objetos de uso de consumo, mas colegas (ajudantes e ajudados) no esforço contínuo e interminável de construir vidas compartilhadas e torná-las possíveis. (p. 91)

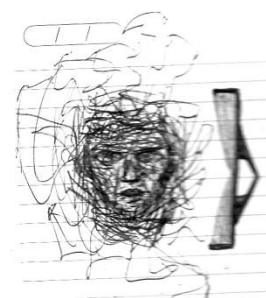
Considero de suma importância essas possibilidades de saída. Porque acredito que não devamos, por medo de sofrer, deixar de viver o amor. A valorização excessiva da dor acaba por nos fazer aceitar um mundo repleto apenas de sacrifícios, e o amor fica retraído, fraco. Podemos excluí-lo de nossas vidas. E pode-se, buscando convergências com a casa, associar este contexto com uma ruína. Mas, um conto/poema de Manoel de Barros, intitulado *Ruína*, explicita uma leitura de como estamos em nossa atualidade e um sonho possível de criação, de onde renasceria o amor.

Um monge descabelado me disse no caminho: ‘Eu queria construir uma ruína. Embora eu saiba que ruína é uma desconstrução. Minha idéia era de fazer alguma coisa ao jeito de tapera. Alguma coisa que servisse para abrigar o abandono, como as taperas abrigam. Porque o abandono pode não ser apenas de um homem debaixo da ponte, mas pode ser também de um gato no beco ou de uma criança presa num cubículo. O abandono pode ser também de uma expressão que tenha entrado para o arcaico ou mesmo de uma palavra. Uma palavra que esteja sem ninguém dentro. (...) Digamos a palavra AMOR. A palavra amor está quase vazia. Não tem gente dentro dela. Queria construir uma ruína para a palavra amor. Talvez ela renascesse das ruínas, como o lírio pode nascer de um monturo.’ E o monge se calou descabelado. (BARROS, 2000, p. 31).

Quantos de nós compartilhamos do sonho do poeta? Penso que haja em nós o desejo de ver o amor renascer das ruínas como as flores que nascem nestes lugares onde depositamos o lixo. Esta é uma metáfora muito precisa do mundo que recriamos a cada dia: convivemos com convenções ultrapassadas, relações mal cheirosas, princípios sucateados e, no meio de tudo isso, como uma flor, nossa insistência em dizer que a vida é bela. Assim, o poema nos descreve - é um gesto de solidariedade. Sentimo-nos como num abraço. Não mais sem chão, agora “em casa”!

14. Casa de pedra

Na profissão docente, estamos sempre lidando com o saber. Já me corrigem meus mestres: lidamos com *saberes*! Sim, estão certos, saberes. Porque temos os muitos saberes adquiridos durante toda nossa vida, com nossos amores e, inclusive, roubando helicópteros ou voando com pássaros de folhas e também os saberes que dizem respeito à área de atuação. Quero



me referir, agora, a um tipo de sensação de dor que ocorre em momentos em que não sabemos bem como trabalhar determinados conteúdos em sala de aula. Os motivos podem ser diversos: podemos ter uma turma de alunos muito provocadora que nos assusta; podemos não ter domínio do conteúdo; podemos não saber bem que postura assumir devido à falta de experiência; podemos não encontrar apoio em colegas ou nem saber como conseguir tal apoio. Enfim, dá-se uma situação em que nos vemos em conflito diante do saber. É, sem dúvida, uma das dores da vida humana, e também, com suas especificidades, da docência.

Eu trabalho com ensino de *filosofia*. Já vivi muitas vezes a tensão de trabalhar com teorias das quais não tinha domínio suficiente para preocupar-me somente com métodos e recursos para tratá-las diante dos alunos. Tenho um registro escrito que me trouxe à memória um destes momentos. Eu havia assumido um contrato de professor substituto numa universidade federal e me deparei com uma série de problemas, principalmente o sentimento de necessitar de uma bagagem teórica que desse conta de responder a qualquer pergunta, e que me permitisse produzir boas aulas. Posto que era da filosofia, sentia uma cobrança muito grande de ter as respostas, estava duvidando do meu saber específico. Num momento de crise fiz uma escrita ilustrativa daquele momento que não rememoro com saudade. Intitulei-a de “Sophia” para caracterizar uma conversa com a sabedoria, de alguém que estava imerso na sabedoria, mas se sentia negado por ela. Apresento-a:

Sophia...
 Me vê e sorri
 Desperto e te vejo
 Da minha miopia ou cegueira
 E vou para ti como luz – som de desejo
 Segues sorrindo
 Me calo ao saber
 Que o saber que desejo
 Sorri para todos o mesmo sorriso

Da tua beleza eu sinto o cheiro
 E quando te busco te quero inteira
 E quando te encontro já não te preciso
 O meu toque é frio...
 Frieza de vidro
 Se falo mastigo
 Os cacos de vidros
 Das máscaras que necessito
 Afixar nas paredes
 Por que sou hipócrita se sabes que sou?
 Porque te criei perfeita
 E diante de ti sou anão
 E destruo pirâmides e exércitos
 A fim de esconder o ovo
 Que pode sair dos teus olhos
 Em forma de *NÃO*

Esta escrita tem mais de dez anos. E tenho a impressão de que a escreveria de novo agora. Porque hoje pode ser que eu tenha superado os problemas daquela época em relação ao saber, mas tenho outros vários. Vejo que essa ansiedade não passa, a docência é uma eterna provocação.

Talvez não seja por demais audacioso, posto que estou buscando convergências com as imagens de casa, relacionar este sentimento à *dureza* vivenciada em ambientes onde tudo parece estar tão completamente organizado a ponto de parecer uma pedra. Nosso modo de lidar com o saber dentro de estruturas em que se apóiam o ensino pode, aos poucos, também petrificar-se. O fato de as teorias estarem já previamente organizadas, com seus valores bem explícitos num quadro epistemológico, pode causar a sensação de que nada podemos, e que mexer em tal estrutura é absolutamente impossível, como se o mundo estivesse petrificado. Calvino (1990, p. 16) teve já essa impressão: “Às vezes, o mundo inteiro me parecia transformado em pedra: mais ou menos avançada segundo as pessoas e os lugares, essa lenta petrificação não poupava nenhum aspecto da vida. Como se ninguém pudesse escapar ao olhar inexorável da Medusa.”

Essa “visão” pode ser aproximada às imagens de casas de pedra, casas duras, onde tudo está disposto de forma que mudar algo de lugar pode causar em nós a sensação análoga ao olhar da Medusa. Sim, a vida é dura.

Contudo, talvez que esta dureza seja exatamente o que deveria nos provocar. Quero dizer, diante da impassibilidade da dureza a nossa imaginação pode opor-lhe resistência. Bachelard (2001) expõe inúmeros exemplos de como a imaginação trabalhou *contra* a dureza das matérias do mundo, e afirma:

O ser humano, que abandona os homens e vai até o fundo de seus devaneios, olha *enfim* as coisas. Devolvido à natureza, o homem é devolvido às suas potências transformadoras, à sua função de transformação material, mas se ele vai à solidão não como um retiro longe dos homens, mas com as próprias forças do trabalho. Um dos maiores atrativos do romance *Robinson Crusoé* é ser a narrativa de uma vida laboriosa, de uma vida industriosa. Na solidão ativa, o homem quer cavar a terra, furar a pedra, talhar a madeira. Quer trabalhar a matéria, transformar a matéria. Então o homem não é mais um filósofo *diante do universo*, é uma força infatigável *contra* o universo, *contra* a substância das coisas. (2001, p. 24)

É certa aqui a necessidade de transferir estas afirmações para algo que não tem a mesma dureza *material* das pedras. O saber e a estrutura que o envolve ganham esta valorização via metáfora. Sendo assim, as ferramentas que utilizaremos também devem passar por um processo imaginativo. O que não significa fugir da realidade: “É sempre na recusa da visão direta que reside a força de Perseu, mas não na recusa da realidade do mundo de monstros entre os quais estava destinado a viver, uma realidade que ele traz consigo e assume como um fardo pessoal.” (CALVINO, 1990, p. 17). Contra os sedimentos de uma vida petrificada, então, teremos de criar nossos



martelos. Talvez um martelo dionisiaco como o de Zaratustra, que tem como fim a libertação do homem de prisões de pedra: “Agora, enfurece cruelmente o meu martelo contra a sua prisão. Despede a pedra um pó de estilhaços; que me importa?” (NIETZSCHE, s/d, p. 101). O próprio Nietzsche destaca esta passagem em *Ecce homo* e comenta: “Para uma tarefa *dionisiaca* é preciso ter a dureza do martelo, a *vontade em si de aniquilar* de um modo decisivo faz parte dos pressupostos.” (2006, p. 126). Ser duro como um martelo, pode-se dizer, então, seria uma necessidade para a dureza que se apresenta.

“Com a palavra *duro*, o mundo expressa a sua hostilidade e, em resposta, começam os devaneios da vontade.” (BACHELARD, op. cit. p. 51). Pois bem, se confiro ao saber com o qual convivo uma dureza que me imobiliza, deveria buscar formas de lutar contra essa dureza. Poemas poderiam também ser martelos? Não sei responder com clareza, mas tenho uma impressão de que contra a petrificação de teorias e saberes que nos aprisionam poder-se-ia opor os seguintes versos de Mário Quintana:

Não tenho vergonha de dizer que estou triste,
 Não dessa tristeza ignominiosa dos que,
 em vez de se matarem, fazem poemas:
 Estou triste por que vocês são burros e feios
 E não morrem nunca...

Empunhando esse tipo de martelos podemos, ao menos, dar razão ao modo como Bachelard entende o trabalho dos poetas relacionando o dizer poético com uma violência infantil. Segundo ele, os poetas “quebram o verbo em consoantes duras, (...) martelam as sílabas multiplicando as aliterações do martelo. Em suma, contam a ira de um deus com meios expressivos de uma cólera de criança.” (2001, p. 110).

15. As palavras casadas comigo

Ao escrever, passo por curiosas sensações. Sensações que oscilam entre o aconchego e o desprezo. Sinto como se a palavra fosse alguém, uma mulher, que fala comigo. Em alguns momentos ela se apresenta como uma amante que sonha mundos nunca dantes visitados e quer me levar consigo. Para essa palavra mulher amante me perco em devaneios infintos, e a imagino sentada ao meu lado num banco branco do quintal de minha casa e eu dizendo-lhe que tinha imaginado ela sentada ao meu lado naquele banco branco e eu dizendo-lhe que havia imaginado aquilo. Quando ela não entende pergunta - “como?” Durante minha explicação ela ajeita os cabelos com um toque suave acima da orelha e sorri inundando de beleza o instante em que a paixão é vivida. O mais inusitado, para mim, porém, é imaginar que ela ao me ouvir apenas fica em silêncio. Num silêncio de quem contempla uma verdade internalizada. Um momento em que se acredita que nossa natureza tem mesmo muitos mistérios. E depois desse instante ela diz – “Sabe, às vezes, eu te imagino deitado ao meu lado numa rede branca que tenho no quintal de minha casa e eu a dizer-te que tinha te imaginado deitado ao meu lado naquela rede branca e eu dizendo que havia imaginado aquilo.”

Quando sonhos assim estão presentes, o ato de escrever me causa uma sensação de leveza. Leio o que escrevo e me vejo, a palavra me aceita. Tenho a impressão de que também sou palavra que pode estar, não deitado numa rede branca, mas impressa no papel.

Mas, há outros momentos em que a palavra se dirige a mim como esposa em fúria, reclamando de como não sou digno de estar com ela. Tenho a impressão de

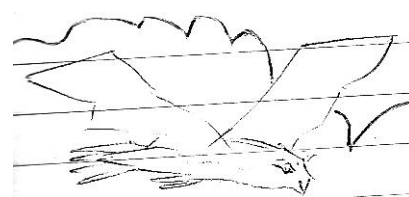
ouvi-la, ao gritos: “meu nome é palavra rara. E se queres saber, cara, sinto-me desejosa de ver um gesto mínimo, que revelasse a grandeza de eu a ti pertencer: uma mão sobre meu peito (afinal, por que dividimos um leito?); uma fração de anúncio de sorriso (que bom se falar não fosse preciso); um piscar de olhos de olhar que me olha... Mas ai! Grande traste, grande bolha! Como te mostras incapaz, incapaz! A tais atitudes jamais te abandonarás. Teus mais profundos ditos soam como glu-glu! E são fétidos, sim, entram por minhas narinas, e eu desejo um escudo ou vodu, para livrar as belezas femininas, da bestialidade saída de tuas carnes fel. Escuta! Guarda teu sorriso remelento. Guarda teu hálito bolorento - para as putas! Para as putas tímidas da praça do coronel! Deixa-me! Já me quedo obliterada. Rasguei todas as vestes de filantropia. Saiba: se teus dizeres fossem comida, nada provocariam, nada, além de azia! Meu nome é palavra rara, sobrenome vicissitudes... Faço-te um pedido, a ti que desses lamentos é pai. Mancha teu espírito com um pingo de amor e, por favor, não me pronuncies nunca mais!”

Sei que caberia aqui uma frase de Bachelard (2001, p. 116): “apenas um racionalismo de férias pode assumir a liberdade de tais devaneios.” Mas não pude, porém, fugir a este registro. O fiz desta forma procurando realçar (espero ter êxito) sentimentos que irrompem em quem escreve. Contudo, acredito que, mesmo na pobreza das imagens que expus, se possa compreender a intensidade ambivalente da escrita, que ora nos convida e ora nos expulsa.

Escrever, eu diria, é encontrar-se com palavras. Mas as palavras, às vezes, nos faltam, de forma que essas sensações, acredito, estão presentes nas vidas de todos que se dedicam a tal empreitada. E não seria por demais concluir que, em se tratando de dor, no ato mesmo de escrever, ela – a dor – mostra suas facetas.

16. No quintal da Professora Severina

A lembrança dessa professora é uma das mais felizes que tenho nesse revirar baús da memória. Ela era uma professora muito exigente. Notava-se uma diferença entre ela e os demais professores, até em relação aos materiais que para ela eram indispensáveis: além do habitual caderno, deveríamos ter um atlas, uma pasta arquivo para os diferentes trabalhos realizados e



onde também os conteúdos, do caderno, seriam guardados depois de passados a limpo. Embora os demais professores também exigissem disciplina durante suas aulas, com essa professora tal exigência nem necessitava ser verbalizada: sua presença era imperativa. Só com o passar do tempo eu percebi que tudo o que essa professora fazia, fazia porque queria que realmente aprendêssemos e que todo o seu fazer era resultado de pensamentos prévios.

Nessa época, uma turma de amigos, entre eles Deco, que era meu colega de turma na escola, e eu resolvemos fazer uma pista de *bicicross* ocupando um terreno baldio de nosso bairro. Trabalhamos duro fazendo a pista. Mas, como diríamos na época, ficou jóia! Aos finais de tardes, nos reuníamos ali, e a bagunça era grande, e o número de pessoas e bicicletas aumentava, porque a pista foi ganhando popularidade. Com isso, aumentava, e muito, a algazarra, que só terminava quando a noite já há tempo tinha caído. Só tínhamos, o Deco e eu, uma preocupação: o terreno era ao lado da casa da Professora Severa. Praticamente, o seu quintal.

Ocorreu que numa das tantas aulas, logo no início, ao concluir a chamada, a Professora Severa disse que, ao final da aula, Deco e eu deveríamos permanecer na sala, porque ela tinha *um assunto* para conversar conosco. Fomos pegos, pensamos. Não tínhamos saída. A tensão nos invadiu de todo, nenhum pensamento era mais forte do que o imaginar o que nos aguardava ao findar da aula.

A aula terminou e nós permanecemos na sala. Muitos colegas antes de saírem ainda nos lançavam olhares de piedade. “Aproximem-se”, a professora ordenou. Nossas pernas bambas nos levaram até bem perto dela. O assunto começou: “então”, disse ela, “você estão envolvidos com uma pista para bicicletas ao lado da minha casa?”. Gaguejando respondemos: s-sim. Ela estava realmente falando a sério conosco e continuou: “você acham aquilo divertido?”. E... é - falamos tropeçando nos fonemas. “Vocês são responsáveis pela construção daquela pista?”. Éramos, não tínhamos como negar, e sabíamos que ela sabia. Tendo nossa resposta afirmativa, ela nos olhou seriamente, como quem vai pronunciar uma sentença, e perguntou: “você gostariam de construir algo parecido aqui na escola?” Dificilmente, saberíamos contar aos outros o alívio instantâneo que tivemos ao ouvir aquela frase. A professora Severa estava nos convidando, e sua voz continha a entonação necessária para fazer algo que ela havia julgado como algo que fizemos bem. Ela queria que, num dia reservado a atividades esportivas entre os alunos, a gente reproduzisse a “nossa” pista de *bicicross* no pátio da escola. Seríamos responsáveis por tudo. Deveríamos formar

uma equipe de colegas para ajudar, fazer uma lista de materiais necessários, organizar a competição, pensar em premiações, etc. etc. E tudo que precisássemos deveríamos tratar com ela. Ela seria a responsável por nós. Aceitamos, claro, e com felicidade. E mesmo concordando que “a memória tem uma bela caixa de lápis de cor”, sou impelido a dizer que trabalhamos muito naquela pista, mas vivemos experiências felizes de realização pessoal.

Hoje, por conta de minhas cogitações sobre a dor na docência, percebo que são raros os momentos em que o mundo externo penetra a escola de forma positiva. O que se nota como regra é uma necessidade de proteger a escola dos perigos do mundo. Muito compreensível este contexto, não necessitamos exemplificar os inúmeros problemas sociais que temos, em relação aos quais pesa sobre os professores a responsabilidade de minimização dos efeitos. Por conseguinte, como minha lembrança é feliz, gostaria de, ao compartilhá-la, provocar questionamentos sobre esse tipo de valorização. Penso que, quando nos tornamos professores, as memórias dos antigos professores passam, conjugados com outros vários elementos, a compor nosso estilo de ser professor. Ora, se temos experiências “coloridas”, se temos lembranças de gestuais que nos engrandeceram no passado, teremos certas referências para atualização em nossas práticas. Mas também, é possível que esta perspectiva de enxergar além dos muros da escola venha de um exercício que dê ao professor um jeito de olhar característico. Talvez seja o sonho com a transformação o ingrediente básico para esse olhar.

Certa vez, ao pensar sobre o dia a dia na docência, com alunos crianças, criei uma pequena crônica que intitulei de “*Seres vivos*” e a apresento, aqui, a título de ilustração dessa dificuldade de visualização da vida que pulsa na escola.

Então / isso / todos bem / então vamos começar / o tema de nossa / Rodrigo deixa a pasta do Gabriel certo / assim está melhor / então como eu falava a aula de hoje / Vanessa por favor guarde esse estojo agora não é hora / obrigada / bom mais uma vez / a aula de hoje será sobre os / “professora o Rafael pegou meu lápis de novo” / Rafael por favor devolve / tudo bem ó / agora silêncio / atenção aqui / hoje vamos aprender sobre os seres / Maria se você não ficar sentada seus colegas não enxergam nada / senta / bem / os seres / Pedro eu disse pra você não trazer esse joguinho pra aula / me dá aqui / pronto / agora senta / gente os seres vivos / Paulinha querida olha o que você fez com a cola / “ela é tonta fessora” / deixa disso Felipe / senta no teu lugar / “mas ela é tonta mesmo” / Vitor você quer falar com a diretora / senta no teu lugar / Paulinha não se preocupe / olha já ficou tudo limpo / pronto / agora vamos continuar / olhem aqui / nós chamamos de seres vivos / “ai! Professora a

Larissa puxou meu cabelo” / querem parar vocês duas / Micheli senta aqui ó / Troca de lugar com o Maurício / Maurício senta lá / e sem conversa com o Tobias lá atrás / isso assim / agora gente colaborem / assim a gente não vai conseguir ver nada hoje / ó / os seres vivos são aqueles / “com licença posso servir a merenda” / “EEEEEEH” / claro – claro / calma gente / não vai faltar / tem pra todo mundo / formando fila / João aqui pega o prato e fica na fila / Adri pega aqui ó / a colher / cuidado pra não derramarem comida no caderno / vai Vera senta / cuidado gente / será que dá pra comer em silêncio / Diego já terminou então deixa o prato comigo / “eu quero mais Fessora” / ah então espera sentado até todo mundo se servir / “mas eles já tão na fila de novo” / então vai / tá fica na fila / quem quer repetir entra no fim da fila / Diana você não vai comer / “eu não gosto de canjica Fessora” / Diana experimenta querida / é bom / você vai gostar / não / tá bem / aqui ó devolvendo os pratos / todo mundo / Pronto / todos de volta pro lugar / Micheli aqui na frente / Obrigada Dona Sirlei / bom gente retomamos então / os seres vivos / gente atenção / nós chamamos de seres vivos aqueles que nascem / crescem / “professora eu posso ir no banheiro” / Tem certeza Maria que é preciso /logo logo tem o recreio / “mas” / ta bem vai / e vocês todos atenção / os seres / “Com licença professora posso entregar um recadinho pros pais” / Sim entre / “Bem crianças” / Agora vocês ficam quietos né seus danadinhos / “Eu só vou deixar esse bilhete com vocês pra vocês colarem no caderno e mostrarem pros pais de vocês” / “eu só tenho mãe” / “ah vocês mostrem pra pessoa que é responsável por vocês tá” / “pode ser vó Diretora” / “pode pode ser vó / então é isso / obrigada professora” / “DRIIIIIIIIMMM” / “EEEEEEEEHH” / meu Deus / já é hora do recreio / eu não vou conseguir vencer esse conteúdo nunca / eles não se concentram / não sei de onde vem tanta energia pra tudo menos pras coisas da aula / eles me / eles são / são / eles são / vivos / eles são seres vivos...¹⁷

A professora da minha pequena história é como a Professora Severa: ela sabe da vida que está em seu redor. E tenho a impressão de que sempre que eu imaginar professoras darei a elas esta característica: a possibilidade de sentir a vida a sua volta, fazendo de alguma forma a vida da escola participar da vida de seus quintais.

17. Na parede da memória

Não lembro ao certo que dia era, possivelmente uma terça-feira, ao final da década de oitenta. Tempo em que cantávamos “o meu prazer agora é risco de vida”, com Cazuza, e “polícia para quem precisa, polícia para quem



¹⁷ Em 2004 reuni alguns textos meus e fiz uma publicação independente sob o título de “Numa terça-feira qualquer. Este “Seres vivos” é parte do livreto. Cf. referências.

precisa de polícia”, com Titãs. O movimento estudantil reivindicava junto ao governo municipal um estudo dos custos gerados pelas empresas de transporte coletivo, com vistas a controlar os aumentos abusivos das passagens. Sem avanço nas negociações, haveria uma passeata, chamada pelo diretório central de estudantes, até a prefeitura, onde se tentaria uma audiência para que as propostas dos estudantes fossem ouvidas. Minha namorada e eu chegamos em frente à prefeitura antes das centenas de estudantes que vinham em passeata. Lá chegando encontramos dezenas de militares enfileirados, com escudos e cassetetes, cercando o prédio do poder público municipal. Em seguida, chega a passeata entoando cantos e palavras de ordem, e nós, que já estávamos ali, ficamos bem em frente da marcha que chegou a metros de distância do cordão dos militares. Depois de muito tempo de cantos, palavras de ordem, discursos, mas nenhum sinal de audiência, tive a impressão que um conflito maior poderia ocorrer, acredito que todos os presentes pensavam o mesmo, o clima estava tenso. Os estudantes estavam em número muito maior, mas, desarmados. Percebendo, penso eu, que os estudantes avançariam, os militares começaram a mandar que todos recuassem e cutucavam com seus cassetetes, claro, os que estavam mais próximos deles. Num instante instalou-se uma grande confusão. Agressões. Os estudantes recuando, caindo, resistindo, revidando como podiam. Minha única arma era minha pasta, onde eu levava *A república* de Platão e a *Política* de Aristóteles, textos que estava estudando no Curso de Filosofia. Poderiam ser grandes idéias, mas de nada adiantavam naquela situação. Como se não bastasse, em meio a gritos, e bombas de gás lacrimogêneo avistei, a cerca de cem metros, a cavalaria. Mas não vinha em nosso socorro, vinha aumentar o efetivo militar. A multidão de estudantes virou caos em fuga dispersiva. Acabei com muitas marcas dos golpes e, se não bastasse, minha namorada, muito ferida, foi presa. Nenhuma aula sobre existencialismo sequer se aproximaria do sentimento de impotência que vivenciávamos naquela manhã.

Mais tarde, na delegacia, quando nos encontramos, choramos abraçados. E não era somente por causa do efeito do gás, era um choro por compreender o mundo no qual vivíamos. Versos de uma canção imortalizada por Elis Regina me fazem lembrar daquele dia: “Na parede da memória, essa lembrança é o quadro que dói mais”.

Na construção de um texto sobre sentidos das dores na docência, me apóio, mais uma vez, numa imagem que remete à casa para falar da vida na docência. Acredito que há na história dos professores muitas passagens de lutas políticas que

certamente ficam gravadas e serão determinantes no modo de ser docente. E muitas vezes tais memórias não são narradas: não saímos por aí exibindo cicatrizes. Mas cada um, ao seu modo, guarda esses “quadros” de dores. Num de meus cadernos dessa época, tenho rascunhos de discursos nunca proferidos:

Vocês... vestidos de democratas; vocês são iguais sabem a quem? Vocês são iguais ao Venerável Jorge do “O nome da rosa”. Aquele que envenenou um livro, para que quem o lesse morresse. Vocês são assim. Envenenam a cabeça das pessoas e só querem que elas conheçam as palavras no sentido que beneficie vocês. Mas essas pessoas, logo logo, vão se dar conta da distorção dos fatos realizada por vocês, e assim como o Venerável Jorge, vocês vão morrer do próprio veneno. Vocês são ratos medievais que roem parte da democracia a cada vez que abrem a boca. Façam o favor de não me dirigir a palavra e nem sequer olhares pois vocês são animais horrendos que me causam náusea.

E nós, será que nós queremos alguém que se entregue inteiro por nós sem pedir nada em troca? Nós queremos um amor sincero incondicional? Será que nós queremos no poder alguém que queira, junto conosco, construir um mundo novo, um mundo livre? Será que nós queremos a liberdade de trabalhar? Ao menos queremos trabalhar? Não! Não! Três vezes não! Nós mesmos nos encarregamos, ou pelo menos gostamos quando alguém se encarrega de matar os Guevaras, os Chicos Mendes, os Luter Kings, porque assim criamos novos mitos e elegemos tiranos para governantes, para que possamos criticá-los, denunciá-los, catarticamente. Quem quer a ânsia de construir no dia a dia um regime onde haja liberdade e igualdade? Quem quer lutar por isso, ter as veias vibrando freneticamente como as cordas de uma guitarra delirando no blues? Será que nós queremos justiça ou queremos ficar ricos? Já é hora de acabarmos com a mentira que é o estado. (CADERNO H).

Como todos, acredito, que têm experiências semelhantes, não sinto alegria em falar sobre elas. Contudo, o não falar sobre pode minimizar a dor, mas não extingue as marcas. Convivemos com elas, e, sem medo de errar meu “diagnóstico”, penso que estas cicatrizes às vezes ardem, tornam-se chagas vivas se pensarmos que ainda hoje nossas conquistas são poucas; se pensarmos que o mundo está ainda muito injusto apesar de nossas lutas. Então preferimos não lembrar. Mas não desistimos. Não, não desistimos. É que faz parte da vida dar espaço para o esquecimento habitar em nós. “Só existimos graças aos momentos em que *esquecemos* certas verdades e isso porque durante esses intervalos acumulamos a energia que nos permite enfrentar as ditas verdades.” (CIORAN, 2000, p. 127). Aliás, os poetas sabem-no dizer melhor...

Manchas de sangue inda por lá ficaram,
Em cada sala em que me assassinaram...
Pra que lembrar essa medonha história?

Eis-me aqui, recomposto, sem um ai.
Sou meu próprio Frankenstein – olhai!
O belo monstro ingênuo e sem memória...¹⁸

Por medo de estragar o poema, não direi mais nada. Vou para outro capítulo, afinal, a mesma canção que mencionei também me diz que “o novo sempre vem”.

18. Meu lar é onde estão meus sapatos¹⁹

Quero pôr os tempos, em sua mansa ordem, conforme esperas e sofrências.
Mas as lembranças desobedecem, entre a vontade de serem nada e o gosto
de me roubarem o presente. Acendo a estória, me apago a mim. No fim
destes escritos, serei de novo uma sombra sem voz. (COUTO, 1993, p. 17).

Ao ler esta passagem de *Terra Sonâmbula* pensei que o dizer da personagem Kindzu descrevia o meu sentir enquanto escrevo remexendo em memórias de felicidades e dores. É que estive a pensar nas instituições de ensino, nas escolas. Pensei nelas como casas e me perguntei: o que elas nos dizem?

Em seguida comecei a olhar para os objetos que fazem parte da casa. Todos os objetos, desde os móveis até essas *coisinhas* que enfeitam paredes e estantes. Em todas as casas se encontram esses objetos que evocam lembranças, contam histórias. Senti como as lembranças se apresentam misturadas em nossas casas. E as sensações são decorrentes de sentidos por nós atribuídos aos objetos. Entro em casas alheias e posso apenas cogitar que cada objeto ali exposto contém histórias, mas para mim, pouco dizem. E estas “viagens” de sentimentos no interior das casas, em verdade, são viagens para nossa interioridade. Os objetos falam de nós mesmos. E de nossos estados emocionais dependerão as possibilidades de evocação de imagens. Uma estrofe do *Poema Negro*, de Augusto dos Anjos, é uma dentre tantas possibilidades:

¹⁸ Mário Quintana, 2005, p. 44. Cf. referências.

¹⁹ Título e verso de canção de Sá e Guarabira.

Dorme a casa. O céu dorme. A árvore dorme.
 Eu, somente eu, com minha dor enorme
 Os olhos ensangüentando na vigília!
 E observo, enquanto o horror me corta a fala,
 O aspecto sepulcral da austera sala
 E a impassibilidade da mobília.

Esta é uma imagem de profunda solidão. Solidão em que parece que o mundo inteiro dorme e somente aquele que sofre está em vigília. A casa e tudo que a compõe confirmam ao poeta o seu sentir atual. Muitas vezes, acredito, os ambientes de trabalho também nos remetem a tais sensações.

Mas há na literatura imagens tantas sobre o dizer das casas e seus objetos que a busca por elas seria infundável. Apresento apenas mais uma. Dessa vez, o narrador expõe como se sente ao adentrar numa casa alheia.

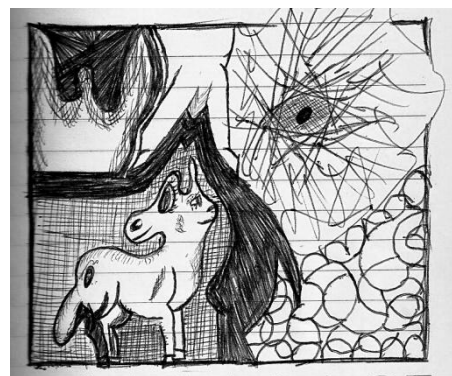
Para mim é difícil entrar em um ambiente onde alguém que vive confortavelmente dispôs tudo como uma reiteração visível de sua lama, aqui os livros (de um lado em espanhol, do outro em francês e inglês), ali os almofadões verdes, neste exato lugar da mesinha o cinzeiro de cristal que parece a metade de uma bolha de sabão, e sempre um perfume, um som, um crescer de plantas, uma fotografia de um amigo morto. (...) Ah, como é difícil opor-se, embora aceitando-a com inteira submissão do próprio ser, à minuciosa ordem que uma mulher instaura em sua agradável residência. (CORTÁZAR, 1986, p. 21)

A escrita de Cortázar segue com o narrador dotando de sentidos um mínimo gesto em relações aos objetos ali encontrados: “Mexer nessa tacinha altera o jogo de relações de toda casa, de um objeto com outro, de cada momento de sua alma com a alma inteira da casa e sua distante moradora.” (op.cit, p. 22).

Lendo e refletindo sobre tais passagens senti-me mais próximo de Bachelard (2003, p. 177) quando afirma: “Para a imaginação, o mundo gravita em torno de um *valor*.” Sim, pois sem a simbologia contida nos objetos eles não passariam de matéria, reduzidos talvez ao seu sentido utilitário. Mas a imaginação eleva o valor das coisas. Calvino (1990, p. 47) diz o que quero dizer:

A partir do momento em que um objeto comparece numa descrição, podemos dizer que ele se carrega de uma força especial, torna-se como o pólo de um campo magnético, o nó de uma rede de correlações invisíveis. O simbolismo de um objeto pode ser mais ou menos explícito, mas existe sempre. Podemos dizer que numa narrativa um objeto é sempre um objeto mágico.

Com tais pensamentos em mim, decidi encontrar um objeto com o qual pudesse exercitar essa magia. Pensei que se estou fazendo relações entre casa e ser, poderia encontrar um objeto que estivesse muito impregnado de mim, a ponto de, ao falar dele, dizer de mim e de tudo que me cerca. Complexa atividade a de escolher um objeto que seja centro de valorização. O estranho é que o objeto que se apresentou, num primeiro pensamento, não fazia exatamente parte da casa, mas, em seguida, a imaginação me convenceu que ele faz parte, porque a casa sonhada não é somente as paredes que me cercam, mas todo o espaço em que habito, o mundo é minha casa, assim, todos os objetos seriam objetos pertencentes a uma poética espacial. O objeto que escolhi é o *sapato*. Passei, então, a exercitar uma escrita onde deveria, utilizando apenas a memória, relacionar a este objeto todas as imagens possíveis. Apresento-lhes o resultado:



Já fui sapateiro. Significa que já fiz muitos sapatos. Roupas quem faz é a minha irmã. Dizem que sapatos têm a ver com as pessoas. Minha mãe diz que dá azar deixar os sapatos bagunçados. Dizem que os sapatos identificam as pessoas. Eu gosto de usar *All Star*. Decerto sou leve, bonito, vistoso. Ou rasteiro, barato. Se bem que vi um sujeito com uma cara de bota. Ele era igual as suas botas: 42 - bico largo. Um dito popular diz: com uma arma na mão qualquer pé de chinelo é coturno. Lé com lé - cré com cré - cada pé com seu chulé! Ouvi alguém dizer: tenho os pés no chão, porque sou de virgem, mas a cabeça eu gosto que *avoe*. Um compositor da capital local canta no rádio: nas pegadas das minhas botas trago as ruas de Porto Alegre. E outro, mineiro: basta você me calçar que eu aqueço o frio dos teus pés. Um filósofo me disse que a semelhança entre homens e sapatos é que ambos não sabem quem os fez. Tu sabes que fizestes o sapato, o sapato não sabe. Só quem te fez sabe que te fez, tu não sabes. Passei a acreditar que Deus é um sapateiro gozador. Gilbert Durand escreveu um livro chamado *A fé do sapateiro*. Difícil de entender. Como é difícil de entender como se faz botas com cano de fole. Método: o sapato (bota no caso) segue seus passos antes de ser sapato. Tem criança que chama sapata de amarelinha e tem as que chamam amarelinha de sapata. "Se você quer uma imagem do futuro, imagine uma bota pisando um rosto humano para sempre" (George Orwell). Ai bate o pé, bate o pé, bate o pé, ai bate o pé faça assim como eu, ai bate o pé, bate o pé, bate o pé, foi assim que meu amor me prendeu. Tem gente que dançou cantando isso. Também já cantaram: meu lar é onde estão meus sapatos. Curiosidade: há uma peça de metal que sustenta a forma do sapato, principalmente os de salto alto, que é chamada de 'alma'. Donde se pode confundir que quanto maior o salto maior a alma. Sapatos são

pares, não são ambíguos. O símbolo do time para o qual torço é o Saci. Tem uma perna só. Não tem sapato. “E fica sambando numa perna só”. E o Gato de Botas. (Humor meia sola). Amor, traz o chinelo pra mim, por favor? Depois de encaixar o sapato de cristal no pé da Cinderela o Príncipe hoje vive reclamando que ela tem mania de limpeza. Príncipe, aliás, que pode ter sido um sapo. Então, sapato deriva de sapo, que se transformou em príncipe e que se encaixou como sapato nos *podós* (pés) da mocinha? Que nada, o caminho se faz ao caminhar. Mas fica melhor se tiver usando um bom pisante. É sempre bom cuidar onde se põem os pés. Em baile de cobra não se vai de “chinelo de dedo”. Em frente a minha casa tem um pé de eucalipto. Um pé equivale a 30,48 centímetros. O eucalipto é muito alto, logo, existe, e tem muitos pés. Também não tem sapatos. Outro dia deu um pé de vento. Acho que o pé de vento batia (com sua bota de fole?) no pé de eucalipto. O eucalipto não arredou pé. Contradição: a gente bota as calças e calça as botas. Não gosto que peguem no meu pé. Mas, às vezes, estou bem calçado e gosto. Às vezes, estou descalço e também gosto. Tem pé que tem olho de peixe. Não sei se tem olho de peixe que tenha pé. E tem uma história que se chama *As sandálias do pescador*. E, *Pegadas na areia* é um poema religioso que pode ser ouvido na voz de Cid Moreira, que é, com perdão da expressão, um pé no saco. Ou será que sapato tem sua origem em sábado, porque, aos sábados, as pessoas usavam calçados melhores, nos outros dias não se importavam? Não conheço historiadores semânticos de sapatos. Um amigo disse que não acordou com o pé direito hoje. Assustei. Eu sempre acordo com os dois pés. Quando ando pelas cidades deixo marcas de mim sobre as calçadas. A história vem atrás compilando os meus rastros. Mas um vento amigo chega e revira tudo. E me faz assim, redemoinho de memória. No fim, como o Zéca Baleiro, eu sinto como se eu seguisse meus sapatos por aí.

Ao realizar esta escrita experimentei a desordem que se faz sentir ao devanear tendo um objeto como impulso. As lembranças não respeitam cronologias, tampouco pode se saber se a ordem em que aparecem denotam algum tipo de valorização que possa discernir uma hierarquia. No caso do meu exercício, posso dizer, realmente impressiona o imaginário contido num par de sapatos. Poder-se-ia dizer com Bachelard (2001, p. 52): “é através das metáforas, da imaginação, que a realidade assume seus valores.”

Contudo, não esqueço que estou tratando dos sentidos das dores na docência. E acredito que a experiência de visualizar num objeto um universo possa ser compartilhada por todos. Isto porque o suporte para o entendimento de si mesmo, da simbologia que a vida de cada um contém, deve ser buscada no entorno de cada um. O que fiz foi um apanhado possível dentro das singularidades por mim vividas. Cada pessoa, se se puser em experiência similar, terá objetos diferentes e relacionará a eles as suas vivências. O importante no processo é perceber que um simples objeto possui o poder de fazer eclodir um universo semântico que o transformará em algo mais: ele

passa a ser um símbolo. Sapatos, para mim, como pode ser observado em meu devaneio, são tanto portadores de imagens de felicidade como de dores. Devaneando sobre um sapato reconheço-me num mundo polivalente.

Ainda, em consonância com o estilo metafórico empregado nesta escrita, vejo como viável a aproximação entre sapatos e casa: ambos são abrigo, conforto, etc. , guardam marcas de nossas vidas. Um passo a mais e seria possível dizer que ao cuidar da casa cuidamos de nós mesmos e que o mesmo valeria para os sapatos, posto que eles estão impregnados de marcas dos pés, nossos pés, que caminham com eles. Encontro nessa aproximação um sentido pedagógico. As palavras de Leloup (1998), que apresenta uma grande amostra da simbologia relacionada aos pés, podem ajudar a me fazer entender:

A palavra pé, *podós* em grego, está estreitamente relacionada à palavra *paidós*, usada para significar criança. Assim, um pedagogo é um especialista que cuida dos pés do ser humano, desde que cuidar dos pés de alguém significa cuidar da criança que está nele. (p. 34)

Assim, aproximando os sapatos e sua simbologia dos sentidos de nossas vidas, mais uma vez eu sou tentado a seguir o conselho de Bachelard (2003, p. 101) e ouvir os poetas. Mais uma vez Mario Quintana devolve-me à tranquilidade, e com seus versos parece ensinar cuidados necessários quando os objetos passam a ser metáforas de nós mesmos:

Pus meus sapatos na janela alta,
Sobre o redobro... Céu é que lhes falta
Pra suportarem a existência rude!

E eles sonham, imóveis, deslumbrados,
Que são dois velhos barcos, encalhados
Sobre a margem tranqüila de um açude...

19. A casa de Alice

O devanear do capítulo anterior talvez seja causa de vertigem ao leitor. É mesmo compreensível quando nos deixamos levar pelas imagens abandonando a lógica costumeira. Deu-se o mesmo com Alice: “Quase chego a desejar não ter entrado nunca na toca do coelho... e apesar disso... e apesar disso... é tão curiosa essa

espécie de vida! (...) quando eu lia contos de fadas, pensava que essas coisas jamais aconteciam, e cá estou eu metida numa dessas estórias.” (CARROLL, 1980, p. 64).

Contudo, nem de longe quero deixar a impressão de falta de senso enquanto faço aproximações entre imagens literárias e as valorações que balizam nossos gestos em relação às dores na docência. Pois bem, ao terminar o capítulo anterior, ficaram



em mim perguntas sobre a possibilidade de não serem permitidas valorizações simbólicas positivas nas escolas, que nos fizessem senti-las como lugares de pertencimento. Comecei a fazer suposições: se isso ocorre, talvez possa ser uma causa de dores na docência; talvez as instituições de ensino estejam completamente burocratizadas; talvez nelas não existam possibilidades de nos sentirmos em casa; e, quem sabe, se as amizades possam ser ainda uma possibilidade deste compartilhar histórias e dar sentidos outros ao espaço educacional?

Busco em minhas anotações marcas de uma necessidade de pertencer. Encontro num de meus cadernos uma nota realizada em meu primeiro encontro (uma reunião de planejamento) com o grupo de professores, do Curso onde estou lotado, na instituição em que hoje trabalho:

Reservo ao léo, algumas páginas para minhas inquietações. Reconduzido a processos mesmos, a esmo procuro localização. Devo relacionar-me (já estou) com os que agora me cercam. Estão agindo normalmente. Eu, ao contrário, busco conhecê-los. Quais serão dentre eles os meus amigos? Nesse momento são pessoas sem nome que falam em nomes por mim desconhecidos. (Caderno E).

Minha memória trabalha e revivo as sensações daquele momento. Tudo era novo no espaço em que eu adentrava: a cidade, as pessoas, as edificações, as estruturas burocráticas. Mas era tudo muito semelhante a outros espaços por mim conhecidos. Então, convencia-me de que a sensação de pertencimento dependeria das relações que seriam criadas entre mim e as pessoas daquele lugar. Dependeriam, se quisermos continuar na metáfora dos sapatos, de onde meus pés me levariam. Foi aí que Alice veio em meu socorro com suas “filosofias” sobre seus pés: “é melhor eu ser boa com eles, senão é capaz de não me levarem aonde eu quiser! Deixa ver. Acho que vou dar a eles um par de botinas novas todo Natal.” (Op. cit, p. 47).

O pensamento de Alice se dá quando ela come um pedaço de bolo e sofre uma transformação, ela cresce. Cresce tanto que se afasta de seus pés. Ora, ela adentrou num espaço muito diferente do que era habituada e andava a provar transformações. Compreendo a associação de minhas lembranças: nos caminhos que percorremos, nas *casas da educação* em que adentramos, exercitamos semelhantes transformações.

No mesmo caderno encontro uma lista de itens necessários para a contratação.

- Xerox:*
- Diploma;
 - Histórico;
 - Certificado da maior titulação;
 - RG – do Estado;
 - CPF;
 - Título de eleitor e comprovante da última eleição;
 - Certidão de nascimento ou casamento;
 - Certidão de nascimento dos filhos;
 - Carteira profissional;
 - PIS;
 - Número da conta no Banco X;
 - Foto 3x4;
 - Laudo médico pericial – exames:
 - Hemograma completo;
 - Parcial de urina e glicemia;
 - Prazo: 24 de Janeiro a 04 de fevereiro.

É cumprindo com tais exigências que se adentra ao espaço de trabalho. Num primeiro momento, então, precisamos cumprir a burocracia da estrutura: comer o bolo para crescer? Cumprindo tais exigências, pertencemos à instituição, mas dificilmente nos contentaremos com essas formalidades. Eu, quando vejo esta lista, sinto-me como um objeto catalogado. Precisamos, então, de outras relações?

Milhares de professores tem, como eu, o hábito de tomar notas em agendas sobre as diferentes tarefas em que se envolvem na profissão de professor. Eu encontro um sem-número de datas, datas e mais datas: para entrega de relatórios os mais diversos; para entrega de diários de classe; de prazos para diversas atividades: reuniões pedagógicas, cursos de qualificação, avaliações, pedidos de licença, bolsas, editais, eventos, passagens, etc. Tudo isso é parte da profissão considerando o modo como configuramos a instituição educacional atual. Não se pode permanecer nela sem cumprir as exigências. Não é um mundo maravilhoso, sabemos.

Alice chora quando cresce. Através da abertura de uma porta muito pequena ela avista um jardim - não poderia ir até lá com aquele tamanho. Quando diminui de tamanho e pode, então, atravessar a portinha, compreende que “estava dentro do lago

de lágrimas que derramara quando tinha dois metros e meio de altura.” (op. cit., p. 50).

Não quero ser simplista. Mas Alice, de repente, parece muito comigo. Seria ela parecida com professores em seus constantes conflitos de transformação? Vale o devanear, porque podemos, em nossa profissão, sentir espantos similares aos dela quando se relaciona com os demais personagens: um coelho deveras preocupado com o tempo *da Rainha*; um papagaio que lhe diz: “sou mais velho que você e portanto devo saber mais” (p. 53); ao ouvir uma jovem carangueja opinar sobre paciência dizendo: “ora, mamãe, deixe disso! Com você, até uma ostra perde a paciência” (p. 58); ou ao deparar-se com uma lagarta que não entende porque ter oito centímetros de altura não satisfaz; ou, ao deparar-se com lógicas muito estranhas como a da pomba, para quem uma menina que come ovos é uma espécie de serpente.

As aventuras que comporão nossas vidas e que nos ajudarão a dar ao espaço de trabalho um sentido de pertencer advém das relações que estabelecemos com aquele ambiente. Lendo Alice e fazendo aproximações, penso que de todas essas aventuras, com as quais podemos sonhar tanto ao lermos imagens de um mundo maravilhoso como nas relações interpessoais que vivemos, vejo que o mais importante é que ao estabelecer laços simbólicos, podemos ter a possibilidade de burlar o que está posto. De instituir novas possibilidades. É nas relações com os “Chapeleiros Malucos”, se me faço entender, que podemos imaginar, por exemplo, um novo sentido de tempo: “Se você conhecesse o Tempo tão bem quanto eu, não falaria em gastá-lo como se fosse uma coisa. Ele é alguém.” E ainda: “o Tempo não suporta ser marcado como se fosse gado. Mas, se você vivesse com ele em boas pazes, ele faria qualquer coisa que você quisesse com o relógio.” (p. 88). Quem não gostaria de conquistar tamanho poder? A imaginação faz-nos sonhar com ele. Assim, podemos aprender numa imagem literária o desejo de encontrar novos caminhos para burlar o tempo que aprisiona.

Ora, não se pode compreender tais imagens se nos prendemos ao mundo lógico, racional e objetivo, mas, imaginando, sentimos o quanto um mundo ficcional, uma casa imaginada, pode dizer de nós mesmos. Assim, com Alice tornamo-nos grandes e pequenos na luta para conquistar espaços, mas também acionar vontades de modificação de espaços. Aprendemos com Bachelard (2003, p. 185) que “a vontade de *abrir um caminho* num mundo cheio de obstáculos pertence naturalmente à vida acordada.” Mas, também, que estas ações devem sua força à valorização da imaginação e dos sonhos.

20. Casa de palavras

As visões polimorfas obtidas através dos olhos e da alma encontram-se contidas nas linhas uniformes de caracteres minúsculos ou maiúsculos, de pontos, vírgulas, de parênteses; páginas inteiras de sinais alinhados, encostados uns aos outros como grãos de areia, representando o espetáculo variegado do mundo numa superfície sempre igual e sempre diversa, como as dunas impelidas pelo vento do deserto. (CALVINO, 1990, p. 114)

Poderá parecer ao leitor que minha escrita é construída com essa metodologia das dunas. Pode ser, mas, como na natureza, na escrita também os ventos mudam. Faltam. E estou pensando que escrever é mais como construir uma casa, depende de força, porque as palavras pesam como tijolos e temos de buscá-las longe. De forma que a impressão de fluxo ao lermos um texto não é a mesma que ocorre quando o texto está sendo escrito.

Quero dizer que há grandes intervalos entre um capítulo e outro. Um desses intervalos deu-se porque vivi dias de muita tensão, melhor dizer: de dor. E me pus a pensar, como um juiz inquisidor, sobre os contornos que minha escrita está tomando. Sobre como, com esses tijolinhos que são as letras, eu estou dando vazão ao meu pensamento e construindo uma casa de palavras; e qual o objetivo alicerce de tudo isso.

Tenho me utilizado de imagens poéticas como ferramenta para refletir sobre a dor. Sim, nas imagens poéticas (embora tenha me focado em fazer mais menções à casa) eu acredito que haja um saber, o qual pode nos levar a uma compreensão sobre nossas dores e, também, pode nos impulsionar para não sucumbirmos a elas. Ora, então esta é a resposta sobre meu “alicerce”: a crença de que a poesia tem uma espécie de poder de cura. Os poemas nos devolveriam, no momento que repercutem em nós, um sentido de existência, uma razão de ser. E são tantas as passagens em que Bachelard reafirma como os poemas são uma força reanimadora! “Um belo poema nos faz perdoar um desgosto muito antigo” (BACHELARD, 2001, p. 110); “A poesia continua a beleza do mundo, estetiza o mundo.” (Idem, p. 191); “Nascendo no silêncio e na solidão do ser, separada do ouvido e da visão, a poesia nos parece então o primeiro fenômeno da vontade estética humana.” (BACHELARD, 2001b, p. 251).

Convencido dessas lições, em momento de grande aflição, resolvi que deveria fazer um teste: produzir um poema. Descrever minha dor. Gritar com palavras escritas. Experimentar, embora tenha restrições a esta palavra, os bálsamos da poesia. Sentei-me tenso diante do computador. Tinha em mente apenas o fato que

deveria escrever me aproximando da métrica dos poemas regionais gaúchos, estrofes com dez versos, algo que já havia praticado outras vezes. E que ao escrever devia questionar a poesia. Questionar o que venho defendendo até aqui. Duas horas depois, mais ou menos, obtivera o que apresento a seguir.

Quando a gente se sente mal
E nem sabe direito por quê
De que adiantaria escrever
Versos, poemas, etc e tal?
Melhor seria um gesto animal
Ou talvez tomar uns porres
Para que ninguém ignore
Que a dor que te aperta o peito
Desvia o teu sono do leito
E dá a sensação de que morres

Baita engodo és tu poesia!
Se tivesses tu o poder
De dar passagem ao sofrer,
Morada em ti eu fazia
E cantava e te bendizia!
Mas ai! Nefasta criatura
Não passas de caricatura
Não tens um quê de real
Te assemelhas a um *melhoral*
Q'esconde o sintoma e não cura

Não sei quem foi o inventor
Da incompreensível baboseira
Devia é levar uma rasteira
Pois é tremendo impostor;
A poesia não é páreo para a dor!
Tanto que estou aqui poetando
E a dor? Vai me matando!
Falta o ar, eu mal respiro!
E o leitor, com um suspiro,
Vai dizer que estou cantando...

Mas vamos parar co'as tolices!
Repito pra quem quer que seja
Melhor se afogar na cerveja
Em vez d'ensinar vãs sandices.
Insistir no errado é burrice!
Um poema até te tira do tédio,
Mas quando buscas remédio
Pras dores que não se explica
Te voltas para ele – suplica!
E compreenderás este nédio

A luz de um poema não serve.
Ah, se fosses um lampião
Um guia nessa escuridão
Agora que meu sangue ferve!
Evitarias que eu me enerve...
E, então, da dor aliviado
Poderia eu deitar de lado
Dormir e sonhar um sonho:

Que na solidão eu componho
Dez versos - e estou curado!

Mas não! Nada disso acontece
E ensandecido, não nego
A dor se assemelha a um prego
Cravando em forma de 'S'
Com ele meu corpo apodrece...
Ah, poetas! Que vexame!
Iludi-me no meu exame
Acreditei que sim, que podia
Agarrado a sua poesia
Derrotar esta hora infame

Mas ando a contradizer o que penso
Pois nenhum poema socorre aquele
Que foge da dor que está nele e...
Ah, vício de pensar o bom senso!
Deixamos assim: é consenso.
E com minha morte e meus ais,
Eu peço: não se nauseiem jamais
Sou poemador, eu confesso,
Fazendo versos a dor meço
E hei de morrer muito mais!

Não é necessário levar meus toscos versos a um crítico. Já o fiz e sei de sua pobreza técnica. Mas, não é por esse motivo que os estou mostrando. Mostro como quem mostra um objeto e diz: “olha o que eu fiz.” E acrescenta: “me sinto bem por tê-lo feito.” Os aspectos positivos dessa “experiência poética”, ai de mim, é que quero ressaltar, posto que estou trabalhando no sentido de encontrar modos de compartilhar possibilidades de convergências entre meu ser e o ser alheio.

Em primeiro lugar diria que, talvez devido à concentração necessária para por



numa métrica determinados sentimentos, começou a se esmaecer, aos poucos, a sensação de angústia que me tomava. A visualização das primeiras estrofes, a declamação muda procurando acertar o ritmo, e também o pensar que minha escrita expressava o que eu queria, acredito, foram os motivos para que uma pequena satisfação começasse se sobrepor à dor.

Depois, senti-me bem por imaginar a poesia como *alguém* e destratá-la. Estava mesmo precisando atirar contra ela argumentos que muitas vezes tive de responder. Valorizei, assim, o meu devaneio. Vi que em poesia é possível criar e falar diretamente com “seres” que não existem. E a escrita ganhava, assim, um distanciamento: mesmo sendo minha ela já dava indícios de ser do mundo das

palavras, do mundo da imaginação literária. Comecei a perceber que outros poderiam ler o poema e não ver a minha dor ali, mas a sua própria dor.

O mais importante, porém, foi ser vencido pelo poema. Não consegui, porque sentia prazer em estar produzindo aquelas imagens, continuar maldizendo os poetas e seus feitos. Fui até um certo nível de agressão e não pude deixar de, na última estrofe, me retratar. Meus versos finais são um reconhecimento à força da poesia. Eu escrevia como quem está morrendo, mas em realidade estava renascendo. E foi nesse momento que percebi que, em sua totalidade, o meus toscos versos revelavam um movimento ascensional, ao qual já me referi várias vezes neste percurso de escrita.

Por esses motivos pensei que era justo deixar que o poema e meus aprendizados com ele tomassem parte desta casa.

21. A poesia tá na cara

Vou contar um segredo
Estou criando um mundo diferente
Não existe arte nesse mundo
Não existem exclamações
As pessoas são terrivelmente racionais
Eu criei esse mundo...
E qualquer dia vou para lá
E sabe o que vou fazer?
Vou escrever um poema

Começo com estes rabiscos do meu passado (Caderno L), lembranças de um tempo anti-platônico, para desfazer um possível equívoco que pode ocorrer a outros no contato com o que até agora escrevi. Vejo como possível a conclusão de que meus argumentos deixam transparecer a necessidade de leitura dos poetas para que se possa chegar a uma poetização, que levaria a instaurações de novos sentidos ao viver. A leitura é seguramente uma defesa que empreendo. A literatura, e tentei expressar isso em todas as páginas anteriores, é uma ferramenta de conhecimento. Esta é uma idéia, aliás, já defendida por outros, como Calvino (1990, p. 39) que vê “a literatura como função existencial, a busca da leveza como reação ao peso do viver.” Mas, o que quero assinalar é que não é somente na literatura que se pode buscar a poesia. Faz-se necessário encontrar modos de captar a poesia na vida, nas cidades, nas ruas por onde andamos. Na perspectiva de me fazer compreender, conto uma vivência com base em notas de outro caderno (B).

Era um dia muito úmido com aquela chuva fina interminável, característica da Cidade de Pelotas. Em dias assim, o trânsito fica ainda mais caótico. Eu andava à pé. Na *Osório* avistei uma carroça (também algo característico dessa Cidade) puxada por um cavalo, comandado com dificuldade por um homem. Deslocava-se vagarosamente, deixando o trânsito lento. Atrás dela vinha um ônibus e seguia-se uma grande fila de outros ônibus e carros. Atravessei a rua antes da carroça. Ouvi a buzina imperativa do ônibus como que dizendo para o homem da carroça tomar uma atitude. Quando me virei para ver que desfecho aquilo teria, a carroça ainda seguia na mesma velocidade e levava na parte traseira a seguinte inscrição: “Só Deus sabe a minha hora”. Achei graça. Segui meu caminho rumo a Universidade. Procuro sempre fazer um caminho sonoro, passando por lojas que vendem música. Nessas lojas há sempre uma música tocando: primeiro passei por um bolero choroso na *Andrade Neves*; mais adiante, em outra loja, tocava “Ah, como eu amei!” Parecia a voz de Benito di Paula. Na *Sete de Setembro*, foi o fechamento com Roberto Carlos: “o importante é que emoções eu vivi!” Fiquei a pensar que as pessoas escolheram aquelas músicas de acordo com o clima que se apresentava e para corroborar minhas sensações.

Pois bem, o que quero evidenciar é esta possibilidade poética de convivência com tudo o que está a nossa volta. Tais relações dão ao espaço em que habitamos e também a nós um aumento de valor: as ruas passam a ser mais que seus nomes de “heróis” ou datas memoráveis. A partir das relações que criamos com a cidade, incluímos em nosso discurso outros enunciados: a Rua General Telles passa a ser a rua da livraria do *Monquelat*; A rua 15 de novembro é a rua do *Café Aquário*; A *Alberto Rosa* é a rua da Faculdade de Educação. Assim, as ruas ganham valores a partir de nossas vivências nelas; passam a ser referências de amizades, saberes, afetos diversos e, compartilhando de nossas vidas, são marcas de saudade. Tom Zé, numa canção, faz essa poetização das ruas, falando delas como se fossem mulheres: “*Augusta*, graças a Deus, entre você e a *Angélica* eu encontrei a *Consolação*”.²⁰

Outros poetas também já cantaram as cidades e expressam o estranhamento diante daquilo que se vê e, também, um movimento de dar sentidos outros ao que nos cerca. Caetano Veloso, por exemplo, cantou para São Paulo:

²⁰ ZÉ, T. Augusta, Angélica e consolação. In: Tom Zé – Enciclopédia musical brasileira. Warner Music Brasil Ltda, 2000.

Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto
 chamei de mau gosto o que vi
 de mau gosto, mau gosto
 é que Narciso acha feio o que não é espelho
 e a mente apavora o que ainda não é mesmo velho
 nada do que não era antes quando não somos mutantes

E foste um difícil começo
 afastou o que não conheço
 e quem vende outro sonho feliz de cidade
 aprende de pressa a chamar-te de realidade
 porque és o avesso do avesso do avesso do avesso ²¹

Mas o poeta sabe que já tem com cidade uma história, e é andando pelas ruas que ele reconhece essa história: “alguma coisa acontece no meu coração / que só quando cruza a Ipiranga e a Avenida São João”. Em outra canção – *O estrangeiro* - o compositor revela impressões sobre o Rio de Janeiro:

O pintor Paul Gauguin amou a luz da Baía de Guanabara
 O compositor Cole Porter adorou as luzes na noite dela
 O antropólogo Claude Levy-Strauss detestou a Baía de Guanabara:
 Pareceu-lhe uma boca banguela.
 E eu, menos a conhecera mais amara
 Sou cego de tanto vê-la, de tanto tê-la estrela
 O que é uma coisa bela?
 [.....]
 Uma baleia, uma telenovela, um alaúde, um trem?
 Uma arara?
 Mas era ao mesmo tempo bela e banguela a Guanabara
 Em que se passara passa passará o raro pesadelo
 Que aqui começo a construir sempre buscando o belo e o Amaro.²²

São em relações como essas, relações que todos temos com as cidades que, penso eu, dotamos a cidade de símbolos. Fazemos da cidade um duplo de nós mesmos. As cidades são como as nossas casas, um pouco maiores. E elas revelam nossos pesares e nossas felicidades. Tom Zé também é uma referência nesses dizeres:

São São Paulo quanta dor
 São São Paulo meu amor
 São oito milhões de habitantes
 De todo canto e nação
 Que se agredem cortesmente
 Correndo a todo vapor
 E amando com todo ódio
 Se odeiam com todo amor
 São oito milhões habitantes
 Aglomerada solidão
 Por mil chaminés e carros

²¹ VELOSO, C. Sampa. In: Caetano Veloso - Antologia 67/03. PolyGram, 2004.

²² VELOSO, C. Estrangeiro. In: Estrangeiro. PolyGram, 1989.

Prazeados a prestação
 Porém com todo respeito
 Te carrego no meu peito²³

Cada indivíduo pode encontrar em si as imagens que marcam suas relações com a cidade. Em nosso tempo, tempo de exaltação da violência nas ruas da cidade, somos levados a não criar laços e, assim, transitamos pelas cidades, não as vivemos. Torna-se difícil, dessa forma, encontrar a poesia perdida. Itamar Assumpção canta: “nem bem cheguei me feri / foi bala na cidade grande / compondo sobrevivi / e cantar estancou meu sangue.”²⁴ Talvez seja nisso que eu pensava quando escrevi as linhas que usei no início deste capítulo: num mundo terrivelmente tomado de uma racionalidade – sem saídas – vejo a necessidade de dinamizar a imaginação e escrever um poema. Nossas relações de amor com as cidades nos levam a exercícios de matemáticas bem diferentes, como se vê nos versos de Paulo Leminski:

idades, idades, idades
 quanto dá uma alma
 dividida por duas cidades?²⁵

Ora, parece uma tautologia dizer que valorizar a beleza é mais difícil que valorizar a dor. Numa leitura de *A divina comédia*, de Dante, percebe-se como o poeta descreve em detalhes todos os círculos de inferno. O paraíso, no entanto, repetidamente, o poeta julga indescritível: “Cai-me da mão a pena e nada escrevo ou digo, pois nem palavras nem matizes conseguem reproduzir tanta beleza.” (DANTE, 1981, p. 301). Numa passagem de Cioran (2000, p. 124) encontrei um oportuno comentário a esse respeito: “Tudo o que é realmente intenso participa do paraíso e do inferno, com a diferença de que o primeiro só podemos entrevê-lo, enquanto o segundo temos a sorte de percebê-lo e, mais ainda, de *senti-lo*.”

Se assim é, volto a insistir que as relações que estabelecemos, o modo como olhamos os espaços por onde transitamos serão, no fim, o que comporão possíveis imagens de felicidade em nossas memórias, determinando, portanto tipos de valorização. Sim, as dores estão em toda parte, precisamos é extrair do meio delas as imagens felizes. Em *As cidades invisíveis* (CALVINO, 2008) encontro, pela voz de uma personagem, dizeres que concluem meu pensamento:

²³ ZÉ, T. São São Paulo. In: Tom Zé – Enciclopédia musical brasileira. Warner Music Brasil Ltda, 2000.

²⁴ ASSUMPÇÃO, I. Pretobrás. In: PRETOBRÁS, 1998.

²⁵ Versos do poema *Com quantos Paulos*. In. La vie em close, 2004, p.32. Cf. referências.

O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço. (p. 150).

22. Uma olhadela para trás antes de partir

Sinto que é chegada a hora de por término a essa caminhada. Olho para meu texto e vejo que há momentos em que consegui, ora de forma até contundente e, em outros, nem tanto, construir uma escrita reflexiva sobre a dor numa argumentação que envolveu, além de teóricos do imaginário, imagens literárias e fragmentos da minha memória.

Como direciono minha escrita a professores, entendo que, caberá ao futuro dizer se fui capaz de exercitar aquilo que chamei de solidariedade. Ou seja, se as questões por mim tratadas repercutirão de alguma forma na vida de outros professores.

Em relação à exploração da simbologia da casa como forma de aproximação das imagens de nós mesmos, vejo que minha escrita revela esta proposta como fértil. São muitas as discussões que ainda precisam ser realizadas, mas minha “experiência”, neste trabalho, leva-me a ver com bons olhos este modo de aproximação. Principalmente, porque é um modo de aproximação indireta. Torna-se mais “leve”, na perspectiva das narrativas pessoais, falar de forma figurativa, porque, como reiterarei em várias passagens, este modo de aproximação minimiza o risco de “invasões” indesejadas.

Quanto ao entendimento sobre os processos ligados aos devaneios poéticos que se dão na convergência entre o dizer do poeta e a solidão humana, acredito que o texto é um documento afirmativo dessa possibilidade. Em muitas passagens, os poetas e escritores foram citados, substituindo explicações, na perspectiva de aproximar suas criações com sensações vivenciadas em nosso tempo. Afirmando, assim, a fertilidade da fenomenologia no trato com as imagens literárias, porque “a fenomenologia da imaginação exige que vivamos diretamente as imagens, que as consideremos como acontecimentos súbitos. Quando a imagem é nova, o mundo é novo.” (BACHELARD, 2003, p. 63).

Os registros de possíveis transformações de um si durante o processo de escrita e reflexão, no meu entender, foram realizados também ao longo do trabalho. Todo o processo de construção desta escrita teve como companhia certa dose de angústia. Um dia, ao me referir sobre este fato com uma amiga, apontava para o centro do meu peito e dizia “tenho uma sensação estranha, sinto uma coisa aqui”. E ela me respondeu, “eu sei como é, parece que tem um gordo sentado no peito da gente.” Não sei como poderia definir melhor tal sensação. Não quero, porém, ser um defensor do viver angustiado. Faço esse registro para, mais uma vez, dizer que os trabalhos que envolvem a memória certamente irão provocar desassossegos. E é preciso ter cuidados. “A memória é uma bênção ambígua. Mais precisamente, é ao mesmo tempo uma bênção e uma maldição lançada sobre alguém” (BAUMAN, 2004, p. 108). Quero dizer é que, num trabalho de vasculhar memórias, certamente acabaremos por rememorar momentos que nos causarão ainda mais dor. Como revi meus escritos nos cadernos de notas, o registro escrito me trazia à memória contextos que eu preferia não lembrar. Somava-se a isto a angústia de encontrar formas de expressar as dores de solidão, posto que era minha proposta. Tive então de selecionar, cortar, eufemizar, e o dito ficou delimitado pelo que considerei passível de ser dito.

Mas, tendo como suporte a antropologia do imaginário, pude perceber que a memória realmente é matizada pela imaginação, o que Durand denomina de “eufemismo”. Uma função, contudo, que merece nossa atenção, porque é sempre parte essencial na construção de novos sentidos. Segundo Durand (2002, p. 402), “a memória permitindo voltar ao passado, autoriza em parte a reparação dos ultrajes do tempo. A memória pertence de fato ao domínio do fantástico, dado que organiza esteticamente a recordação.”

Enfim, meu objetivo maior, era compartilhar sentimentos, por isso, penso, neste momento, que seria interessante saber que um possível leitor, depois de ter me acompanhado em meus diversos devaneios, antes de sair olhasse para trás e este gesto revelasse a sensação de ganho em ter participado dessa aventura, porque teve e levará consigo a sensação de que se viu em minha escrita.

23. O que eu disse até aqui é verdade, nada além da verdade, mas não toda a verdade.

Na sabedoria antiga, na qual microcosmo e macrocosmo se refletem nas correspondências entre psicologia e astrologia, entre humores, temperamentos, planetas, constelações, as leis que regem Mercúrio são as mais instáveis e oscilantes. Mas segundo a opinião mais difundida, o temperamento influenciado por Mercúrio (de inclinação para as trocas, o comércio e a destreza) contrapõe-se ao temperamento influenciado por Saturno (tendente ao melancólico, ao solitário, ao contemplativo). Os antigos nos ensinam que o temperamento saturnino é próprio dos artistas, dos poetas, dos pensadores, e essa caracterização me parece correta. É certo que a literatura jamais teria existido se uma boa parte dos seres humanos não fosse inclinada a uma forte introversão, a um descontentamento com o mundo tal qual ele é, a um esquecer-se das horas e dos dias fixando o olhar sobre a imobilidade das palavras mudas. Meu caráter apresenta sem dúvida os traços tradicionais da categoria a que pertencço: sempre permaneci um saturnino, por mais diversas que fossem as máscaras que procurasse usar. Minha veneração por Mercúrio talvez não passe de uma aspiração, um querer ser: sou um saturnino que sonha ser mercurial, e tudo o que escrevo se ressent de essas duas influências.

Se Italo Calvino não tivesse escrito estas palavras em meio as suas *Seis propostas para o próximo milênio* (1990, p. 65), gostaria de tomá-las como minhas. Seria uma das verdades que não foram ditas anteriormente. Gosto de sonhar que enquanto escrevo me pareço com grandes escritores.

E no exercício de leitura do que escrevi, percebi que há em minhas palavras um tom dramático, porque parece expressar muito mais imagens de dores do que imagens felizes. Falhei em minha tentativa de ser como os escritores que admiro e escrever uma história leve.

Deixo, então, uma ressalva: queria escrever uma história leve. E se não o fiz, se não a materializei em palavras, foi devido às minhas limitações em construí-la tão leve como a desejei. Queria escrever uma história pluma, nuvem, brisa, sussurro, beija-flor, pôr de sol, matinê, gibi, suspiro aerado. Tal leveza é uma busca, talvez seja vã, porque precisaria viver trinta vidas a coletar adjetivos dela característicos. Mas eu não deixo de sonhar. Chego a ter memórias do futuro onde leitores se deliciarão ao ler uma história com o peso de grãos de poeira cintilados pela luz do sol atravessando a fresta. Os personagens com quem teriam contato trajam vestes de fica mais um pouquinho. Longos casacos de lar doce lar abotoados com abraços de filhos. Chapéus de amor à primeira vista enfeitados com lembranças de sins. Sim, meus personagens flutuam por caminhos de promessas cumpridas e se banham em águas cor de pedidos

às estrelas cadentes! E todas as suas escuridões dão à luz o calor das cobertas dos minutos antes de se levantar. Seus trabalhos são levemente matizados pela hipnose resultante de olhar o fogo da lareira da casa da infância; portas de volto logo; paredes mosaicos de boa noite amor e janelas de cheiro de terra molhada. Ah! Até um cavalo alado seria pesado por demais para essa história. Por isso, para viajar, usariam carruagens de músicas preferidas movidas pelo aroma de pão quentinho. E as suas solidões teriam o gosto da estação do dia seguinte ao do primeiro beijo. Homens e mulheres que, com rostos de muito prazer, vêem no alimento os sabores de andar de mãos dadas, e seus vinhos são de movimentos de lábios enquanto as mãos tocam a face da pessoa amada antes do beijo. Os desafios, grades e vilões da história, são vencidos com lanças inventadas no país do instante em que a criança bebê pronuncia a sua primeira palavra. E nas vitórias são coroados com folhas de eu te amo amarradas com fiapos de encontro com a beleza sentida ao contemplar-se a lua por entre os galhos de uma árvore gigantesca. Essa leveza em que sonho envolver minha história está cada vez mais rara. Este é o motivo, aliás, de meu escrever pesado. Quem sabe se com os ventos que sopram de seu mundo para o meu, vocês não poderiam me ajudar a tornar esse sonho em realidade, enviando-me suas melhores memórias adjetivos da leveza. Acondicionem-nas em frases de bem querer para que o tempo não se atreva a tocá-las. E quando eu estiver de posse delas, então, escreverei minha história com imagens do seu mundo. Posso apostar que, aqui onde vivo, todos ficariam suspensos com tal leveza e incrédulos teriam a certeza de ser apenas mais uma ficção.

Mas, enquanto o correio não chega, encerro dizendo que, mesmo não sendo leve como gostaria que fosse, minha escrita se parece comigo e talvez se pareça com todas as coisas, afinal, não é toda a verdade, é apenas um pedaço de um pedacinho de uma parte de um pedaço.

Santa Maria, novembro de 2009.

Apêndice

Nota de orientação

Durante o período de doutoramento, estive fora do Brasil, por três meses, numa viagem de estudos. Nesse período preenchi um caderno com as intimações daquele momento. Escrevia como se falasse com alguns amigos mais próximos, que tinham curiosidade de saber o que acontecia comigo. Eles eram os destinatários. No processo de escrita da tese, relendo aquela escrita, que chamei de *13 Martes*, percebi que ela poderia ser destinada para outras pessoas. Tenho algumas razões para pensar assim.

Em primeiro lugar, por se tratar de uma escrita fundamentada na saudade e que teve como impulso o compartilhar a vida com amigos. Em minhas reflexões sobre a dor descobri como as relações de amizade são importantes na construção de, porque não dizer, um mundo mais belo. Quando estamos distantes de pessoas das quais temos saudade, nos alimentamos com lembranças de momentos de felicidade: “essa coisa que chamamos de saudade e que é preciso alimentar com pequenos rituais para que a memória não se dissolva como uma velha tapeçaria exposta ao vento” (ABREU, 1976, p. 28). Em todas as memórias de dores em que mexi, percebi que o fato de ter amigos foi determinante para, como se diz no cotidiano “dar a volta por cima”. E, de certa forma, toda a construção de minha escrita sobre a dor foi permeada por essa necessidade de criar laços. Assim, senti que aquela escrita poderia ser ilustrativa de uma vontade posta em prática: é uma espécie de reverência à amizade.

Outra razão para dar a *13 Martes* este espaço é uma impressão que se fez muito forte em vários momentos da escrita de meu ensaio. A impressão consistia numa dificuldade de expressão. Ou seja, em vários momentos tive a sensação de que a escrita não atendia de forma satisfatória às minhas necessidades de narrar. Tinha sempre a sensação de que muitos cortes eram realizados em cada nova palavra que digitava. Pensava que, para expressar o pensado e o vivido numa narração via escrita, essa escrita ganharia características literárias parecidas, por exemplo, com a de Beckett (1989, p. 107):

... será assim, o que será assim, como assim, falando sempre, na sede, perdendo a bola, buscando sempre, não buscando mais, buscando ainda, o que querem eles, que eu seja isto, que eu seja aquilo, que eu grite, que eu me mexa, que saia daqui, que nasça, que morra, que escute, escuto, não basta, que compreenda, tento, não posso, não tento mais, não posso tentar, estou farto, o pobre, eles também, que digam o que queiram, que me dêem alguma

coisa a fazer, alguma coisa de factível, para mim, os pobres, eles não podem, eles não sabem, eles se parecem comigo, cada vez mais, mais necessidade deles, mais necessidade de ninguém, ninguém pode nada, sou eu quem fala, inútil contar histórias a si mesmo, na sede, na fome, no gelo, no forno, não sentimos nada, é curioso, não nos sentimos uma boca, não sentimos mais a boca, não há necessidade de uma boca, as palavras estão por todo o lado, em mim, fora de mim, ora essa, ainda há pouco eu não tinha espessura, eu os ouço, não há necessidade de ouvi-los, não há necessidade de uma cabeça, impossível detê-los, impossível deter-se, eu sou em palavras, palavras dos outros...

Ora, é certo que nesse tipo de escrita, o nível de liberdade é maior e, por conseguinte, o compartilhamento entre quem escreve e o leitor é bem diferenciado das escritas realizadas apoiadas em referências de estilo de texto acadêmico. Pensei, então, que *13 Martes* guardava um pouco de espontaneidade e, assim, teria a possibilidade de ser, como escrita, algo mais próximo do vivido. Nela se encontram relatos, pensamentos, preocupações, de forma mais livre, tecidos com finalidades de dialogar com amigos, de compartilhar, deixando transparecer, dessa forma, os diversos atravessamentos que atingem nosso viver. Sendo assim, essa escrita talvez possa ser um modo mais apropriado para minhas intenções de compartilhamento.

Outra razão é o fato de que nela talvez seja possível a visualização da constituição de um sujeito na construção discursiva. Hoje, quando leio aquela escrita, já a vejo com um distanciamento e, dessa forma, o sujeito que ali fala parece outro. Muito do que está ali escrito só me vem à memória quando leio, de forma que minha própria escrita de um período da minha vida recente parece para mim mesmo uma ficção. Essas sensações, em outros leitores, por certo terão outras tonalidades, mas *13 Martes*, acredito, pode ser uma referência para pensarmos sobre a constituição de um sujeito enquanto se narra. Sobre isso Delory-Momberger (2008, p. 99) escreve:

O sujeito não cessa de se instituir como sujeito; ele é o objeto incessante de sua própria instituição. O *Eu* atualizado do discurso é a forma primeira na qual se institui o sujeito: é o *Eu* que me inscreve, ao mesmo tempo, como *sujeito-narrador* e como *sujeito-ator* da história que conto sobre mim mesmo. Ficção necessária e sempre renovada, o sujeito é essa figura flexível e movente a quem é dado *compreender-se* como autor de sua história e dele mesmo.

Por último, para mim é prazeroso pensar que, por meio de minha escrita, outras pessoas possam se inspirar e ver possibilidades de também compartilhar suas histórias. Espero que em sua aparente confusão ela consiga transmitir emoções leves.

“13 Martes” é uma alusão ao tempo que teria passado fora: treze terças-feiras. Um tempo de saudade que agora compartilho.

13

MARTES

Um plágio de Dante para começar:

*Ó criaturas bem nascidas, às quais é
facultado o direito de presenciar as
experiências de amigo distante.
Pela luz da verdade que esparge
por todo universo estou envolto,
e se é vosso desejo obter
informações a meu respeito,
de bom grado
procurarei satisfazer-lhes.ⁱ*

Sim, concordo, deveria ter iniciado esta escrita há mais tempo. Faz 24 dias que encontro-me nessa aldeia. Já vi muitas coisas. Muitas delas dignas de nota. Com muitas delas leitores famintos como tu haveriam de regozijar-se. Uou, que palavra! Fiz os cálculos: se estou aqui há 24 dias, me restam 66, posto que tenho passagem, de volta, para o dia 2 de dezembro. É um jogo matemático: tente descobrir que dia é hoje. Bueno, não é fácil a vida numa câmara de gás, porém, não perco a ternura. Somente após 20 dias buscando foi possível aquietar-me numa morada. Talvez que seja um lar ocasional. Fica na Rua México. O portão de acesso ao apartamento tem, à esquerda, um teatro (pequeno) e, à direita, um *pub*: “La Bahia”. Ainda, sinto muito, não conheço nem um nem outro. Quando se passa pelo portão, caminha-se uns cinqüenta metros por um corredor estreito. Há muitas portas dos dois lados do corredor. Em cada uma delas, personagens que ainda aparecerão nas páginas seguintes. Ao final do corredor está o nosso apartamento. Número 12, mas não há o número na porta. Digo nosso, porque divido a morada com Johnny e Lewis: dois americanos. Califórnia e Arizona, respectivamente. São homens que escrevem e falam com mulheres. Como também pratico estas artes, penso que temos algo em comum. Lewis, diga algo para que fique registrado para a posteridade! “Se estás aberto ao mundo, não há fronteiras, e a única certeza é a morte”. E tu Johnny? “Estou pensando sobre o que há na aldeia que irá transformar-me. Penso que se há um plano para todas as pessoas, então, por que a aldeia é meu plano?” Ok, tank you! Como vêm, estamos brincando de escritores filósofos. *Stones* é a trilha sonora. Deves compreender, leitor, que falamos aqui – os três – uma new língua, a chamamos de *portuñolglês*. Já concluímos que nossa aprendizagem está comprometida. Que passa loco? Me quedo cansado, depois escrevo mais! Ok, estou de volta. As profecias da noite se cumpriram: bares, encontros, desencontros e eternos retornos. Mas tudo bem, ninguém aqui é suicida. Johnny pica cebolas, tomates, alho, e Lewis frita pedaços de galinha. E Mick Jagger canta uma canção: “*No expectations*”. Lembranças do futuro me fazem sair da cama, todos os dias. Ânsia de viver, de amar! De coisas que não se explica! É nessa busca dança que sustento e me transformo no que sou, todos os dias. Não posso deixar de mencionar, contudo, certas paradoxais ambivalências que observo. Certas co-incidências de sentido. Como o fato de que da sacada do meu quarto, no Hotel Liberdade, eu via um homem dormindo coberto por jornais, na Rua Liberdade, que é a rua onde estão grandes lojas ourivesarias. É estranho pensar isso? Pois eu achava estranho ver as letras vermelhas de néon

piscando “Hotel” e, depois, “Liberdade”. Enquanto eu observava, vários pensamentos me ocorreram. Mas podem ser resumidos no seguinte: o ponto que chega! Ou, dito de outra forma, talvez que seja preciso falar de liberdade. Quem sabe perguntar-se: será que nós estamos tão dependentes desse modo de viver, desse regime, a ponto de não sermos capazes de pensar outras imagens? Ou, até que ponto entendemos o que seja liberdade? Os miseráveis são muitos, porque há muitos, também, miseráveis de espírito. Penso que seja isso: estamos viciados – social, política e economicamente dependentes – ou, é de nossa natureza ser assim. Tenha paciência leitor, compreenda que esta escrita não respeita regras temporais. A ordem das coisas não está organizada em antes e depois. Muito bem, dito isto, é importante registrar que estava buscando notícias na TV sobre um fato que ocorreu ontem, numa escola da periferia da aldeia: um aluno (adolescente) matou a balaios seu colega (também adolescente). O fato curioso (dentro desse fato) é que na transmissão da notícia, pela TV, apareciam, em volta do repórter, muitos adolescentes e pareciam muito felizes fazendo caretas para a câmera. Não bastasse isso, o repórter confirma minha impressão ao dizer que o aluno morto causava muitos problemas à escola e à comunidade, tinha muitas re-incidências. E que, ao invés de tristeza, de certa forma, todos estavam aliviados com o ocorrido. Soube e observei isso tudo ontem, pela TV. Agora não encontrei nenhum comentário, em canal algum. Vou deixar no “*He-man*” enquanto como algo. Lewis quebrou um copo. É terça-feira! Melhor trocar a cor da escrita. Azul combina com o amarelo da capa. Mais um item para contar que “amar é um elo entre o azul e o amarelo”.ⁱⁱ Saudade e um prazer leve em desfazer a ansiedade em palavras sem uniforme. Defino ironia: ironia é estar buscando isomorfismos entre casa e alma e alugar um apartamento nessa aldeia distante e encontrar, na parede da sala, uma pintura que retrata uma casa de campo. Um belo alpendre. Árvores à volta. Um lindo jardim. Um gramado convidativo. Um lago. Alice deve morar numa casa como essa. Ou talvez essa seja apenas a casa dos sonhos de Alícia (a dona do apartamento) e, por isso, a tenha pendurado na parede: um sonho em suspensão. Com Alice posso sonhar com o absurdo; para Alícia apresento justificativas por não ter conseguido os dólares para o aluguel. Não é minha culpa se o sistema do banco caiu quando estavam atendendo a senha 59 e eu estava com a 60! Digo “I am poland, hehehe, mucho gusto!” E se vão. Vãs. Vãos vãos. Poesia contemporânea. “Oigalê tchê eh-cuê, se aproxigue pra escutar!”ⁱⁱⁱ Não sei se é do teu gosto, leitor, esta introdução. Eu sou assim, vou introduzindo aos poucos, demasiadamente cauteloso. O que é uma

contradição, porque se faz algo em demasia, não és cauteloso. Lógica! Mas, convenhamos, as introduções rápidas demais, que vão direto ao ponto, não nos causam boas memórias, não é? Penso que não de livros e tampouco de amores. Guillermo, lembrei! Este é o nome do cara com quem conversei na manifestação ou ritual do dia internacional da não-violência. Tive uma visão diferente da aldeia. No marco de fundação, fogos desejando paz. O calor das tochas, juro, dava pra assar uma costela inteira. Não estou aqui para ver filme. Estou mais pra escrever um filme; um roteiro trilingüe. Não posso esquecer a cena com o casal – homem e mulher – com o mesmo rosto. Logo mais teremos um assado. Fomos convidados pelos donos do *apê*. Bolivianos, americanos, argentinos, brasileiros... Há momentos em que não se sabe o que escrever. Não se deve escrever em tais momentos. A possibilidade de sair algo absolutamente sem graça é muito grande. Sim, tudo é lindo. “Tudo é lindo e maravilhoso.” O único problema talvez seja minha limitação em perceber as coisas: o desejo de dividir as coisas belas com um amor. Quantos amores terá vivido Dom Generaldo? Agora vive em companhia de Black – uma gata gorda, e preta, claro. Já o gato Thama, da vizinha de cima, entrou aqui e, dentre as três camas, escolheu a minha para deitar. Será o melhor lugar? Que sabem os gatos? E o que aconteceu com Yvann – a irlandesa? Seguramente a mulher mais perturbadora que conheci até o momento nessa aldeia. Não é uma nativa, contudo. Contudo, talvez que perturbadora não seja a palavra certa para descrevê-la. Vê-la, sim, queria vê-la novamente. Sabem o que é mesmo surreal? Enquanto tento encher essas páginas com informações sem nexos, o dono da casa tenta regular a TV à cabo e sua filha, com uma amiga, tentam instalar a *internet*. Canais trocando, cabos, falas tribais incompreensíveis. “Tudo tudo me acontece quando me acontece tudo”.^{iv} Pus no correio dois cartões para minha filha. Num deles a aldeia de concreto vista do alto e indicações, como que escritas à mão, dos lugares turísticos. No outro, o marco de fundação visto mais de perto. E agora, penso em psicanálise. Em como ela tem sido criticada. Penso nos porquês... E penso nos sentidos do termo psicanálise. Como é possível que alguém, ao se apresentar, mencione que seus pais eram de Viena e, nesse instante, você lembrar de Freud? Se isso ocorre, temos de reconhecer: foi um homem que interessou. E, então, as questões não cessariam mais: o que foi que ele fez? O que ele disse? Que métodos usou de pesquisa e para expor seus achados? Por favor, não vou responder a isso. Seria muito trabalho para alguém limitado como eu. Deixem que eu faça somente as perguntas, tá? Mas se querem palavras de reconhecimento à psicanálise, eu lhes

darei. Penso que, sem aprofundar os sentidos do termo quando usado por Freud, Bachelard ou Deleuze – só como exemplos – a psicanálise deu à filosofia e à psicologia um modo de produção reflexiva muito rico. A escrita que faz pensar e que, ao mesmo tempo, é poética, com todo respeito, é um ganho da intelectualidade. E, muito desse ganho deve-se à psicanálise. A interpretação dos mitos, a grande possibilidade de uso de metáforas, a investigação do simbólico, as constelações de imagens como questões de interesse acadêmico, tudo isso é parte do trabalho que, se a psicanálise não fez, pelo menos iniciou, mas com força! Minhas reflexões sobre a casa como extensão do ser, ou como confluência na produção de um si, são possíveis porque há hoje a possibilidade de se fazer, academicamente, um trabalho que una áreas antes separadas: filosofia, psicologia, literatura. Enfim, razão e emoção, racionalidade e imaginação. Queria, inclusive, escrever uma frase que ilustrasse tal argumentação. Ok, vejam essa: “meu mundo próprio dentro do mundo. A casa, poderíamos dizer, é o próprio, não o apropriado. Onde se está, não o que se tem.” É uma passagem da reflexão de Hugo Mujica sobre “o habitar”.^v É uma sentença filosófica ou poética? Bom, isso basta... A vida nessa aldeia está provocando estes pensamentos. Era guri ou menina a pessoa criança que pedia moedas no metrô? Lembro-me que cantava uma canção enquanto o trem não partia. Logo que ele deu partida, pôs-se a trabalhar: distribuir bilhetinhos, cumprimentar os passageiros. A mim cumprimentou com “malabarismos”. Dei-lhe uma moeda e pedi se podia ficar com o bilhetinho que dizia: “com sua ajuda eu compro minha comida”. “*Problem child*” – AC/DC.^{vi} Hamburguesa especial para o jantar. Temos um violão. La Guitarra - é como lhe chamamos. Música, literatura, poesia, boa comida, que mais se quer da vida? Às vezes, rezo. E quando rezo, rezo sempre a mesma oração: que eu possa ajudar aquele que por ventura vier me pedir ajuda. Tenho alcançado essa graça. Andei com uma amiga a procurar uma cuia, uma bomba, erva, enfim, utensílios de chimarrão. Eu não precisava tanto de mate, acho que ela precisava de mim. Senti-me amigo e foi bom viver isso mais uma vez. Por isso, cuidado, cuidado com suas orações, seus desejos, seus pedidos aos gênios das infinitas lâmpadas imaginadas, tudo pode ser realizado! Às vezes, confundo pensamento com força mística que confundo com energia. “Não podemos aceitar os erros de nossos mestres, porque nossos alunos não perdoarão nossas mentiras.” Poesia russa!^{vii} E, todos os dias, nos convencemos que nosso passado valeu a pena pelo futuro. A morte de John Lennon é uma coisa importante em minha vida. Aquele filme com Richard Dreyfuss é

importante. Eu gosto. Isso tudo me leva a crer no seguinte: a solidão tem sido vista como inimiga. Todo o tônus muscular se movimenta para fugir da solidão. Mas, a solidão é uma necessidade. É sobre isso que versa este ensaio. Fim da introdução! Vamos ao que interessa! Hoje tem lição de salsa no La Bahia; na TV, “A senha”; “Ideal azeite de girassol” sobre a pia, entre xícaras, frigideiras, cuia e pratos. Penetramos na intimidade da casa. É o que se vê além do quadro. Ou... vou dormir depois do último cigarro. Quem sabe? Tratem-se de realizar as coisas que queremos como homens e teremos a satisfação de doutores efetivando, na prática, os seus ditos. Sim, porque este é, também, um texto sobre formação docente, isso é preciso ter claro. Lewis preparou uma salada para comer quando acordar, às seis da manhã, antes de sair para sua classe que começa às oito. Agora, senhoras e senhores, uma fala de um esquizofrênico, retirada de “As estruturas antropológicas” de Gilbert Durand (2002). Ei-la: “Não quero, por preço nenhum, perturbar meu plano, perturbo mais facilmente a vida que o plano. É o gosto da simetria, da regularidade que me atrai ao plano. A vida não apresenta nem regularidade nem simetria, e é por isso que eu fabrico a realidade... o meu estado de espírito consiste em só dar crédito à teoria. Só creio na existência de uma coisa depois de a ter demonstrado. Tudo irá dar à matemática, mesmo a medicina e as impressões sexuais... procuro a imobilidade... tendo para o repouso e para a imobilização. Gosto por isso dos objetos imutáveis, as arcas e os ferrolhos, as coisas que estão sempre no mesmo local e que nunca mudam. A pedra é imóvel, a terra, em contrapartida, move-se, não me inspira confiança nenhuma... O passado é o precipício, o futuro é a montanha. Foi assim que me veio à idéia deixar um dia-tampão entre o passado e o futuro. Durante esse dia procuro não fazer absolutamente nada.”^{viii} Tá, já chega. É que gostei desse depoimento. Me fez pensar. Já disse que às vezes confundo-me com o significado de pensamento, não? Dentro da casa pintada no quadro suspenso na parede deve haver um quadro suspenso com uma casa estampada nele e, dentro desta, há de haver uma parede onde está pendurado um quadro que retrata uma casa... Deus! Se pode perder-se nesse caminho infinito! Dêem-me uns minutos, vou fumar um cigarro. Assim, deixamos um espaço em branco..... Com certeza isso não tem nenhuma graça se tu, leitor, estiver com a TV ligada num programa de auditório. Mas o que posso fazer? Não posso escolher leitores. Acho que esqueci de pôr o número do apartamento no envelope que enviei para minha filha, será que vai chegar assim mesmo? Minha angústia sempre tem imagens belas como fundamento. Um vacilo e você deixa de

provocar um sorriso. A angústia é um medo de que a beleza se apague. Que bela sentença para filosofar sobre processos de formação. Conheço alguém que ia pirar se visse essa toalha que cobre a mesa. Ia ficar louca tentando juntar as bolinhas aos pares. “Coma, beba, transe, depois, fuja!” Como se diz quando se está só e se quer estar só? E quando se está com outros e se sente só, como se chama isso? E qual é a solidão necessária? Uma coisa que gosto de fazer é conversar com crianças com menos de dois anos de idade. Fiz isso hoje. Acabou a carga de grafite das minhas duas lapiseiras. Minha leitura necessita de rabiscos nas bordas das páginas. Acabo de pensar que certas relações amorosas causam medo. Medo porque se pensa, ou inconscientemente se manifesta que seja amor demais. “Há amores que queimam” dizia na caixa de fósforos que comprei. Lourdes trouxe um prato de comida. Disse que era “Pique” – um prato típico da Bolívia. Ingredientes: carne, ovos, salsicha, cebola, tomate, pimentão. Muito bom! Ah, havia batatas também. “De passo a passo passo nesse paço passando, porque nada é mais bonito”.^{ix} Esse devia ser o título dos meus escritos. Só para registrar, porque o mais importante, agora, é falar sobre uma possível linha que transpassa toda a trajetória desta escrita, seria como um fundamento metodológico. Falo da relação casa-homem e de tudo que deriva dela, ou que faz parte dela. Bachelard nos ensina que há uma poética espacial. Tal designação para a relação homem-casa é algo que depende de tempo. Na casa em que vivemos, há tempos, temos uma “arrumação” que depende de muitas e variáveis necessidades. Nunca conservaremos na casa um “criado-mudo” se dele não fizermos uso, ou pelo menos, gosto! Por isso, a casa vai “ganhando a cara do dono”. Se fores tirado de tua casa para que viva numa aldeia distante, muitas coisas podem ser observadas no processo de constituição de um “lar”, uma casa, uma morada, uma habitação. O sujeito tirado da casa sofre um parto, entendem? Vou dizer-lhes, num outro momento, o que Breton diz a respeito. Por ora imaginem que depois de um tempo, longe de seu lugar de origem, o nosso protagonista encontra um lugar para viver o tempo que necessita na aldeia distante. Vivia no seu lar e agora precisa criar um novo, ou recriar, o seu em torno desejado. É certo que nesse processo uma saudade de Ulisses o acompanha, com força. É preciso que se pense nos vários acontecimentos que lhe causarão espanto e que serão, portanto, dispositivos de sua formação. De uma formação psíquica, cultural, poética, ecológica, etc, etc. Um exemplo apenas: se ele fosse morador solitário de uma casa e na nova aldeia fosse morar com outras pessoas. Dividir um apartamento. Morar com outros significa que tudo o que tem a ver com

espaço da casa deve ser resolvido entre todos, porque o espaço-casa é de todos. E quantas coisas dizem respeito à casa, ao espaço? Se divides o espaço da casa, tens de pensar em muitas coisas: alimentação, repouso, trabalho, limpeza, lazer, conforto, ruídos, odores, etc, etc. A casa de nossas memórias, a casa de nossos sonhos, a casa ideal, as casas pintadas em quadros nas paredes, todas elas estão presentes nas decisões da vida prática dentro de casa. É uma epopéia! E nosso herói muitas vezes ficará a mercê do socorro de deusas que lhe ofereçam um “véu imortal”.^x E terá de pensar sobre essas coisas enquanto corta as unhas dos pés, no pátio de sua nova, passageira, necessária morada. Poderíamos dizer, usando a classificação de Foucault para a ética antiga, que as relações estabelecidas em, ou no acontecimento de dividir um espaço são dietéticas, econômicas e eróticas. Temos, assim, um grande salão de perguntas que o ser fará para si mesmo. O produto dessa prosa reflexiva, na mesma perspectiva foucaultiana, seria a estética do existir.^{xi} Ok, eu paro com as citações! Quero, aliás, não posso esquecer de um ritmo que fiz brincando com o violão. Os acordes são os mesmos de sempre, a seqüência que usei foi: mi, lá, sol, ré. O lá é tocado três vezes, volta para mi, conta quatro tempos, volta para lá. (4 mi – lá-lá-lá – mi (repete duas vezes)). Lamento pela pobreza da explicação. Mas penso que seja suficiente para ativar a minha memória quando retomar estas “notas”. Também, isso pode ser ilustrativo de quão distintos são os atravessamentos presentes na formação, sempre inacabada de uma identidade. Mas deixemos de trololó, não vou alugar suas cabeças com palavras escavadoras, pelo contrário, quero dar-lhes frases de infinitas boas vindas, em nada comparadas a estas que parecem mosquitos em noites de verão. Pois bem, a pintura na parede da sala (o quadro com a casa) tem seus problemas técnicos. Creio que faltam ou sobram algumas sombras. Ou que, talvez, na perspectiva do artista, há dois sóis iluminando aquela paisagem. Se pudessem vê-lo, concordariam comigo. E o Brasil empata com a Colômbia. E zero a zero!! Ouço comentários irônicos por toda parte: dos *experts* da TV ao verdureiro. É importante, também, dizer (fazendo um parêntese) que esta escrita oculta muita coisa. Quer dizer, nem tudo que acontece, concretamente ou em pensamento – ou devaneios – se materializa em palavra escrita. Portanto, por mais que se busque desvelar a subjetividade, sempre haverá mistérios, sempre haverá o indizível. Quanto há de importância nessa questão! Estamos conferindo-lhe a merecida importância? Sem falar que há um véu de preconceitos envolvendo o pensar sobre o segredo. E eu penso que os segredos são indispensáveis, essenciais, na vida humana. As conversas consigo

mesmo são o que nos identificam e diferenciam. Estamos a caminho de compreender qual solidão é necessária. Hoje comprei livros: Whitman, Epicuro, Chesterton e Dejours. Sim, todos da mesma área: a alma. Não gostei da capa do livro do Dejours. As outras eu não faria diferente. “Ele te ama”, “É, eu sei, mas talvez isso não seja o suficiente”. Frases de um diálogo de um filme. Sabem como é, tem hora que não se faz nada. Então, fico brincando com o controle remoto. Ficam ocultas aqui as interpretações que isso possa ter: brincar com o controle remoto. Que idéia! “Por que os homens tentam justificar a morte?” Outra frase, de outro filme. E esta: “De minha parte, não me canso nunca de não ter nada que fazer”. G. K. Chesterton. Esse cara é bom! Ah! Eu gosto muito de falar com vocês, sabiam? Sim, vocês que estão lendo isso agora. Eu consigo vê-los. Vejo risos, opa, vejo sorrisos, ouço risos; olhos atentos, alguns brilhantes... Vejo as expressões de todos, muito nítidas. É que tenho uma tonelada de imagens de vocês e elas vão comigo para onde eu for. Mas quanto se ganha em compensação! Imaginem minha alegria, ao escrever, sabendo que vocês lerão no futuro. Significa que estou criando o futuro. Sim, talvez isso sirva de ilustração para o que eu disse, páginas atrás, sobre “lembranças do futuro”. Já aconteceu com vocês de outras pessoas acharem vocês parecidos com gente da TV ou do cinema? É um troço estranho, né? E o foda é que depois tu vêes quem é o tal ator e se acha parecido mesmo! Bueno, não vamos gastar muitas linhas nesse assunto. E quer saber? Continuo afirmando que há muitos acontecimentos que não serão narrados. Não cruzarão os meus dedos, e não se transformarão em palavra escrita! Que dramático. “Existirmos, a que será que se destina?” dá-lhe Jorge Mautner! Eu não sei bem que trabalhos necessitamos ainda realizar no caminho do entendimento de nós mesmos. Muitos aconselham a ler os clássicos da mitologia. Me lembro das propostas de Ítalo Calvino para o milênio em que ingressamos. Seu livro é um convite à leitura dos clássicos. Que prazer tive em lê-lo! Assim, me junto àqueles que aconselham essas leituras, porque cito valorizando positivamente uma obra que é um convite aos clássicos. Assim, também, a crítica de eruditismo se acerca. Já ocorreu com outros. Mas, mesmo com esses perigos, penso que devemos nos perguntar sobre o sentido dessas leituras. E, então, conferir-lhe importância e legitimidade, por exemplo, na academia, onde se produzem as pesquisas que, por exemplo, na pós-graduação em educação, alimentarão as discussões sobre, por exemplo, formação de professores. Acho melhor eu parar com essa pregação. Confesso: esta última frase eu escrevi pensando que uma pessoa riria muito ao lê-la. “*The inner light*” – *Beatles*. A

comunicação humana é estranha: imagina tu falares a outra pessoa sobre um filme e, ao final, ela responder “muito bom! Tenho que provar!” É legal pensar nisso, porque nos damos conta que encaixamos os sentidos às palavras e tudo está bem encaixotado. Mas, uma mudança no dizer que inverta sentidos nos leva a pensar sobre nós mesmos: por que não posso provar um filme? Quando vemos um filme, não o estamos comendo com os olhos, com os ouvidos e, ademais, com o corpo todo? Sempre estamos a fazer as coisas com todo o corpo. De corpo inteiro. Se não estamos de corpo inteiro é porque falta a alma, essa parte importantíssima do corpo! A totalidade dos sentidos. Demoro a escrever e as idéias me fogem. Só quero dizer que, depreende-se daí que o dar-se conta da linguagem e de sua riqueza, dar-se conta de ser imerso num mundo de possibilidades de criação, pode nos levar a uma pergunta revolucionária: por que tem de ser assim, por que não pode ser diferente? Uma pergunta de criança, sem dúvida, desconcertante... O fato é que preciso de uma caneta melhor. Superior a esta. Uma supercaneta! E isso não é uma metáfora. Mas, tem quem aconselhe ouvir os clássicos do *rock*! Também nesse caso sou um dos conselheiros. Estamos baixando tudo d’Os Mutantes! Oh, estou preocupado, estou preocupado, estou preocupado com coisas das quais vocês jamais saberão. “O término e fim da magnitude dos deleites é o subtrair-se de tudo que dói.” Epicuro. Eu invejo as pessoas que sabem apreciar um bom vinho. Sabem, por comparação, qual é o melhor. Ah, eu precisava usar um pouco de ironia! “Tengo uno saco de cuero e el corazón de oro.” Estranho como tudo à minha volta é estranho, mas se parece com a minha casa. Se me vissem agora, entenderiam. E, mais uma vez, está tocando *Stones*. Tu, leitor amigo, por certo gostaria de uma escrita mais sóbria. Mas eu escolhi não dar a esta tal característica. A quero assim, labiríntica, porque dessa forma penso aproximar-me dos errantes caminhos do pensamento. Pretende-se ela uma escrita artística! Colcha de retalhos de devaneios, mosaico de sensações, pele de papiro tatuada com esferográfica. Podemos nomeá-la de diferentes modos. Mas, enfim, só para registro: hamburguesa especial para a ceia. Queria, também, que minha escrita (com tais características) quedasse, às vezes, inebriante. A ponto de uma leitora parar a leitura e completá-la com um suspiro. Gosto de leituras suspiradas de escritas inspiradas! Esqueci se o Harry Potter ficou com a Hermione. No contexto em que vivo é uma coisa importante. Asseguro! Tenho, inclusive, de falar com minha filha sobre a Hermíone, filha de Helena e Menelau, a qual Homero (1981) descreve como “a encantadora criança, prendada com as feições da áurea Afrodite.” Tudo bem,

leitor, eu entendo seus sentimentos. De minha parte, prometo que vou continuar meu esforço para distanciar esta escrita daquelas dinâmicas de grupo onde só se fala de problemas. Eu penso que há muitas conversas que enfeiam a vida. O excesso é prejudicial, sabemos. Eu combato com imagens sombrias! Como? Penso na possibilidade de que haja dois sóis na gravura (no quadro com a casa). E com isso penso em Brunelleschi: perspectiva. O sol é base para muito do conhecimento produzido pela observação humana. Dois sóis exigiriam um novo saber. Uma cisão na perspectiva. Ao contemplar-se uma paisagem com dois sóis instala-se a possibilidade do devaneio. A percepção do belo nos faz sonhar. Um jovem americano mastigando “*Sucrilhos*” não é uma imagem bela para mim. É realista em demasia. Mas passageira também. Já estou a sonhar a beleza de futuros acontecimentos: as emoções que este texto possa causar em ti, leitor. Quero que te sintas como alguém que “amou a ponto de superar pela poesia o comum do amor humano”, quero dizer, um Dante! Enquanto cozinhava, é, botei uma carne picada em cubos – mais ou menos – cebola, tomates e, depois, arroz. Sal e pesto, nada mais. Bom, daí, tive uma espécie de visão, uma imagem frase: “a pele do tomate”. Fiz inúmeras relações, desde publicitárias até filosóficas. Cheguei, então, à conclusão de que precisamos voltar a comer a pele do tomate. Por que começamos a tirar a pele do tomate? Agrotóxicos, doenças? Se o caminho para voltarmos a comer a pele do tomate passa por combater agrotóxicos e doenças, temos de percorrer esse caminho. Há muito que dizer sobre a pele do tomate. Talvez possa ser um título de um livro que escreverei, no futuro, claro. Agora, deixemos assim. Já expus minha “idéia” e vocês podem ficar, de aqui por diante, com essa idéia na cabeça. E até usar para encerrar uma discussão calorosa, sabem, quando dá aquele silêncio? Nessa hora dá para dizer: “mas e a pele do tomate!?” Tóimmm! Mas então, estava pensando sobre os sentidos do termo “presente”. Que pode designar o tempo atual, o agora, mas também é regalo, como dizem em castelhano: um presente, algo que se dá a alguém. Pois bem, vou acabar com esse assunto escrevendo uma frase e vocês entendam como quiserem: “Este é o meu presente.” Todo o dito aqui são fulgurações provocadas no espaço da casa. Da casa que abriga, na parede da sala, um quadro que traz a gravura de uma casa, na qual... vocês já sabem, deixa pra lá. “Aquele cara possui um terceiro olho”. Resposta: “Só se for o olho do cu.” Desculpem-me por mudar a conversa de forma tão drástica e maleducadamente. Estas são duas frases que escutei andando pelas ruas. Acontece cada uma! E, também, eu sei que ler esta palavrinha de duas letras causa

estranhamento. Não é comum. Mas, convenhamos, a coisa que a palavra designa é muito comum. Então, não nos assustemos tanto com ela. Afinal, muito da simbologia, já descoberta, produzida pela humanidade, tem a ver com o dito cujo. De trás pra frente, como escreveu Hilda Hilst: uc. Aqui vai um “erudito popular” pra vocês: “Por castigo, recebo tâmara por figo.” Sabem de onde o tirei? Do “Inferno”, de Dante. Lá onde, segundo o poeta, habita “o imperador do reino doloroso”. Johnny mostrou-me uma notícia, de um jornal da rede www, a qual trazia comentários e fotos de um movimento de ateus. Eles, associados, pagaram a uma empresa um determinado valor para que esta fizesse circular em ônibus urbanos uma inscrição, mais ou menos assim: “É possível que Deus não exista, aproveite a vida!” A única coisa que consegui comentar, em inglês, foi: Jesus, Maria, José! No livro que eu estava escrevendo, o *Estação total*, o qual perdi quando me roubaram o computador, nesse livro, eu falava de um ritual: “dar boa-noite para a lua”. Não há prova de que eu o tenha escrito, terão de decidir por si mesmos se acreditam ou não. Tal ritual era uma festa na praia, na casa de amigos do protagonista masculino. Ele convidava a personagem feminina a dar boa-noite pra lua. Ela aceitaria e nesse ritual conheceria o mundo dele. Uma hora dessas retomo a escrita do *Estação total* e termino. Mas essa lembrança me veio ao ler sobre um ritual parecido, porque ligado à natureza, com este da lua. Virgílio passa a mão molhada de relva no rosto de Dante e “o passar das mãos bastou para restituir-lhe a cor e o viço desbotados ao calor do inferno.”^{xii} Vê-se aí um exemplo de devaneios possíveis a partir de um belo poema. Sinto falta de ver as estrelas. No pátio, onde corto as unhas, há paredes que se erguem desenhando um retângulo. Para ver o Cruzeiro do Sul, ali, a constelação deveria aparecer exatamente em cima. Gosto daquela estrela menor, a ‘intrómetida’. Espero que a chuva cesse e o amanhã me presenteie com uma noite de céu estrelado; uma dama negra enfeitada com diamantes. Para isto já ofereci aos deuses o sacrifício de limpar o quarto e pôr o lixo na rua, separando reciclados e orgânicos. Também estou tornando-me um *expert* em paixões relâmpagos. Estou colecionando exemplos de uma extrema liquidez, se pensarmos em Bauman. Mas acredito que tais paixões sempre existiram: como o caso de paixões por musas. Cito um exemplo: estava andando, não me lembro aonde ia, pela rua. Muitas pessoas indo e vindo, mas não tantas como normalmente há em ‘calçadas’. Era um passeio largo, tinha bastante espaço livre. Vi uma mulher andando a minha frente, entre nós outras pessoas, às vezes, barravam minha visão dela. Apressei o passo e a segui com a distância que se exige de um homem distinto.

Vestida com pano de delicado caimento, ela andava fazendo balançar seus cabelos ondulados assim como as vestes. E ela percebeu a minha presença. Sei que percebeu, mas não voltou seu olhar para mim. Andamos assim por mais ou menos cem metros, até que, atravessando a rua, na esquina a nossa frente, um edifício com paredes espelhadas. Olhei para o reflexo dela no espelho e ela viu o meu. Nosso olhar se cruzou reflexivo! Não no mesmo sentido que se diz “professor reflexivo”. Mas enfim, depois de termos nos visto no espelho, eu a ultrapassei, entramos em rua muito mais movimentada, a perdi de vista. Mas alguma coisa me diz que aquilo foi uma história de amor. Uma paixão relâmpago, com todas as fases: olá, entre, adeus. Lembro-me de Cazuzza cantando “tudo é tão simples que cabe num cartão postal / e se a história e de amor não pode acabar mal”. Todos temos essas histórias de amor. E nem por isso “nos perdemos por aí.” É porque tais acontecimentos nos alimentam. São imagens de beleza. Tanto quanto estar diante de fantástica cachoeira, magenta pôr do sol, ou num abraço de criança. Imagens de amor que duram o tempo perceptível de uma estrela cadente alimentam nosso corpo e nossa alma. Certeza! Assim é que fazemos da terça-feira apenas a véspera de quarta. Óóóóóóóh! Estava pensando em algo do tipo “chega mais perto que eu tenho uma coisa pra te dizer”. Irrecusável! Pensei que poderíamos fazer uma música! Dessas que fazemos quando nos pomos a improvisar. Eu queria sugerir um tema. A letra da música contaria a história de um cara que sai pra encontrar a noite. Não sai na noite, sai pra encontrar a noite. Entenderam? Então, a letra pode ser na primeira pessoa, com o cara narrando seu encontro com a noite. Eu imagino versos assim: quando cheguei dei boa-noite pra lua / e exulte o brilho das estrelas / na escuridão tanto brilho raro / só deixo a noite ao chegar da Aurora / com seus róseos dedos... Então, daí não sei como continuar. Fiquei pensando o que Aurora faria com seus róseos dedos e não cheguei à conclusão alguma. Temos de falar sobre isso. Afinal, a arte é um ingrediente essencial de nossa formação, não é? Mas aqui entre nós, “filosofica entre eu e você”: não é uma idéia boa essa de sair na noite tendo a noite como companhia? Como se diz, “dá samba!” Sabem a razão disso? Abstinência da língua. Aqui na aldeia falam outro idioma, preciso urgentemente de algumas doses de diálogo em minha língua pátria. Eis a conclusão do assunto! Tenho visto muitas gravuras de Molina Campos. Na minha habitação tem duas. O que eu acho engraçado é que vejo nas gravuras um jeito gaúcho de ser, se é que me entendem. Oh! Imaginem minha angústia, com tantas coisas pra contar, nessa luta para que minha mão atinja a velocidade do meu

pensamento. Na aldeia, converso com muitas pessoas. Se meus dedos acompanhassem as imagens que me vem de todas elas, poder-se-ia escrever um “Ulisses”! Converso com Carlos do boteco onde, às vezes, compro cigarros; converso com Ana Lia do “tem de tudo” da esquina, onde compro, normalmente, cigarros; também converso com Ricardo da carniceria; e o com o senhor da lavanderia do qual não me lembro o nome. Dom Generaldo cumprimento de passagem; E, também, todas as pessoas do mundo acadêmico. Todas essas pessoas merecem descrições mais detalhadas. Mas o que posso fazer? Não atinjo a velocidade da Luz! Só de Dom Generaldo eu contaria muitas histórias somente imaginadas por mim, porque só sei dele o nome e que seus pais vieram de Viena. Porém, tenho muitos conhecimentos sobre um personagem Dom Generaldo, por que eu mesmo o criei. Eu sou como vocês: antes de tudo me preocupo com a natureza imaginada. Que importa uma metodologia no dizer se a natureza das imagens é de inadequação a regras? No fim o que conta é a amizade. Porque as relações com as pessoas que mencionei são várias: de um compro comida, de outro roupa limpa, etc. Mas, também, converso com elas, quero mais que a relação de necessidade, quero a relação para mim necessária. Sinto saudade dos amigos. E digo, para concluir este improviso, que se algum fim tem esta escrita, que seja o de valorização da amizade. Numa das portas do corredor por onde passo, sempre que saio ou chego, às vezes, o casal que aí mora está à mesa. Sempre que os vejo, ocupando um canto da mesa, silenciosos, penso que um pintor saberia retratar tal impressão. Se eu fosse mestre das tintas o faria, porque com palavras não sou capaz de dizer tudo que vejo ali, através da porta; e com duração de não mais que dois passos é a minha passagem. Agora tenho uma caneta de qualidade! Não te canse, leitor, com meus registros, como este, assim tão insignificantes. Mas é importante que saibam de pequenas coisas que bem fazem ao meu espírito. Estou seguro que escrever com uma boa “pena” – mesmo que seja coisa pequena – dá a quem escreve alegria igual a que se tem ao ver um show de jazz como o que vi outro dia. Se quiserem que fale de algo mais positivo do que já disse sobre minha estada nessas paragens, digo que estou lendo muito. Passo os dias a ler. Um livro sempre perto. E são todos, ou quase, livros sobre mitos, deuses, simbologias, “cousa de louco”, como diz o gaúcho. Ler assim, como estou fazendo, é como ter uma viagem dentro da outra: estou de viagem, de passagem por essa aldeia, e viajo para outros lugares, os que os autores me convidam. Daí, mais ainda se nota a importância de uma boa caneta: para escrever essas idéias. Até o som da leitura é melhor quando o instrumento usado para

tocá-la é uma boa caneta. É como na orquestra de jazz. Eu vi! E assim vou cumprindo a promessa de não escrever um muro de lamentações. Sou muito mais de toucas coloridas! Sou igual a vocês, ouvindo rock – fazer o que? – me criei. E já que tocamos nesse assunto de educação, penso que esse (o rock) é um universo a ser conhecido na formação de professores. Talvez que descubramos ter muitas coisas em comum. (Me deu uma vontade de fumar). “O que os professores ouvem?” Seria um bom tema para pesquisa, porque vocês sabem o quanto se aprende com os ouvidos, não? Somos formados auditivamente, então, o que ouvimos nos forma. Seria uma boa, também, pela possibilidade de diálogo com a surdez. Pois, a aprendizagem auditiva no surdo é relativa? É compensada? Daria muito que estudar, antes de concluir algo. Ok, leitores queridos e, leitoras, também queridas, que se cansam quando a prosa não agrada, façamos o seguinte: vamos mudar de assunto. Digam em voz alta essa frase, como numa só palavra: vamosmudardeassunto. Pois bem, fim do recreio! Com uma boa caneta até as idéias melhoram. E se eu parasse de escrever agora? Vocês iam fazer o que? Lavar a louça que tá lá por dias a espera? Ver televisão? Por favor! Tem gente que acredita que seja possível escrever como se fala. Eu duvido. Já fiz várias tentativas, é difícil. Tô aqui me esforçando pra tentar escrever como se estivesse falando. E ó, já me traí, porque se eu estivesse falando diria “tivesse” e não “estivesse”. É como se diz: tem coisas que não dá! Eu tenho que ler *Mobdick*. Mas agora leiam o que vou usar como epígrafe desta escrita: “Ó criaturas bem nascidas, às quais é facultado o direito de presenciar as experiências de amigo distante. Pela luz da verdade que esparge por todo universo estou envolto, e se é vosso desejo obter informações a meu respeito, de bom grado procurarei satisfazer-lhes.” Podem conferir, se isso foi impresso deve haver esta epígrafe. Agora sim chegamos a um ponto importante: à surpresa. À capacidade de surpreender. Se não nos surpreendemos, não tem saída. É depressão sem fim. No mundo, do jeito que está, interessa a muitos que não nos surpreendamos. Trabalharam muitos e muito para que a capacidade infantil de admiração desaparecesse. E mais uma página é preenchida. Mas não é o fim, e o que vem a seguir será muito mais emocionante. Não, dinâmica de grupo, não! Isso se aproxima da linguagem usada pela televisão? Oh *God*! Preciso refinar meu estilo. Sabem de uma coisa boa de comer que descobri aqui na aldeia? Bolo inglês com morangos. Provem! Alias, vamos provar juntos na minha volta. Claro, depois de uma carninha e de uma cervejinha. Acabo de me dar conta de algo importante: se queres sossego, espera até que todos vão dormir. Grande lição no

quesito “solidão necessária!” Ah! A vida nos ensina! “Enquanto o tempo vai passando, eu vou tentar parar e me acalmar.” Não, não, vocês não querem que eu siga falando? Não? Não dá! Está bem, vamos adiante. “Você ainda não me viu de pijama sorrindo a brincar.”^{xiii} Aqui na aldeia cultuam ídolos. Entre eles, Beatles. Muitos pôsteres, cartões, *botons*, bandas *cover*. E bares com a temática Beatles. Fui num desses: foi puro *rock’n roll*! Daí, mais uma vez a prova de que o *rock* tem a ver com educação e com formação de educadores, hehe, porque eu estava com uma amiga, também educadora. Estou brincando de me exibir, relevem. Vocês já estão merecendo que eu melhore meu fraseado. Vou mostrar-lhes algo belo, estão prontos? “Que expressam seus olhos? Muito mais, me parece, que toda a letra impressa que hei lido em minha vida.” Walt Witman. Eu penso em, um dia desses, fazer um texto, inteiro, com frases belas de poetas. Elas, as frases belas, escritas uma depois de outra e depois outra e outra, comporiam um grande colar para adornar o colo das musas. Imagino assim: “Eu quero a sorte de um amor tranquilo – minha vida por inteiro eu lhe dou – ainda é cedo amor - olha que coisa mais linda mais cheia de graça – às vezes parece até que a gente deu nó – o meu olhar vai dar uma festa na hora em que você chegar.” No meio delas podem se misturar frases, também belas, mas ditas no cotidiano como: “tu tá bem?”, “Que bom que vocês vieram!”, “Leva um casaco que na volta é frio!” Coisas assim. Agora estou com essa mania, registro a idéia escrevendo sobre ela. Daí, ela sai da dimensão de idéia da cabeça. Vira escrita, que é uma idéia que saiu da cabeça. Até uma simples observação, quando escrita, não está mais na dimensão de “simples observação”. Mas o que eu quero contar é que trocaram a mesa do apartamento. A que levaram é uma com tampo redondo de vidro. Aposto que o cara que desenhou aquele móvel não está muito satisfeito. As quatro finas patas de metal da mesa saíam do chão e faziam um movimento curvo para o centro à meia altura do tampo, se juntavam e, dali subia um único pino que sustentava o tampo – de VIDRO! Uma mesa onde não se podem apoiar os cotovelos é uma mesa? Alguém precisa responder a isso! Bom, agora tem outra, a que deixaram. Esta é de madeira, bem encorpada e tem pernas torneadas, canelas finas. É forte! Eu penso que se ela resolvesse pegar pesado, ela batia em nós três que moramos aqui. Sei que esse papo delirante sobre coisas da casa cansa a tua paciência, leitor. Não fosse assim eu falaria, também, da geladeira, que é uma personagem! Certamente, penso eu que, quando da invenção da geladeira, fizeram algumas e distribuíram aqui e ali para testes. Essa era uma! Não é uma geladeira, faltam coisas nela para ser geladeira. Na rua, troquei moedas por

poemas com Ana Maria Machado. Traduzindo um verso: “Yanki, não andes olhando para nossos netos.” *Blues do Século XX* - é o título que ela escolheu para seus escritos. Que bom! Eu preciso que alguém nomine este método que aqui vou seguindo. Me falta um conhecimento mais profundo sobre o uso da língua. Mas dá pra notar que há temas recorrentes e todos eles dizem respeito ao habitar: casa, cidade, metrópole, estado, país, planeta. O habitante conta sobre seu modo de habitar a aldeia. Este é o argumento que dá suporte para minha escrita. Concluindo: estou usando vocês, leitores, como cobaias da minha experiência. Cientificíssimo! Estava olhando anotações de antes de iniciar esta escrita e pensei em transcrever algumas passagens. Então, façamos um novo capítulo: “coisas que aconteceram antes do início.” “Vi coisas muito belas. Exatamente o tipo de coisas que se gosta de ver ao lado de um grande amor. Acho que todas as pessoas que me disseram que a aldeia era linda, o disseram, porque compartilharam aqui momentos belos juntamente com seus amores. Para mim, tudo isso ajuda a aumentar a vontade de viver, e sentir saudade de alguém. Alguém que não conheço ainda, mas que, certamente, me devolverá a beleza que tive e experimentei, com intensidade, ao lado das mulheres que amei. Não sei bem porque caio sempre nesse mesmo tema. Mas, seria ridículo, nos momentos em que tento escrever minhas impressões, sobre o que vivo, disfarçar e querer mostrar-me outro. Cada vez mais acredito que a beleza que há no mundo tem sentido somente quando está ligada a uma história de amor. Grupos de amigos, namorados, todos os que visitam lugares belos presenteiam-se uns aos outros a beleza ali existente. Tem a ver com Narciso, com Dionísio, ah, acho que tem a ver com toda criação mitológica e é fundamento da produção poética: compartilhar a beleza. ... “Vista de cima (do avião) a aldeia parece um *chip* de computador. Todas as aldeias devem parecer, não serão? Lembrei de algo que havia pensado em outra viagem, mas acho que não anotei e não escrevi nem refleti sobre. Que é o fato de ver as nuvens de cima. Muitos homens que escreveram sobre a vida, a moral, etc, etc, não tiveram essa oportunidade. Assim, fiquei pensando em qual seria o efeito de uma vivência dessas num desses grandes pensadores. É uma idéia boa para pensar a produção filosófica. Não sei por que escrevo estas coisas. Talvez que seja porque queira transformar esta viagem em grande acontecimento. Espero que seja. Torço! Todos torcem! A aldeia é mesmo bonita, mas tem gente e carros demais!” Agora retornemos à forma narrativa anterior, labirinticamente fluente. Fludentemente labiríntica! Tive um dia ruim. Só um pouquinho: eu não tinha me queixado ainda! Por favor, eu também vou dar

minha queixadinha. Rá! Como Raul! Pois então, foi um misto de ansiedade, saudade, tristeza... Todos vocês já sentiram coisas assim. Todas ao mesmo tempo também. Sabem como é. Bom, é só pra vocês saberem, porque agora que vocês estão lendo, já passou. Estou bem, exercitando os lábios em sorrisos. Hehe! Na verdade, agora, eu só estou enrolando vocês, porque esqueci o que ia escrever. Era uma idéia boa, mas, claro, era mentira! A analogia entre vida e videoclipe está posta. Esta escrita é (se é) um pixel! Os que combatem tal linguagem das artes audiovisuais dizem, ou se fundamentam, por critérios negativos ou de danos. Criticam o fato de o videoclipe pretender ser uma tradução da música. Eu nem me meto nessa discussão. Quando começam a falar disso, eu me afasto. Vou dar boa-noite pra lua! Mas ó, tem uma imagem bela na analogia vida / videoclipe. Que é o fato de que a vida é uma constelação de imagens com trilha sonora. Então, pergunto: qual é a tua trilha? Com que estilo te afinas? Afinal, “que apito tu tocas?”; “A vida é uma ópera” escreveu Machado de Assis. Mas quem contou foi Dom Casmurro! Oh, escrita que me dá voltas ao entendimento!((aqui, entre parênteses, eu digo: isso merece uma risada)). E quem somos nós nesse teatro? “Me diga você que estudou filosofia.” Tchê, como é que se faz mesmo indicação da fonte de versos de música? Bom, esse verso é de Tom Zé. E quem vai querer fazer disso um filme? E essas perguntas não são para serem respondidas de supetão. Não. São para serem pensadas. “*The velvet underground!*” Vocês estão entendendo a tamanha complexidade morada das pessoas que são professores? Quantos de vocês, leitores, são professores ou estão ligados a estes profissionais com outros laços? Pois então, sintam-se homenageados, estou escrevendo sobre nossas vidas que não aparecem, que não são audíveis e ocorrem com mais intensidade em momentos de solidão. Por isso, compreendam a altivez da dificuldade de minha caminhada: escrever o indizível, falar o indescritível. Ou: dança das nuvens, no vento com guarda-chuvas, a hora do pico, talvez? Bainhas do tempo, quem sabe? Explicitação do implícito! Por favor, paramos com isso. Os nomes não importam tanto. O importante é o que estamos fazendo. E o que estamos fazendo é algo a valorizar em tempos como o nosso, pois estamos, todos nós, dando visibilidade à alma. Esta é a caminhada de uma poética da vida. Como uma escrita moldada para outros fins alcançaria tais contornos? E uma coisa eu aprendi: não existe isso de deixar para escrever depois. Quando a gente vai escrever não vem mais a idéia, ela já se foi. Foi por isso que voltei a escrever agora. Porque pus leite numa xícara branca e olhava para dentro dela e ela parecia vazia. Alva porcelana fundida com branca

liquidez láctea. “As impurezas do branco as impurezas do branco as impurezas do branco...”, assim prefaciou Drummond a um de seus livros. E sobre o que devo falar, agora, com vocês? Da guerra do Vietnã? De volúpias políticas? De vacas pastando na linha do horizonte? Não. Continuemos falando de amor. “Seguí compartilhando lo que importa.” Sabe que essa terça-feira acabou bem?! “Você é luz é raio estrela e luar & Faz de conta que ainda é cedo”, uma comédia alucinante! Se tu, leitor, interesse algum tiver nisso, quando me encontrares, podemos falar sobre. O que quero dizer é que hoje, seguramente, na boa, com certeza, vi a mulher mais bela dessa aldeia. Sem dúvida! Me deu uma vontade (quase louca) de me aproximar e dizer: “eu gostaria muito de saber quem és, queria saber qual o teu maior sonho e qual é o teu maior medo.” Mas, daí, passou. Como ela era? Indescritível! Muitos mundos declinarão até que seja possível linguagem para narrar tal beleza. Desistam, não vou contar. Mas, volto a dizer, não haverá outra, se houver, me comprometo, desde já, a contar-lhes, nas páginas a seguir. É isso aí, “faz de conta que ainda é cedo, você é luz.” Eu ia falar umas coisas sobre cinema, mas acho tri chato quando tu tá a fim de se divertir, tomar uma cervejinha e tal, e os caras começam a discutir cinema europeu. Sei lá, eu acho massa muita coisa. Sério. Mas tem gente que está fazendo do cinema uma igreja. Não estou falando dos caras da igreja universal, estou falando de intelectuais. Para alguns tenho vontade de sugerir: “porque tu não pintas numa camiseta a frase: ‘eu vejo cinema europeu’”? Por favor! Para mudarmos de assunto, me façam uma pergunta. “Eh...desculpe..., por favor, tu que aí escreves, poderias nos dizer o que tiras de bom dessas tantas leituras que diz fazeres?” Esta resposta é simples, minha amiga, e respondo com satisfação. As leituras me fizeram ver que sou apaixonado por isso. Ler e escrever são... são suportes de meu viver. E é o que estou fazendo. É boa a sensação de descobrir que aquilo que faço tem a ver com o que sou e ver que isso é bom. Bueno, agora mais uma da série “aconteceu antes do início” desta escrita. “A percepção do Marioca: lá pelas tantas, andando pela rua, ele comentou que numa aldeia assim, de um país desconhecido, a pessoa (o estrangeiro) fica como uma criança. Conversamos um tempo sobre isso, porque eu fiquei admirado pelo fato de ele ter pensado o mesmo que eu. Só que eu havia pensado em relação ao conceito de infância – relacionado Bachelard e tal – teorizado, enquanto ele fez uma reflexão bem simples e muito precisa. De qualquer forma, dei grande importância porque essa sensação pode muito bem ser uma ilustração dos modos pelos quais a criança sente e assimila a vida. E o adulto pode ter sensações muito parecidas. Ou seja, a “fase”

criança não termina. Depende das circunstâncias da vida.” Fim da transcrição. Eu ia incluir mais uma que fala de uma moça (mãe) com um bebê no colo que pedia dinheiro, ajuda, em frente ao hotel. Bem na porta. À noite. Termômetros marcando 8 graus. Eu ficava dizendo para todo mundo que não era um bebê, que eram somente panos. Mas não eram só panos. Mas não precisamos falar disso; tanto que não transcrevi a nota. É que, às vezes, sinto como se no meu coração houvesse uma banda tocando “*help! I need somebody, help! Not just anybody, help!!*” Mas, “deixa pra lá, vem pra cá, o que é que tem, eu não to fazendo nada e você também, o que é que tem bater um papo assim gostoso com alguém?” Que coisa, não? De tanto falar em infância, a gente acaba sendo criança! Eu, por exemplo, estou aqui brincando de escrever. Daí, me lembrei de uma coisa. E agora: concentrem-se! Porque o que vem a seguir exige muito discernimento! Pensei, pensei muito, em como as crianças poderiam ter expressões metafóricas sobre o seu mundo. Quero dizer, que imagens elas usariam para ilustrar uma situação existencial? Por exemplo, numa situação difícil de resolver, a criança pode dizer: “E agora, como é que eu desço dessa gangorra?” Se a criança quebra algo, e sabe que terá represálias, ela pode pensar: “vixe! Faltou luz no trem fantasma!” Eu imagino crianças muito pequenas dizendo essas coisas. Tipo, um gurizinho, 5 anos, contando ao amigo que se deu mal em algum acontecimento, diria: “caí com o baldinho cheio d’água em cima do castelo de areia!”, e emendaria, “não é pra qualquer um”, e concluiria, “o cara já tem que ter tirado as rodinhas!” Com mais um monte dessas expressões, posso escrever uma história de uma criança que conta sua vida. Vou precisar de ilustradores; acredito que não será difícil, há muitos em minha volta. E, Eduardo Pavlovsky diz: “Às vezes, podemos decifrar a que respondem profundamente alguns de nossos comportamentos. Há outros que não podemos entender nunca. E é melhor que seja assim.” Gostei de ler esta passagem. Mas tem outra dele que diz respeito à psicanálise. Vocês lembram que fiz um “elogio” à psicanálise, não lembram? Bom, Pavlovsky diz o seguinte: “A instituição psicanalítica tem algo de religioso, é como a igreja que, se muda, é porque o mundo lhe fez mudar.”^{xiv} Eu traduzi isso. Mas penso que está bem. E é de se pensar! Não há muito o que contar. Mas, na verdade, penso que, se contasse um mínimo do que acontece, faltariam páginas neste caderno. O que acontece é incomparável com o que escrevo. O que acontece é grandioso, o que escrevo é a pulga do cachorro doido. Isto até parece dito lá de Dom Pedrito! Mas uma coisa confesso: tenho ganas de terminar isso! Fazer com que minha escrita chegue às

suas mãos. Passar para outra fase! Mas enquanto isso não acontece, vamos a uma passagem da *Odisséia*. “Estes os efeitos, que o ilustre aedo cantava. Entrementes o coração de Ulisses ia desfalecendo, e as lágrimas, correndo das pálpebras, umedeciam-lhe as faces. Do mesmo modo que uma esposa se pranteia, inclinada sobre o marido, tombado diante da cidade e de seus habitantes, quando combatia para desviar desta e de seus filhos o inexorável dia, e, ao vê-lo moribundo e ainda palpitante, a ele se abraça, soltando penetrantes gemidos, enquanto, por detrás dela, os inimigos a ferem com suas lanças no dorso e nos ombros e a levam como escrava, para sofrer penas e misérias, apesar de suas faces se mirrarem por efeito da mais lamentável angústia; assim Ulisses derramava de suas pálpebras comoventes lágrimas. A todos passou despercebido que estava chorando.”^{xv} Não faria todo esse esforço de copiar Homero sem razão. Tenho razões para esta citação. A primeira é emocioná-lo, leitor. A segunda é que este é um grande achado, porque é uma sublime descrição da dor, tanto que, a seguir, no texto da *Odisséia*, Alcino se dirige a Ulisses e, entre outras coisas lhe diz: “intensa dor, por certo, lhe oprime o coração.” E, tenho pelo menos umas oito razões mais, mas vou falar somente mais uma: isso é uma prova de que o meu jeito de narrar é muito simplório. Homero, sim, é homérico! Estou exagerando, eu sei. Mas leiam uma coisa que me fez pensar: “nada vale a pena, se não for para ganhar o sorriso e o afeto dos amigos”- Chesterton. Coisa beleza!, como diria um amigo meu. Pois é, mas vejam se as coisas que acontecem não parecem trapezistas no trapézio, sem rede de proteção. Na estrada, eu vi uma placa onde dizia: “observe a sinalização”. Uma placa sinalizando a sinalização. Uma placa dizendo para observar outras placas. Que refinamento essa civilização, não? Nem vou falar sobre porque chegamos ao ponto de termos placas indicando o que devemos fazer. Não. Só queria registrar o fato como uma das 10 mais da série “O ponto que chega!” E eis que, relendo anotações, me deparo com uma de antes de deixar minha casa. Algo que escrevi depois de ter cantado, de improviso, acompanhado por minha sobrinha ao violão. Os dois, ela e eu, somos os únicos conhecedores dessa “letra”. Agora a transcrevo para vocês com todo amor e respeito (mesmo que seja redundância). Se não for por demais enojado, tenta imaginar, leitor, um som de violão e eu cantando assim: “eu tô sentindo uma clima de despedida, eu to sentindo o maior amor da minha vida, eu to sentindo um clima de despedida, eu to sentindo mexerem na casca da minha saudade ferida, mas o que importa se uma história de amor é tudo o que acontece entre um ‘olá’ e um ‘adeus?’” Este foi meu canto de

despedida que não foi cantado. E sabem o que está escrito na borda superior da página, donde retirei estes rabiscos? A data e, ao lado: “terça-feira!”. Mais um comentário de Chesterton: “nunca em minha vida disse nada simplesmente porque considerava engraçado, se bem que, é claro, tenho padecido à comum vanglória humana, e posso haver pensado que algo era engraçado porque eu havia dito.”^{xvi} Na faculdade, conheci uma moça. Perguntei seu nome, ela respondeu, “Soledad”. Devia ocupar-me mais na análise desse tipo de solidão, pensei. Eu gosto de pensar o absurdo. Exercitar abrir portas para outras percepções, outras lógicas. Mas eu não sou exemplo a ser seguido, advirto-os! Mas eu me canso um pouco do comportamento contemplativo de jovens viajando ao som de *Pink floyd*. Há uns vinte anos eu fazia o mesmo. Daí dá pra se pensar nos conflitos entre gerações. Eu meio que intuí, ou pensei, que há uma certa resistência, pra não dizer brutalidade, na relação entre pessoas na faixa dos 40 com outros em torno dos 20. Pais e filhos, por exemplo. Por que, penso eu, essas gerações conflitam? Porque entre, quero dizer, na trajetória das gerações há sempre a transitoriedade. Ser de uma geração é estar em trânsito para outra. De forma que as gerações próximas não compreendem seus códigos. Reparem a relação de avós com netos e comparem com as relações pais – filhos – avós, avós – pai, avós – mãe, e etcétera, que vocês terão uma boa noção sobre o que estou querendo dizer. Se fazer entender é muito importante: um descuido e posso *dar a entender* outras coisas que não aquilo que quero dizer. Como ilustração, vejam um “*imeiol*”, muito simpático, que recebi. Diz, no campo do “assunto”: um poeminha. E a mensagem é assim: “Classificados: homem invisível procura mulher transparente para fazer coisas nunca vistas”. Se eu mostro isso a vocês e não e não explico nem contextualizo, vocês terão inúmeras possibilidades de entendimento. E podem dizer: “essa escrita dá a entender que...”. Mas, quer saber? Não vou explicar, não vou. Até porque, no momento, sou um estrangeiro. E a aldeia não vai bem. Pra se ter uma idéia, apresento um índice crítico de Eduardo – Tato – Pavlovsky (2008). “Sem ir mais longe, hoje existe uma grande indiferença frente aos direitos humanos que se vulnerabilizam. A pobreza e a indigência na infância é uma realidade que está entre nós. 50% da população de menores de 14 anos é pobre, e 20% é indigente, a mortalidade infantil é de 16 por mil. O índice de pobreza é de 33% e para os menores de 14 é de 48%. Entre 5 e 9% dos meninos trabalha. Dos que vão à escola repetem o ano 35%. 12% não completa a sexta série. E soam como dados frios, porque se interiorizaram como algo óbvio, como cifras. E há que reconhecer que estamos muito

melhor que durante a ditadura. Mas estamos melhor somente na medida em que o aparato repressor culminou uma etapa. Porém, há uma direção logística funcionando hoje e aqui que já está produzindo movimentos muito inteligentes.”^{xvii} Recém saiu do forno o livro donde extraí esse depoimento. E Pavlovsky é homem de conhecimento e de grande sensibilidade. Uma sensibilidade que, penso eu, até ele concordaria, tem sido exercitada literalmente, posto que ele foi nadador, boxeador, ainda é dramaturgo e ator, e trabalha com psicodrama. E viveu grandes amores! Eu respeito! Com o tempo a gente vai pegando “*as manha*” de como acontecem as coisas. Lembro de uma frase proferida, no passado, por minha, então, mulher. Discutia, ela com o dono do armazém, formas de governo, esquerda, direita, parlamentarismo, presidencialismo, tudo! Ela defendendo ações que estivessem legitimadas pelas decisões de muitas pessoas. Ao que, o dono da venda retrucou: “panela que muita gente mexe não dá ponto!”. Ao que ela respondeu ao pé da letra: “mas se ninguém mexe, encroa!” Me espanto com a visão feminina! Sabem muito da culinária social. E minha mãe disse que acredita em Deus só de observar as flores. E há mulheres que tiram o mal colocando a mão sobre teu peito, dizendo “vai dar tudo certo”. Tem uma frase em polonês que sei dizer, a qual caberia bem agora. Mas só sei dizer, não sei como se escreve. Sinto por despertar à curiosidade, hehe, sinto muito! A muitos sentidos pode levar esta crase. Um convite a viagens só de ida como a vida! E Itamar Assumpção já avisou aos navegantes: “não há saídas, apenas ruas, viadutos e avenidas.” E essa coisa branca com sorriso de Bob Esponja fica me olhando enquanto escrevo. Não, não é alma penada nem nada, é a geladeira. Pois então, trocaram a geladeira, que era peça de antiquário, por outra que, juro, parece o Bob Esponja, só que todo branco! “eu estou prontuuuuuuuuuu!” Mas é cada uma que me acontece! A pontuação é um limitador para o escritor. Acho um exagero o último ponto de exclamação. É demais para a intenção que quero dar à expressão. Mas, fazer o que? Pontuo e depois explico a pontuação. Somos eternos criadores de costumes e também nos acostumamos com certa, por assim dizer, facilidade. Ah, uma coisa ainda sobre a geladeira: mais uma vez, “as impurezas do branco”. E sabem onde mais tem branco? O sofá é branco! Sim, todo branco: branco-giz! Está em perpendicular à parede onde está o quadro com a gravura da casa. Suspira leitor! Faço isso para emocionar-te! Observei algo importante: com o passar do tempo, começamos a usar o tempo como critério, ou melhor, como adjetivação. Dizemos, por exemplo, “faz 20 anos que conheço tal coisa!”, como se o tempo (20 anos) tornasse melhor o nosso conhecimento da tal

coisa. Acreditem: naquele retângulo de céu que há no pátio – é possível ver estrelas! Eu vejo estrelas desde há muito tempo, mas foi como a primeira vez! Assim são muitas coisas na vida: não importa o tempo que as vemos, importa como as vemos. Que sei eu das estrelas, além do fato de que se pode conversar com elas? E o que sabemos das pessoas se esquecemos do fato de que podemos conversar? Sim, estou falando sério. Estou, inclusive, me esforçando para que minha próxima idéia seja muito, muito mais leve. Posso convidá-los para um giro de 360 graus aqui na peça onde estou? Vejo um forno micro-ondas numa prateleira de parede e, na mesma altura, ao lado, um armário aéreo. Frigideiras e pratos no escorredor de louça, isqueiro sobre a murada que separa a cozinha da sala. Olhando à direita, uma geladeira branca, aquela, e acima dela uma pequena estante com suvenires que tenho medo que quebrem, porque não são meus. Em cima da geladeira tem duas maçãs verdes. Bonitas. O resto é muito difícil de descrever. Mais a direita, a porta (de entrada ou de saída) pela qual um de meus amigos acaba de passar: saiu, foi ao banheiro e voltou a dormir. Sim, o banheiro fica lá fora. Seguindo à direita temos outra porta, a do quarto. Depois, uma escrivaninha dessas de MDF. Há um *notebook* sobre ela e, o que é que o pacote de papel higiênico faz aí?! Ao lado, o violão. Ao lado do violão, uma mesinha de por coisas em cima: está cheia de coisas em cima. O que ressalta mais é uma caixa de pasta de dente, com “Colgate” escrito de cabeça pra baixo. Ao lado da mesa, que tem finas pernas de bambu, está o rack da TV, com a TV e alguns livros. E também não sei que diabos aquela garrafa d’água faz em cima da TV! No canto: uma estante ‘de canto’, com livros e outras coisas que tenho medo que quebrem. Entre elas, um elefante preto. Acreditem! Seguindo, vemos na parede o quadro com a casa e, abaixo, um banco. Desses bancos para sentar-se à mesa que a gente usa quando tem muita gente. O usamos como estante. Está cheio de livros e coisas do gênero. No próximo canto, num suporte cilíndrico, um vaso, tipo uma taça transparente com um buquê de rosas vermelhas... Artificiais. Vindo na minha direção, passa-se pelo sofá (aquele branco-giz). Seguindo o olhar para dar a volta, vejo minhas mãos, com a direita escrevo, com a esquerda seguro o caderno, o qual não é dos melhores para se escrever. Bem perto, à frente, uma luminária azul, virada para a parede porque sua luz é muito forte. Há um pão baguete sobre a mesa, um copo com água, um cinzeiro, vários papéis. Seguindo meu olhar para fechar a volta de 360 graus, vejo novamente o micro-ondas na prateleira, na qual eu já bati a cabeça várias vezes. Muito bem, senhoras e senhores, fim do passeio. Obrigado! Que

tonteria! Esse giro me deu uma dor no pescoço. “Obama nas alturas!” Mais uma vez ocorre uma troca de caneta, para melhor. O contato direto com a TV me causa vertigens. Às vezes, fico pensando sobre quanto menos precisamos, quanto deveríamos subtrair, de informação para vivermos melhor. Até porque, já que tocamos nesse assunto, os telejornais, em relação à informação, são tão eficazes como aqueles almanaques que, no passado, eram distribuídos em farmácias. Com patrocínio de “Sadol” ou algo assim. Eu gosto muito dessa coisa de mudar de assunto sem avisar. Aliás, não sei se não passa de uma mania, ou de falta de educação. Mas, tenho esse costume: misturo os assuntos; não digo “vamos mudar de assunto”, mudo de assunto. Considero essa experiência um modo de estimular o cérebro. Um exercício para músculos invisíveis e brilho para cabelos que temos dentro da cabeça. E é causa de intensa graça, por vezes, porque, imaginem a situação: uma pessoa contando ou refletindo sobre algo e, numa breve pausa no falar, outra pessoa pergunta ou fala sobre algo completamente distante, tipo, assimetricamente oposto. Do momento sairão muitos importantes processos: aprendizagens. E no final, percebemos que os assuntos são, todos, assuntos da vida, então, estão todos conectados. É muito boa a metodologia do “um assunto puxa o outro”. Mas, há que se ter cuidados, há que se ter cuidados. “e que Deus nos dê um rio onde ter quando acabemos”. Bem apropriado citar um poeta nesse momento. Sabem como é, “de médico, poeta e louco cada um de nós terá vizinhos com um pouco!” Duas palavras que gosto juntas, vizinhando, são ‘desenho animado’. “A saudade é uma criança que mora em mim.” Muita gente já falou algo assim. Mas eu quero que saibam que cheguei a esta síntese depois de um momento próprio de reflexão. O que ocupava meu sistema mental era a questão de como definir “saudade”. E comecei tal reflexão num instante em que me peguei dizendo, pra mim mesmo, “estou com saudade”. Então, senhoras e senhores, saibam que estou falando, praticamente, de resultados de uma investigação antropológica! É uma boa dica para pesquisas com narrativas. Para dar vazão à narrativa usar-se-ia a seguinte pergunta: “do que você sente saudade?” Também esta é uma pergunta para que tu, leitor, respondas. De minha parte, eu sinto saudade de ler, com minha filha, no parque Itaimbé; de conversar com amigo sobre amores vividos; de conversar com amiga sobre amores possíveis; de ver o Inter jogar na casa do vizinho; de ganhar um doce; de ouvir “fica mais um pouquinho”; de desenhar com palavras; e, por último mas não menos importante, sinto saudade de um abraço. É bom dizer isso! Poderia encerrar aqui esta escrita. Mas

restam páginas e resta o que dizer. Então: uma das coisas que não entendo é como foi possível que “alguéns” escrevessem, depois de terem pensado, algo como “todos os seres humanos nascem livres perante a lei”. Meu pensamento foi interrompido, porque a dona da casa veio trazer um ventilador. Então... Uma das maiores experiências para entender o que é amizade é se pegar rindo ao lembrar de fatos vividos na companhia de amigos. Foi num momento desses que senti vontade de dizer “obrigado por me proporcionar tais pensamentos, tais devaneios.” A-m-i-z-a-d-e é uma palavra com sonoridade duradoura! Necessitamos dessa música pela vida toda. A amizade é o elo entre as estações. TV aldeia: “somos mais, podemos mais!” Agora é uma boa hora para conversar. Já “pararam pra pensar”, como se diz, o quão inusitado é o momento presente? O instante agora? Eu, volta e meia, penso nessas coisas. Meio que constato, a toda hora, que este instante não poderia ser pensado antes. Os instantes me surpreendem como elementos não imaginados. Pensem no que vivemos agora, nesse instante: vocês lendo essas notas do passado, que eu escrevo, no presente. Agora, no meu presente, estou nessa aldeia distante. No presente de vocês, já não estou mais! Vinte e poucos dias apenas ainda vou ficar aqui. E agora o que penso é que o instante que vivo eu não poderia pensá-lo antes. No presente de vocês, não imagino, não imagino com que tipo de instante presente estarei me admirando. “*Doctor Dre*”? As vezes é preciso “dar nos dedos”. Fiz isso essa semana. Ah, lembram que eu tinha dito que uma hora dessas eu falaria sobre o que Breton pensava sobre a questão de estar num espaço e ser tirado dele? Então, o que apresento agora pra vocês é uma passagem brilhante, onde Breton mistura, muito apropriadamente, a descrição de um lugar atravessado pelos sentidos criados na relação com alguém. Ao mesmo tempo que descreve a natureza a sua volta, descreve o objeto de seu amor. Chega de teorizar, vamos ao que ele escreveu: “o alto da montanha só assume forma verdadeiramente divina na névoa do teu olhar, na asa da águia dourada que passa pelos teus cabelos. E eu te amo porque o ar do mar e o da montanha, confundidos aqui na sua pureza original, não são mais embriagadores do que o de tua alma onde passou a maior rajada, confirmando-a solenemente e com todo rigor na sua natural disposição para resolver tudo, e, pra começar as mínimas dificuldades da vida, pela efusão de uma generosidade sem limites que por si só seria prova suficiente daquilo que possuis com exclusividade: o sentido absoluto da grandeza.” (In. Arcano 17, página 25, se querem a fonte). Masáh!! O que quero dizer é que gosto muito da vida! É bom viver! Ia bem um *Jimi Hendrix* agora: *Woodoo Child*!

Ó, tem umas três ou quatro palavrinhas mais que eu queria dizer. Um delas é o registro de uma frase. Sim, de novo. É a seguinte: “Na verdade, se tu tens casa, não precisas sair de casa.” Esta sentença foi proferida por uma visita que recebi em minha casa. Sim, verdade. Daí, já aproveitamos pra dar uma banda: saímos pra comemorar o aniversário de um amigo. E querem mais uma novidade? Hoje é terça-feira! E mais, sim, há outra mulher ainda mais linda do que aquela. Não vou entrar em detalhes, basta, para mim, dizer que quando a vi comecei a cantarolar “Garota de Ipanema”. Não sei se devo contar os requintes de sensações de quando se visita uma estranha e monumental biblioteca! Também, os “não sei que” de emoções vividas em passeio por salas de um grandioso museu. Não falarei, não sem antes cair no lugar clichê comum de dizer que tais vivências são indescritíveis. É isso! *Over* dose de cultura! Essas coisas dão idéias! Eu estava pensando num argumento para um livro: “Ouço vozes” seria o título. E a coisa seria bem simples. A coisa, que digo, é a escrita. Seria assim: um cara narrando usando muitos “lugares comuns”. Tipo, idéias batidas. Coisas conhecidas e até aplaudidas. Essa narrativa seria bordada com enunciados “das vozes” que o narrador ouve. Simples. “O que tu queres dizer com isso?” - Viram? Este é um exemplo! A pergunta entre aspas seria uma voz que o narrador ouve, neste caso, eu. Penso que pode resultar em texto gracioso e, talvez, polêmico, porque as “falas” das vozes podem ser análogas a outras vozes que não foram ouvidas. Que, pelo contrário, foram caladas. Vozes que, se fossem ouvidas, mudariam luzes e trevas de lugar. Como se troca de lugar o aluno que está fazendo bagunça. Bueno, esse jeito, o de ir botando uma coisa dentro da outra, ou de tirar uma coisa de dentro da outra é o que eu chamo de “efeito Royal”. Quando criança observei o rótulo do fermento químico *Royal*. Foi a primeira vez que pensei sobre o infinito. Uma lata dentro de outra lata dentro de outra lata. A mesma coisa acontece com a casa estampada no quadro: dentro da casa pintada no quadro tem um quadro com uma casa pintada *ad infinitum*. Mas o que está me parecendo mesmo infinito é esta minha conversa. Por isso tomei uma decisão: vou por fim a isto! Conte as páginas restantes em branco e são poucas. Mais ou menos o número de dias que falta para minha partida. Então, resolvi terminar a escrita, por fim ao texto! Tirar do forno. “A literatura é um bosque com muitas possibilidades”. E talvez que os historiadores cheguem mesmo atrasados. Já disse alguém, não me lembro quem, que “chegamos demasiado tarde para os deuses e demasiado cedo para o ser.” Acho que foi Heidegger. Mas enfim, resolvi por fim. Isso resume a questão. Mas, pois é, vou ter de adiar um pouco: é muito difícil

escrever com alguém na volta, olhando. Recebi um bilhete virtual muito lindo! Dizia: “Será que você vai saber o quanto penso em você com o meu coração?” Bueno, mas para encaminhar-se ao ponto final vou emendar uns causos. Tenho andado por aí, mostrando à pessoas como levar pássaros. É emocionante! E gasto, também, meu tempo contando sobre minhas teorias com relação ao lixo produzido na aldeia. Presencio quase que diariamente um ritual noturno. Identifiquei quatro fases. Fase 1: o lixo é posto na rua pelos habitantes. Uma observação: quando digo rua, estou falando de forma exata – as pessoas põem o lixo embalado em sacos plásticos nas calçadas. Fase 2: outros habitantes catam no lixo materiais recicláveis, ou que sejam úteis para eles, inclusive comida. Fase 3: trabalhadores da limpeza urbana recolhem o lixo que não foi espalhado durante o trabalho das pessoas da fase 2. Fase 4: outros trabalhadores varrem o lixo não recolhido na fase 3. Não raro as ruas são lavadas por engenhosas máquinas e seus operadores, porque a soma das fases causa muita sujeira. Eu falo sobre essas coisas porque me parecem que passam despercebidas. Pior ainda se passam despercebidas porque nos acostumamos com elas! E outro argumento, que torna fundamental essa nota, é o fato de que, com isso, eu mostro o entorno da minha casa. Ou a casa onde se localiza a minha casa: a aldeia. Vivo numa casa e quando saio de casa entro em outra casa. Com muitos moradores, nacionais e estrangeiros! E o legal de tudo isso é perceber que, entre tantos, precisamos de um canto para gozar da solidão. Sim, só quando saio da aldeia-casa e entro em casa e vou para meu canto, só assim, consigo escrever contando tudo, brindando contradições. Bom momento para brincar com palavras: na casa me caso ao acaso, acaso o acaso não case na casa, no caso. Mais adiante vou transcrever pra vocês uma passagem de Gilbert Durand sobre a casa e sua simbologia. Agora é tempo de pensar sobre isso. Pensar antes de ler algo a respeito. Pensar, para quando ler poder dizer: eu já pensei isso antes! Então pensem: quando nos sentimos “em casa”, que observações, que sentimentos nos levam a tal conclusão? Quando é que o aconchego do canto sossegado da nossa casa é percebido em espaço público - fora de casa? Enquanto vocês pensam na resposta, eu continuo meu devaneio inebriante e digo-lhes: que importa a horta, a porta, a morta? Que me importa a torta! Ok, tudo bem, paremos porque já estamos no limite do cafonismo. Quase escrevi “a linguagem aborta”! Definitivamente, se for pra terminar, termine! Não precisas de tantos enfeites para tão pouca lingüiça! Já cumpristes com teus compromissos, agora segues e põe fim a isto! Então bem, eu separei para estas últimas páginas, algumas partes de

minhas escritas dos primeiros dias na aldeia. Porque acho bom terminar falando dos começos. Se quiserem, podemos corrigir o título, já existente para isso, adicionando algo como: “coisas que aconteceram antes do início - mas um pouco mais importantes”. Pois então, vamos aos recortes: “muitas coisas que vi e vejo me fazem pensar que preciso realizar um registro mais atento, pois a memória falha e, no futuro, não conseguirei descrever determinados detalhes que julgo qualificar o espaço em que estou adentrando. Para um gaúcho chato como sou, que vive reclamando de falta de condições materiais para o trabalho, tudo que me cerca aqui parece dizer algo como: “sinta, realmente, o que é falta! Ou, “agora terás uma mostra muito mais precisa do termo ‘mínimo!’” Outra nota de uma conferência: “imaginem uma imagem imposta. Imposta por um único deus. Dentro dessa imagem uma deusa sonha com uma janela. Atravessa-a. Se assombra com um mundo múltiplo, diverso.” Uma nota do dia 12 de setembro: “faz um sol maravilhoso na aldeia. Penso em escrever sobre minhas impressões. Talvez que com o sol elas saiam ensolaradas.” Uma observação do primeiro dia na aldeia: “o vento não é muito bueno, gela a gente por dentro.” E agora uma nota de um tempo em que não imaginava fazer o que estou fazendo agora: “Ao pé do morro há um relógio. Um relógio ‘parado’, marcando 8 horas. É engraçado porque até um relógio parado acerta duas vezes por dia. Nesse caso, oito da manhã e oito da noite. Já pensou num homem que acertasse duas vezes por dia? Quantos acertos teria num ano? Quantos durante toda sua vida? Conheço gente que inveja o relógio parado ao pé do morro.” Atenção, “sem horas” e “sem ônibus”, não acreditem em tudo que lêem! Isso pode levar à condenação indesejada da insônia, qual seja, a de “ver sempre fugir, como ilha inabordável, o sono e o sonho, obscuros paraísos azuis.” E se isso tudo são passagens de alguém que está de passagem, mas que, contudo, pertence ao lugar de passagem a ponto de divisar múltiplos significados do habitar, apresento-vos algumas palavras de um de meus mestres, Gilbert Durand (2002, p. 243): “A casa constitui entre o microcosmo do corpo humano e o cosmo, um microcosmo secundário, um meio-termo cuja configuração iconográfica é, por isso mesmo, muito importante no diagnóstico psicológico e psicossocial. Pode-se dizer: ‘Diz-me que casa imaginas e dir-te-ei quem és’. E as confidências sobre o habitat são mais fáceis de fazer do que sobre o corpo ou sobre um elemento objetivamente pessoal. Os poetas, os psicanalistas, a tradição católica ou a sabedoria dos dogon fazem coro para reconhecer no simbolismo da casa um duplicado microcósmico do corpo material e do corpo mental. Os quartos da casa equivalem a órgãos, e

espantosamente a criança reconhece nas janelas os olhos da casa e pressente as entranhas na adega e nos corredores. (...) O labirinto é freqüentemente tema de pesadelo, mas a casa é labirinto tranqüilizador, amado apesar do que pode no seu mistério subsistir de ligeiro temor. É este antropomorfismo microcósmico que a adega ventral significa, tal como o cervical sótão. A própria organização dos compartimentos do apartamento ou da choupana: canto onde se dorme, lugar onde se prepara a refeição, sala de jantar, quarto de dormir, dormitório, sala de estar, celeiro, casa da fruta, granja, sótão, todos estes elementos orgânicos trazem equivalentes anatômicos mais do que fantasias arquiteturais. A casa inteira é mais do que um lugar para se viver, é um vivente. A casa redobra, sobredetermina a personalidade daquele que a habita.” Bueno, diante do fato de ver bem próximo o ponto que marquei para iniciar o fim, não puxarei mais conversa.

Marco esta página como a que dá início às considerações finais. E a primeira coisa que preciso dizer, em considerações finais, é que dedico todo o amor contido nesta escrita a todos aqueles que se sentirem parte dela, mas, especialmente, à Lúcia, ao Alex, ao Minduim, à Eloísa, ao Lu, à Tatiana e à Graça. ☺ E que bons ares nos conduzam sempre a belos horizontes.

Primavera, 2008.^{xviii}

ⁱ Adaptação de uma passagem de *A divina Comédia*. Dante Alighieri, 1981, p. 249. Obs.: as notas foram acrescentadas posteriormente, para indicação de algumas fontes, em função do lugar que este texto ocupa agora. Sua leitura não interfere na compreensão do texto.

ⁱⁱ Poema de Paulo Leminski. In. *La vie em close*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 129.

ⁱⁱⁱ Introdução da canção *Causo Farrapo*. In. CD.Vitor Ramil. Ramilonga: a estética do frio. 1997.

^{iv} O grupo de amigos para quem escrevi eram também parceiros para brincar de fazer música. Este é um verso de uma das canções que fizemos.

^v É uma passagem da conferencia *El habitar*, de Hugo Mujica, proferida em 6 de outubro de 2008. Editada pela Fundación Centro Psicoanalítico Argentino.

^{vi} Normalmente os títulos de canções que aparecem no texto são de músicas que estavam tocando enquanto eu escrevia.

^{vii} Lewis citou esta frase quando conversávamos sobre poesia e educação. Ele não sabia quem era o autor, mas garantiu que era russo.

^{viii} As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins fontes, 2002, p. 189.

^{ix} Misturei versos de Luiz Melodia e de Moraes Moreira.

^x Quis fazer uma relação com Ulisses que recebe um véu imortal de Leocótea, o qual lhe protege da fúria de Posidon. HOMERO. *Odisseia*. São Paulo: Abril cultural, 1981, p. 56.

^{xi} Referência a conceitos de Michel Foucault expostos, principalmente, em *A história da sexualidade*.

^{xii} Op. Cit. p. 133.

^{xiii} Versos da canção *Portugal de navio*, dos Mutantes.

^{xiv} In. COSENTINO, Olga. Eduardo Pavlovsky: soy como um lobo, siempre voy por El borde. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2008.

^{xv} Op. Cit. p. 79.

^{xvi} As duas passagens de Chesterton estão em *Lo esencial de Chesterton*. Buenos Aires: Lumen, 2003.

^{xvii} Op. Cit. p. 67. A tradução é minha. Por certo há deficiências.

^{xviii} Em termos cronológicos, esta escrita localiza-se entre a primeira e a segunda parte de meu ensaio.

Referências

- ABREU, Caio Fernando. O ovo apunhalado. Porto alegre: Globo, 1976.
- ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas ; Dom Casmurro. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- GAIMAN, Neil. Coraline. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- _____. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BACHELARD, Gaston. A formação do espírito científico: contribuições para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- _____. A poética do devaneio. 6ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento. 2ª edição. São Paulo: Martins fontes, 2001b.
- _____. A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 2001c.
- _____. A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. A poética do espaço. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade. São Paulo: Martins Fontes, 2003b.
- _____. A psicanálise do fogo. 2ª edição. São Paulo: Marins Fontes, 1999.
- _____. A intuição do instante. Campinas, SP: Verus Editora, 2007.
- BARROS, Manoel. Memórias inventadas: a infância. São Paulo: Planeta, 2003.
- _____. Ensaios fotográficos. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 1005.
- BECKETT, Samuel. O inominável. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- BRETON, André. Arcano 17. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CALVINO, Italo. Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia da Letras, 1990b.

- CARVALHO, Maria margarida M. J. (org.). Dor: um estudo multidisciplinar. São Paulo: Summus: 1999.
- CARROLL, Lewis. Alice no país das maravilhas. São Paulo: Summus, 1980.
- CIORAN, Emile M. Exercícios de admiração: ensaios e perfis. Tradução de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- CONY, Carlos Heitor. Quase-memória: quase romance. 23ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- COUTO, Mia. Terra sonâmbula. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 1993.
- CORTÁZAR, Julio. Bestiário. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- DANTE ALIGHIERI. A divina comédia. São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- DICKINSON, Emily. Poemas de Emily Dickinson. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.
- DURAND, Gilbert. Imaginação simbólica. São Paulo: Cultrix, 1988.
- _____. As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins fontes, 2002.
- _____. A fé do Sapateiro. Brasília: Editora da UNB, 1995.
- FREITAS, Maria Ester de. Viver a tese é preciso! In BIANCHETTI, Lucídio, MACHADO, Ana Maria Netto (orgs.) Bússola do Escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações. Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 2002.
- HOMERO. Odisséia. São Paulo: Abril cultural, 1981.
- HOMRICH, Marcele Teixeira. Enquanto isso, na sala dos professores: reflexões sobre os atravessamentos do social nas relações espaço-tempo. In. Anais do V Congresso Internacional de Educação. São Leopoldo: Unisinos, 2007.
- IZQUIERDO, Iván. A arte de esquecer: cérebro, memória e esquecimento. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.
- JAPIASSÚ, Hilton. Para ler Bachelard. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- JOSSO, Marie-Christine. Experiências de vida e formação. Lisboa: Educa, 2002.
- KUHN, Thomas S. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 1991.

- KUREK, Deonir Luís; CARVALHO, Lucas Prado. Não engorda, mas é cancerígeno: ensaio sobre a corporeidade no terceiro milênio. In. REVISTA TEMAS & MATIZES, número 7. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel: Edunioste, 2005.
- KUREK, Deonir Luís. Numa terça-feira qualquer. Cascavel: edição do autor, 2004.
- LATOUR, Bruno. Le métier de chercheur: regard d'un anthropologue. Paris: Éditeur INRA, 1995.
- LEMINSKI, Paulo. Distraídos Venceremos. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. La vie em close. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- LELOUP, Jean-Yves. O corpo e seus símbolos: uma antropologia essencial. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MARQUES, Mario Osorio. Escrever é preciso: o princípio da pesquisa. Ijuí: Unijuí, 1998.
- MORÃO-FERREIRA, David. In. NEJAR, Carlos (Org.). Antologia da poesia portuguesa contemporânea a partir de Vitorino Nemésio. São Paulo: Massao Ohno / Roswitha Kemp, 1982.
- MORIN, Edgar. Amor, poesia, sabedoria. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- NABOKOV, Vladimir. Lolita. São Paulo: Abril Cultural, s/d.
- NIETZSCHE, F. Assim Falou Zaratustra. São Paulo: Linoart – Circulo do livro, s/d.
- _____. Ecce homo: de como a gente se torna o que a gente é. Porto alegre: L&PM, 2006.
- OLIVEIRA, Valeska Fortes de (Org.). Narrativas e saberes docentes. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.
- COSENTINO, Olga. Eduardo Pavlovsky: soy como um lobo, siempre voy por El borde. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2008.
- PERES, Lúcia Maria Vaz. Os caminhos e os desassossegos no tornar-se professor(a). In. OLIVEIRA, Valeska Fortes de (Org.). Narrativas e saberes docentes. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.
- POE, Edgar Allan. Os melhores contos de Edgar Allan Poe. Tradução: José Paulo Paes. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.
- RAMIL, Vitor. A estética do frio: conferência de Genebra. Porto Alegre: Satolep, 2004.
- RILKE, Rainer Maria. Cartas a um jovem poeta. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- SCHOPENHAUER, Arthur. Parerga e paralipomena: pequenos escritos filosóficos. In. Os pensadores: Schopenhauer. São Paulo: Nova cultural, 1999.

_____. A arte de ser feliz: exposta em 50 máximas. São Paulo: Martins fontes, 2001.

_____. A arte de escrever. Porto Alegre: L&PM, 2007.

_____. Da morte; Metafísica do amor; Do sentimento do mundo. São Paulo: Martin Claret, 2002.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. Um discurso sobre as ciências. 11^a edição. Porto / PT: Afrontamento: 1999.
